

ILUSTRAÇÃO



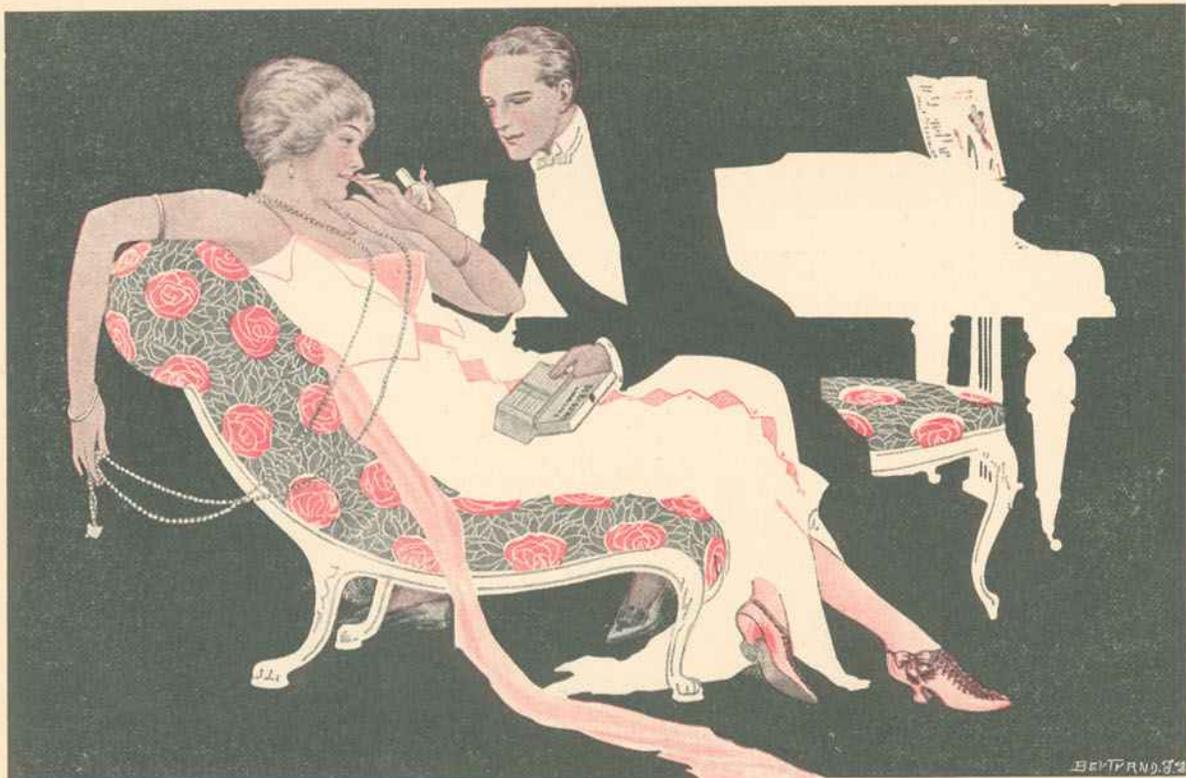
ROQUE GAMEIRO — PROCISSÃO NA PROVINCIA

1.º ANO — Número 7

Lisboa, 1 de Abril de 1926

PREÇO 4,500

A revista portuguesa de maior tiragem e expansão



DeReszke

A venda na Tabacaria "A PHENIX"
131, Rua 1.º de Dezembro 133 — LISBOA
E NAS PRINCIPAIS TABACARIAS DO PAÍS



CIGARETTES

TURCOS — EGIPCIOS — VIRGINIA

AGENTES GERAIS EM PORTUGAL

H. MITCHELL, L.^{DA}

Travessa da Ribeira Nova, 26 — LISBOA

BELEZA NA DECORAÇÃO

O uso de uma tinta de qualidade superior como o PINTAMUR, dá aos vossos madeiramentos e paredes interiores um encanto e distinção que não se pode obter com qualquer outra tinta vulgar.

PINTAMUR é uma tinta a óleo que permite alcançar um acabamento aveludado, delicado, rico e de tão grande duração que se pode usar com a maior confiança sobre estuque, madeira, ferro ou pedra. Pode lavar-se sem receio de fendas ou arranhaduras. É mais barata que a Tinta a água e de maior duração.

Agentes geraes para Portugal: H. MITCHELL, L.^{DA}
26, TRAVESSA DA RIBEIRA NOVA, 1.º — LISBOA

PINTAMUR



PINTURA A OLEO PARA DECORAÇÃO

J. G. Rugeroni, 67, Rocio — LISBOA



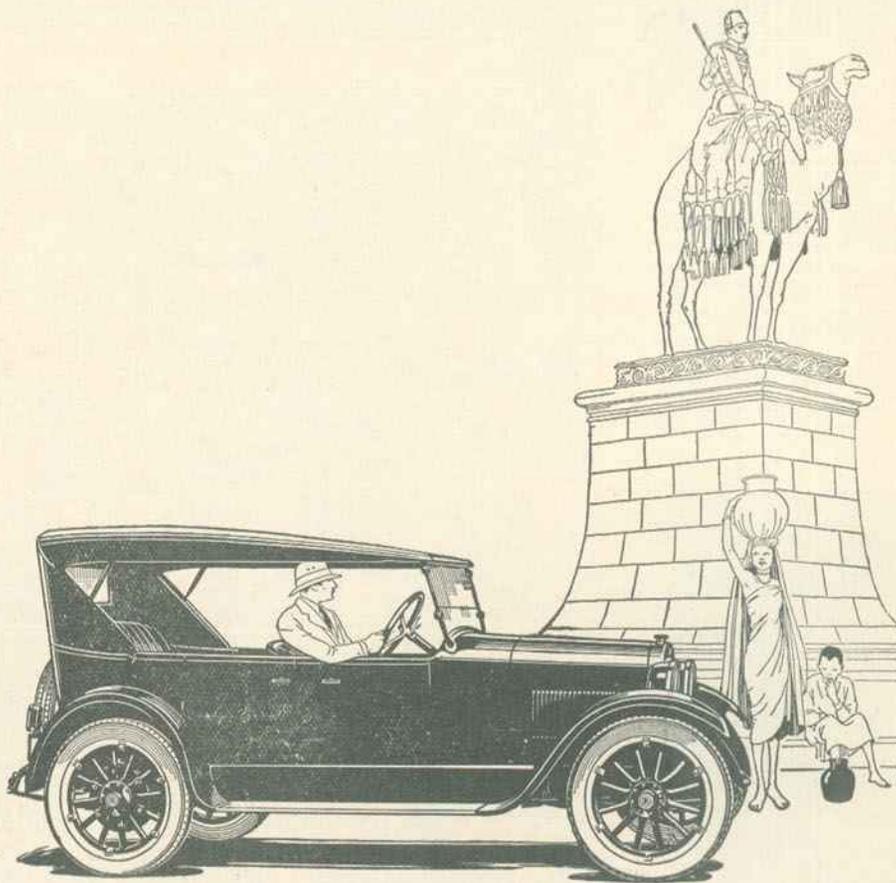
DODGE BROTHERS

“Dodge Brothers”, Inc., é quem maior percentagem de aço emprega no fabrico dos seus automóveis.

É esta uma das principais razões da sua já bem conhecida resistência e que bem explica a honrosa preferência de que gosam em tôda a parte.

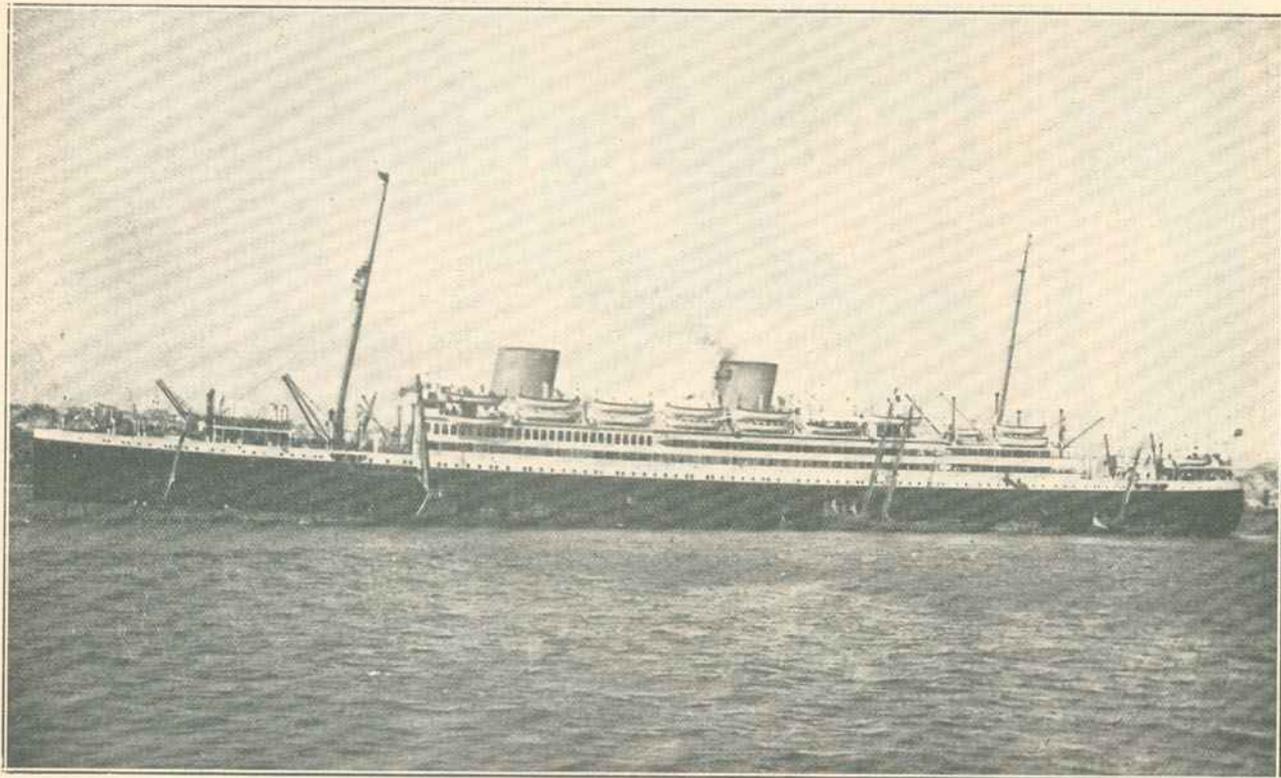
BERNARDINO CORRÊA, L.^{DA}

1, AVENIDA DA LIBERDADE LISBOA



O MAIOR PAQUETE A SUPER-
MOTOR ACTUALMENTE EXISTENTE

“ASTURIAS” — Mala Real Inglesa

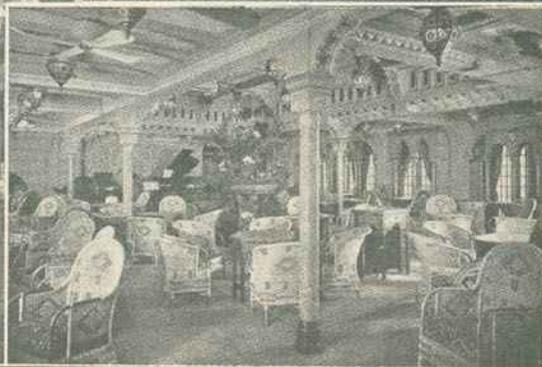


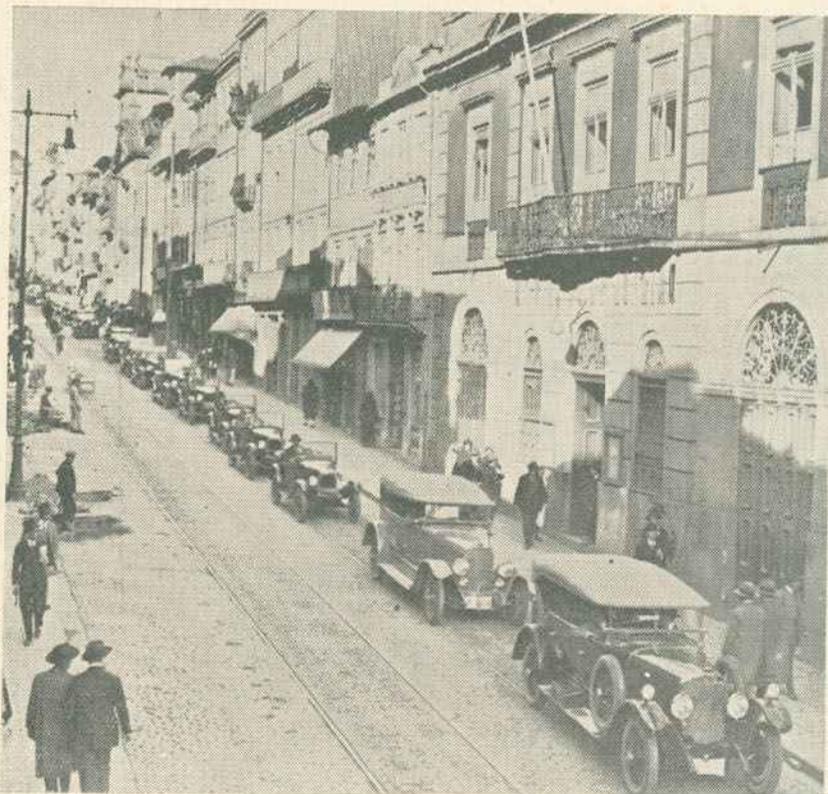
O «ASTURIAS», o mais recente dos famosos navios «A» da Companhia da Mala Real Inglesa, é um magnífico barco com duas hélices, de 22.500 toneladas.

A opinião geral é que o navio é um dos barcos mais notáveis que tem saído dos estaleiros Harland & Wolff Ltd., a firma cuja história é notável por coragem e ideias progressivas, tanto em arquitectura como em engenharia marítima. Barco de elegantes linhas, com luxuosos compartimentos para a acomodação dos seus passageiros, com dois motores de Hoiland B. & W., cada um de 8 cilindros de duplo efeito, e desenvolvendo uma potência de 20.000 cavalos, é notável e justifica completamente o interesse mundial que tem despertado.

Destinado pela Companhia da Mala Real Inglesa ao serviço da América do Sul, o «ASTURIAS» estabelecerá um novo record pelo conforto e luxo. De grandes dimensões, tem 665 pés e 8 polegadas por 78 pés por 45 pés — o novo barco tem acomodação para perto de 1.800 passageiros e tripulação. Todas as exigências do British Board of Trade e dos varios governos interessados foram cumpridas. Há 17 salas no barco de fina arquitectura, incluindo a Sala de Jantar de Primeira Classe, de dois sobrados de pé direito com sua vasta superfície, a Sala de Reunião, o Lounge, o Jardim do Inverno, Fumoir, Piscina pompetiano, Sala de Brincar para crianças e outros apartamentos assegurando a mais agradável amenidade para os jovens e velhos.

Os camarotes são os melhores em conforto e luxo, todos têm água quente e fria.





Os automóveis «MERCEDES», «BENZ» e «CITROËN» são, na sua categoria, os carros europeus, mais chics, mais acreditados e mais económicos do mundo.

E assim é, que hoje em todas as grandes cidades da Europa, eles rolam em tão grande número, que é frequente provocarem a «embouteillage» das grandes artérias.

O Porto não poderia ficar atrás, honra lhe seja feita.

A nossa fotografia, representa uma enorme caravana destes acreditados automóveis há dias chegados ao Porto e à sua passagem pelo nosso colega o *Primeiro de Janeiro*.

Confeitaria Oliveira

— PORTO —

Casa esmerada na confecção de todos os seus artigos, com um primoroso SERVIÇO DE CHÁ nas suas casas

PRAÇA C. ALBERTO, 105
RUA 31 DE JANEIRO, 183

RESTAURANTE DE FINÍSSIMA ORDEM



Quando se sentir

Muito fraco, exausto, neurastênico, com falta de apetite, use o incomparável vivificante

CYTOGENOL

Nas doenças consumidoras, no depauperamento e até na tuberculose o CYTOGENOL produz resultados certos e duradouros

À venda na
FARMÁCIA POMBEIRO
R. Cedofeita, 11 - PORTO

SER PREVIDENTE

é o dever de todos aqueles a quem o futuro preocupa.

Tem algum Monte-Pio?

Já fez o seu seguro de vida?

Procedeu bem, e com isso mostra que é previdente. Mas nós preconizamos uma nova forma de adquirir os meios indispensáveis para se assegurar um fim de vida feliz, tranqüilo e sem preocupações.

COMO? Inscrevendo-se em qualquer dos nossos prémios de Esc. 500000 e Esc. 5.000000.

Para esclarecimentos dirigir um simples postal a

CAPITAL BUSINESS

Rua de Sá da Bandeira, 331, 3.º — PORTO

PREMIOS PAGOS ATÉ HOJE ESC. 15.500000



REBELLO
DE ANDRADE & ALCOBIA^{l^{da}}
LARGO DO CARMO 15
LISBÔA

CONSTRUÇÕES DECORAÇÕES MOBILIÁRIO

PROJECTOS
DE
ARQUITECTURA

ARTIGOS
DE
DECORAÇÃO



Toma
Veramon
Veramon-Schering

em comprimidos é o melhor remédio
especialmente contra as dores de
cabeça e dos dentes. Não faz sono.

A' venda em todas as farmacias.

CIGARROS ARAKS

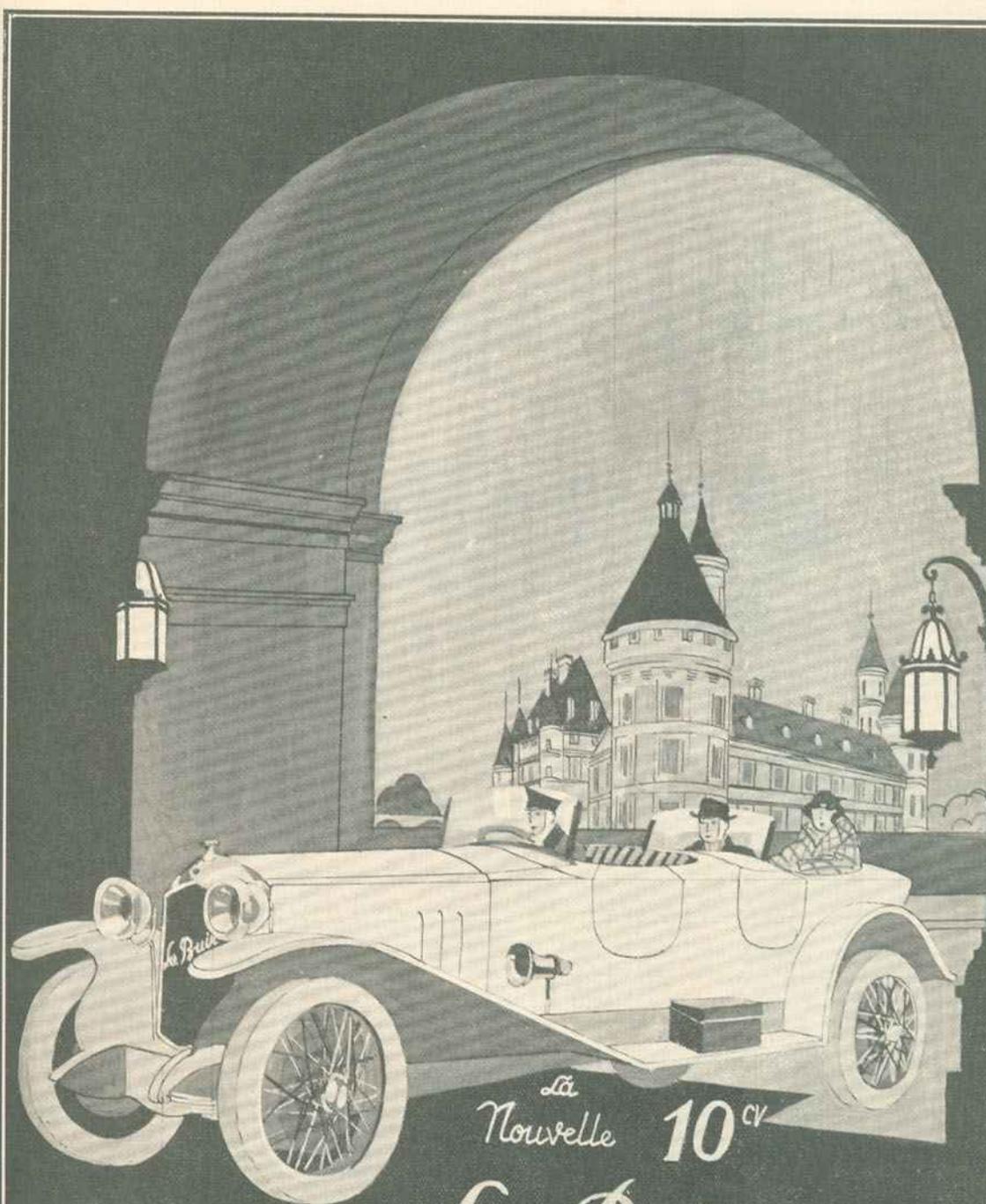


LA REINE DES CIGARETTES EGYPTIENNES
En Vente Partout

EGIPCIOS DA MAIS FINA QUALIDADE
E AROMA

À venda em toda a parte

Importadores: V. Contreras & Filho
R. 1.º de Dezembro, 7



La
Nouvelle 10^{CV}

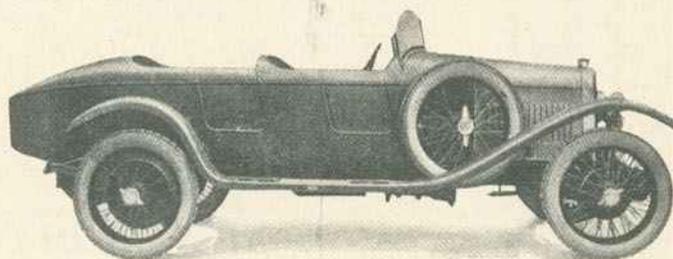
La Buire

vous fera honneur et vous donnera satisfaction

Ô 10 HP, LA BUIRE é possante e robusto, trepador incomparável, agradável a conduzir e duma apresentação impecável; ela realiza o tipo aperfeiçoado da carruagem moderna. — Pedir catálogos que serão enviados.

AGENTES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLONIAS: Almeida & C.^a L.^{da} — Rua dos Clérigos, 80 — PORTO

AUTOMÓVEIS TH. SCHNEIDER



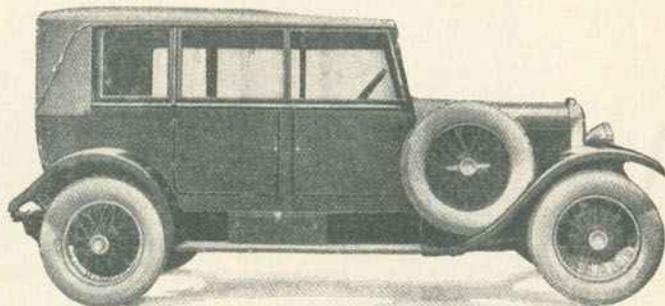
O que dizem os criticos:

.....
Quer se trate do 10 HP. turismo, quer do 10 HP. Sport, a mesma directriz se encontra: estabelecer um automóvel impecável, agradável a conduzir, munido dos melhores aperfeiçoamentos, entre os mais modernos, susceptível de receber uma carroserie espaçosa e confortável.

CHARLES FAROUX

.....
Ha muitos anos que estudo o automóvel e o seu meio, e um fenómeno inexplicável me impressiona: a dificuldade que há em fazer compreender aos construtores que os seus automóveis se destinam ao publico. E eis que encontro um que rialisa todas as concepções práticas.

BAUDRY DE SAUNIER



Agentes exclusivos para Portugal e Colónias

H. QUEIROZ, L.^{DA} (ENGENHEIROS)

Telefone: N. 3655 — RUA BRAAMCAMP, 12-A a 12-D — LISBOA

INVICTA PROGRESSIVE SYSTEM

Quer dez contos? Quer quinze contos?
Quer cem contos? Quer duzentos contos?

HABILITE-SE AOS NOSSOS PRÉMIOS:

COM	}	5\$00 habilita-se ao de	10.000\$00
		7\$50 " " "	15.000\$00
		12\$50 " " "	100.000\$00
		25\$00 " " "	200.000\$00

Com qualquer destas quantias compra uma carta com quatro cartões para passar a quatro pessoas das suas relações, reembolsando no prémio de dez contos, quatro escudos, ficando-lhe a habilitação por um escudo; no de quinze contos reembolsa seis escudos, custando-lhe a inscrição um escudo e 50 centavos; no de cem contos reembolsa dez escudos gastando somente na inscrição, dois escudos e cinquenta centavos no de duzentos contos vinte escudos.

Logo que tenha passado os quatro cartões e as pessoas a quem os passar, requizitem as respectivas cartas, fica devidamente habilitado a receber o prémio, na sua devida altura.

Se não quiser ter o incomodo de passar os cartões tomaremos o encargo de os vender a outras pessoas, perdendo apenas o custo dos cartões, mas ficando habilitado a receber o prémio.

Os prémios serão pagos em fracções; nos dez contos receberá finda a 5.^a série depois da que tiver **300\$00**, igualmente na 6.^a, 7.^a e 8.^a série respectivamente **700\$00**, **1.500\$00** e **7.500\$00**; no de quinze contos finda a 5.^a série, depois da que tiver, **400\$00**, igualmente na 6.^a, 7.^a e 8.^a respectivamente **900\$00**, **2.000\$00** e **11.700\$00**; no de cem contos finda a 5.^a série, depois da que tiver, **2.500\$00**, igualmente na 6.^a e 7.^a série, respectivamente Esc. **5.000\$00** e **92.500\$00**, no de duzentos contos a 5.^a série depois da que tiver **5.000\$00** igualmente na 6.^a e 7.^a série **10.000\$00** e **185.000\$00**.

Cotações do prémio de	200.000\$00
Senha inicial	3.000\$00
1. ^a série	500\$00
2. ^a "	100\$00
3. ^a "	50\$00

As quantias indicadas neste quadro serão pagas pela casa contra a entrega dos respectivos vales caso os seus possuidores os desejem já vender.

CONSULTAR ÊSTE QUADRO TODOS OS DOMINGOS

Alguns inscritos destas séries ainda teem as ramificações incompletas não podendo portanto liquidar pelas cotações senão depois de completarem a respectiva passagem.

Prémios de 10, 15 e 100 contos as cotações destes prémios serão brevemente publicadas.

BRINDE DE UMA LIBRA

Atendendo ao grande desenvolvimento obtido no prémio dos Duzentos Contos devido ao nosso brinde, a pedido de muitas pessoas interessadas nos prémios dos 10, 15 e 100 contos resolvemos para adiantamento dos mesmos conceder durante o mês de Fevereiro e Março a todas as pessoas que se inscrevam em conjunto nos 3 prémios, no brinde libra ouro no acto da inscrição. A inscrição nos 3 prémios custa só **25\$00** e mais **3\$00** para despesas do correio e registo.

Também concedemos o brinde libra ouro a quem se inscrever no prémio de 200 contos, enviando-nos **25\$00** preço da inscrição e mais **2\$00** para despesas de porte.

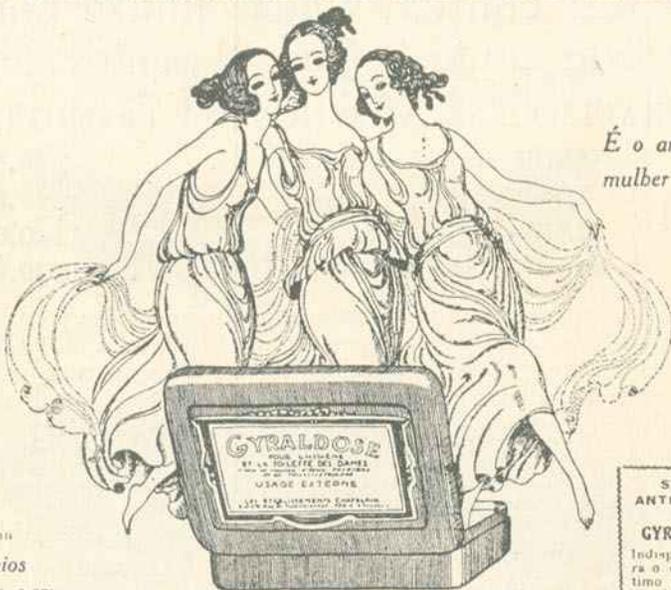
Não se atendem pedidos que não venham acompanhados da respectiva importância e igualmente não se responde a cartas que não tragam um escudo para resposta

RUA FORMOSA, 99, 1.º — PORTO

GYRALDOSE

para os cuidados intimos da mulher

Excelente producto não toxico, descongestionante, antileucorreico, resolutivo e cicatrizante. Cheiro muito agradável. Uso continuo muito economico. Da um verdadeiro bem estar.



É o antiseptico que toda a mulher deve ter no seu toucador.

Comunicações
Sistema de Medicina
14 Outubro 1913

Etablissements Chateau

12 Grandes Premios

2, Rue de Valenciennes, Paris, e em todas as Farmacias.

A GYRALDOSE da elegancia e saude

SABAO ANTISEPTICO de GYRALDOSE

Indispensavel para o cuidado intimo e as doencas da pele e do couro cabeludo.

OVULOS de GYRALDOSE

de congelamento e antisepticos, preventivos e curativos das doencas das senhoras

A. VINCENT, LDA - CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL e COLONIAS Rua IVENS, 56 - TEL. 1858. C.

DENTIFRICOS

PASTA, PÓ, OU SABÃO

DOS RR PP

BENEDICTINS

DE SOULAC



O BENEDICTIN de SOULAC é o unico DENTIFRICO cujas qualidades hygienicas são appropriadas aos cuidados da bocca. É absolutamente inofensivo.

O BENEDICTIN é um producto francez UNIVERSALMENTE ADOPTADO

REPRESENTANTE E DEPOSITARIO PARA PORTUGAL
A. VINCENT, Rua Ivens 56, LISBOA



AS MEIAS de LINHO

de PRINTEMPS

de qualidade

GARANTIDA

Venda exclusiva

AU PRINTEMPS, R. Ivens 56, LISBOA

UN JOUR VIENDRA



Perfume
Perturbante
Penetrante

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

TEINDELYS



ARYS

3, Rue de la Paix
PARIS

Pó adherente
Impalpavel

(TODAS as Farmacias)

TEINDELYS

Creme para
o rosto

dá uma
Cór de Lya



Mantem o
pó e assegura
uma excelente
caracção

ARYS 3, rue de la Paix PARIS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

TIP. DA EMPRESA
DO ANUÁRIO COMERCIAL

P. dos Restauradores, 24-Lisboa

ILUSTRAÇÃO

Propriedade e Edição:

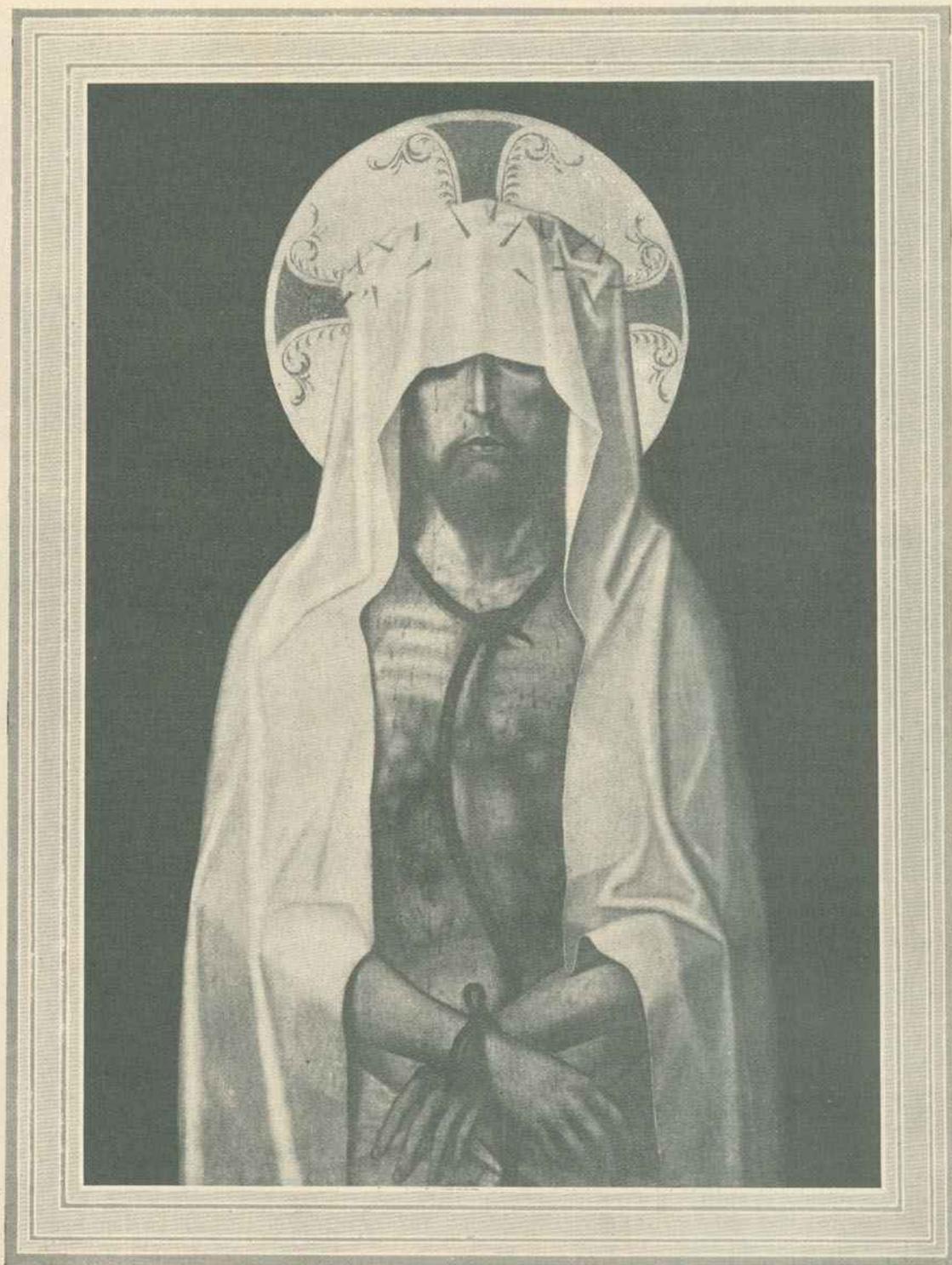
AILLAUD, L.^{DA}
R. Anchieta, 25 — Lisboa

DIRECTOR: JOÃO DA CUNHA DE EÇA

ANO 1.º — N.º 7

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

1 DE ABRIL DE 1926



ECCE HOMO

TÁBUA DOS FINIS DO SÉCULO XV, EXISTENTE NO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA E CLASSIFICADA COMO PERTENCENTE À ESCOLA PORTUGUESA.
PELA GRANDE IMPRESSÃO DE MISTÉRIO QUE ENVOLVE A FIGURA, ALGUÉM LHE CHAMOU «A ESFINGE DA ARTE CRISTÃ».

CRÓNICA DA QUINZENA

QUINZENA cheia como um ovo: dissociação cada vez maior da Sociedade das Nações, Limitada; aflicção febricitante dos políticos por causa do abaixamento de temperatura da aliança anglo-lusa, considerada por aquêles como a errata permanente e cômoda a todos os disparates que fazem; o caso dos Tabacos sempre fôgosamente discutido, para confirmação de não haver fumo sem fogo, e maior certeza de que vários patriotas se preparam para engolir o fumo, deixando a pátria a cuspir.

Mas tudo isto, além de outras tristezas que se omitem por conveniência de paginação, não se coaduna com o tempo festivo em que a Crónica terá de sair a lume. Não falemos, pois, de coisas tristes; gozemos a Páscoa da Ressurreição com o espirito liberto do espectáculo oferecido pela agonia das mais belas quimeras, e pela podridão de uma politicagem convencida de que Portugal pode ser diariamente estropiado pelos actos concretos dos ministros portugueses e diariamente curado pelas simples palavras dos ministros britânicos. Desviemos os olhos e as idéias para outras vistas mais consoladoras do que a insistência dos vermes que se encarniçam sobre o cadáver político e económico de uma nação moralmente defunta. E tratemos de gente viva, de coisas vivas; tratemos, por exemplo, de Eça de Queirós e do seu génio; da sua fama que varou as fronteiras da pequena pátria que elle fez grande, e que as gerações militantes que vieram depois da sua morte não tem feito senão diminuir e envergonhar.

Tem-se perguntado por aí se Eça de Queirós seria português, e respondido afoitamente que não passou de um francês mal disfarçado. Mas agora vem um critico espanhol, o ensaista erudito e observador que nas columnas de *El Sol* assina *Gaziel*, e qualifica de «peninsular» o riso de Queirós, e liga directamente com Cervantes — nada menos — o grande escritor português: «Desde que Cervantes morreu ninguém no mundo voltára a rir à maneira d'êlle. Parecia que o seu riso, além de extinguir-se no individuo, se havia acabado também como género... Mas, ao cabo de três séculos, ao ressoar na Península o riso de Queirós, um ouvido fino teria muito bem podido considerá-lo como continuação do riso cervantino...»

Depois de ter assim aproximado Eça de Queirós do maior escritor espanhol de todos os tempos, *Gaziel* esboça lucidamente as diferenças que separam os dois, como os separam as épocas; e volta em seguida a retiní-los pela indole comum da sua ironia: «O riso de Queirós, filho de uma época de extrema decadência, como o de Cervantes, nascido na suavidade de um esplêndido outono, possuem o mesmo sentido humano: a piedade. E esta piedade, com o sabor delicioso que tem, para os que estão se-

quiosos de equilibrio, de temperança e de justiça, ante a dor, a violência, a loucura e a estupidez do mundo — procede do mesmo sal divino da bondade, mas de uma bondade que não é renúncia mística, nem mundana ambição defraudada, nem paixão duramente abatida, senão antes mansidão natural: amargura profunda do espirito, a reflectir-se numa extrema candidez e juventude do coração.»

Se da essência profunda do génio de Queirós passarmos à expressão ou à forma que esse génio assumiu, tais como as julgam alguns dos melhores escriptores de Espanha, veremos o mesmo *Gaziel* afirmar que Eça de Queirós teve, por cima das suas muitas qualidades e dos seus defeitos, «aquella virtude misteriosa e suprema, que é o signo revelador, a estrêla posta na fronte dos eleitos: a sua pena era como varinha mágica; tudo aquilo em que tocava se convertia em luz.» E acrescenta: «Por muito que vos interesse o que elle diz, sempre vos interessará mais ainda a singular e inimitável maneira sua de dizê-lo. De todos os materiais lingüísticos por elle manejados e que uma análise minuciosa possa tachar de deficientes ou impuros, Queirós fazia uma síntese inconfundível, de plasticidade, colorido, relêvo, concisão e elegância únicas. E que é isto, senão a mais bela faculdade do verdadeiro escritor?» Por último, aprecie e medite bem o leitor português esta síntese, em que o citado critico espanhol condensa a sua opinião sobre Eça de Queirós: «A meu juizo, é elle não só um dos maiores escriptores ibéricos do século XIX, senão também um dos exemplares de escritor mais típicos, de todos os povos e de todos os tempos.»

E agora oiçamos o sr. E. Gomez de Baquero, critico e académico bem conhecido entre nos e um dos grandes luzeiros da Espanha renovada. Êste considera Eça de Queirós como «o primeiro novelista peninsular do século XIX». E, depois de recordar, com plenissima ruzão e verdade, que a novela espanhola dos séculos XIX e XX leva grande vantagem à portuguesa pelo volume, quantidade e variedade de autores de primeira ordem, chama a Eça de Queirós «grande evocador da Vida e maravilhoso prosista», e diz que a novelística espanhola d'estes dois séculos não tem ninguém «que supere nem sequer iguale a Eça de Queirós, na suprema graça da expressão, no equilibrio maravilhoso da força plástica com a fantasia e a perfeição da forma, tão viva, tão pessoal e ao mesmo tempo tão cheia de naturalidade, alheia a todo o prurido casticista, linguagem de criador, estilo de renovador do idioma literário.»

Pará nós, Portugueses, é delicioso saborear estas opiniões expressas na mesma nobre lingua em que tem escrito Valera, Pedro de Alarcón, Galdós, Unamuno, Blasco Ibañez, Valle Inclán, Pérez de Ayala, José Ortega y Gasset, e tantos

grandes prosadores ou novelistas, modernos ou contemporâneos, que honram a admirável literatura que se honra de Cervantes. Mas, ¿serão realmente agradáveis para todos os portugeses estas autorizadas, sinceras e insuspeitissimas contra-provas de que o génio literário de Portugal existia, no século XIX, tão vivo, tão peninsular e tão universal como no XVI?

Somos muito politicos, não no sentido objectivo e pratico de construirmos seja o que for pela politica, mas à feição personalista de gente que se apaixona, e evapora em intolerâncias de seita ou facção tôda a sua mal-empregada energia. E como não logramos comprehender os programas nebulosos ou sonâmbulos de alguns dos partidos actuaes, nem sympathizar com a grosseria hipocrisia de outros, filiamo-nos em partidos archeológicos, e somos ferozmente sebastianistas ou anti-sebastianistas em historia, vicentistas ou infantistas em arte, e assim por diante.

Vejo nos jornais que existe e parece que prospera uma valente *Comissão pró-milagre de Ourique e pró-Côrtes de Lamego*; e dizem-me que algures se prepara um plebiscito para responder à pergunta *Eça, ou Camilo?* — tão lógica e tão urgente como seria esta outra: *Trouxas de ovos, ou couve-flor?*

Em-fim: algum dia havemos de acordar, e abrir os olhos para o mundo das realidades. O que não se sabe ainda é onde, quando e como fabricaremos o necessário despertador.

AGOSTINHO DE CAMPOS.

AS NOSSAS TRICROMIAS

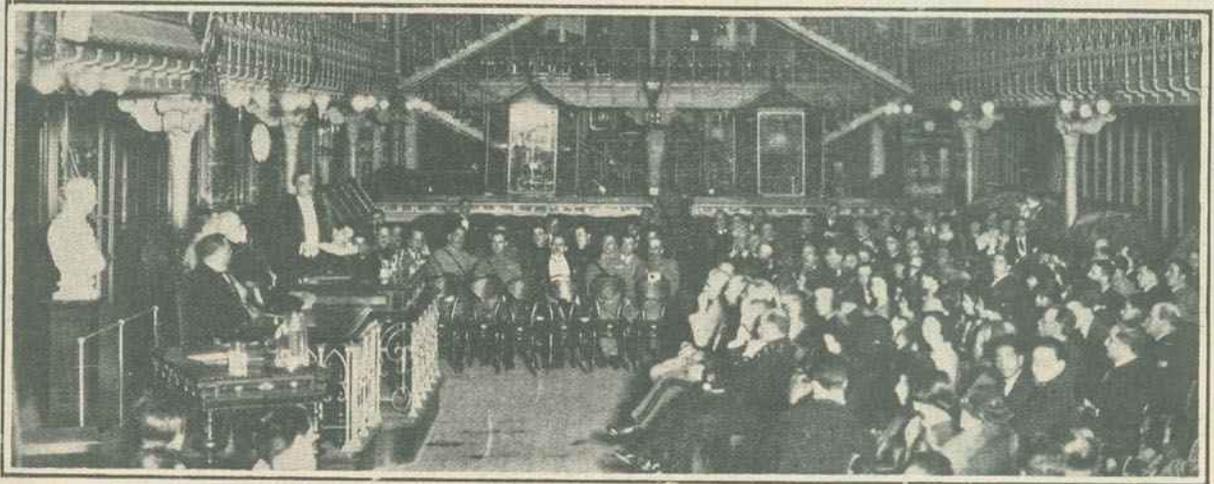
A «Ilustração», rendendo as maiores homenagens a Columbano Bordalo Pinheiro, o insigne mestre da nossa pintura contemporânea, cumpre o gostoso dever de patentear-lhe o seu reconhecimento pela merec por êle concedida de reproduzirmos a notável tela *Cristo Crucificado*, ainda no seu atelier e, portanto, inédita.

O quadro *O Beijo de Judas*, também reproduzido, é de Miguel Ângelo Lupi, pintor que viveu de 1826 a 1883, sendo considerado uma das melhores obras do Museu Nacional da Arte Contemporânea.

Outra tricromia, esta estampada na capa, é da autoria de Roque Gameiro, reputado mestre da aquarela. Ela reproduz admiravelmente os tipos portuguezes das procissões antigas.

Por último, o *Inferior* representa um canto de sala estilizado, cujos móveis e mais objectos, todos de absoluta autenticidade, são os seguintes: Tapeçaria d'Aubusson, com personagens do séc. XVI — Pintura (retrato) séc. XVIII, segundo Madame Vigñé Lebrun — Duas serpentina de cristal de rocha Luis XVI — Relógio e dois castiçais Luis XV — Mesa Luis XVI — Terrina estrasburgo Luis XV — *Fauteuil* «raies de cœur» e seda Luis XVI — *Fauteuil* de casa de campo Luis XV — *Potiche* chinesa antiga, séc. XVI — Dois vasos guarnecidos e flores, de porcelana de Saxe — Almofada Luis XV — Tapete da Índia séc. XVIII, dito «tapete de rezar».

Cabe ainda nesta nota um elogio, de todo o ponto justo, aos artistas — gravadores irmãos Bertrand, que em oito dias executaram e com tanta pericia as tricromias. Igualmente merece a nossa gratidão o sr. Fernando Bordalo Pinheiro, que nos tem acompanhado sempre com um zêlo inexcedível como fotograavador.



Aspecto da assistência à sessão de homenagem aos mortos da Aviação Portuguesa, promovida pela Federação Académica de Lisboa — efectuada na sala «Portugal» da Sociedade de Geografia, sob a presidência do Chefe do Estado.



Couvivas do banquete da Union Franco-Portugaise, realizado no Café Tavares em 20 de Março e em que Mr. dr. Cottard-Toutain teve ensaio de pronunciar um belo discurso marcando os estreitos laços de simpatia que ligam a França a Portugal.



O novo ministro do Japão em Madrid e Lisboa saindo do Palácio de Belém, onde foi apresentar as suas credenciais ao sr. President da República

No funeral do vice-almirante sr. Guilherme Augusto de Brito Capelo, a quem a administração das nossas colónias tão brilhantes serviços deve: o 1.º turno no cemitério dos Prazeres, no qual tomou parte o sr. Ministro da Marinha



D. José Maria Cantillo

CONFÉ-
RÊNCIAS
NO
SALÃO
DE
S. CARLOS.



Berta Singerman

No dia 27 de Março, à hora do regimento, 5 e meia da tarde, realizou-se no salão de S. Carlos a primeira conferência da série promovida este ano pela *União Intelectual Portuguesa* e pela *Sociedade dos Escriitores Portugueses*. Série organizada pelos delegados de cada uma daquelas entidades, respectivamente os escritores António Sérgio e Sousa Costa, compreende um notável elenco de conferencistas nacionais e estrangeiros. Foi um dos estrangeiros, o sr. D. José Maria Cantillo, ilustre ministro da Argentina em Portugal, quem abriu a série. Se-

nhor duma larga cultura humanista adquirida em França no curso geral do colégio *Stanilas* e na *Sorbonne*; poeta provado através das rimas dos *Jardins de France* e prosador experimentado na traça da novela e na vivacidade do artigo de revista e de jornal, de que temos numerosos documentos no *Mercure de France*, na *Revue de Paris* e em diários do seu país, o sr. D. José Cantillo produziu uma admirável conferência acerca da literatura argentina. E a autenticar o estro de cada um dos poetas citados, recitando-os magistralmente, ouviu o salão,

extasiado, a voz de prodígio da grande Berta Singerman.

A apresentação do sr. D. José Cantillo e de Berta Singerman, foi feita, em curtas, calorosas e entusiásticas palavras, pelo sr. dr. Sousa Costa.

E agora, todos os sábados, às cinco e meia da tarde, até ao último sábado de Maio, o salão de S. Carlos oferece aos seus frequentadores, a elite intelectual do nosso meio, o encanto sugestivo e a lição amável dalguns dos nossos melhores conferencistas.



Aspecto da assistência à brilhante *soiree da mi-carême* que o «Avenida» Club, agremiação de recreio há pouco fundada, realizou nas suas salas

Grupo obtido no animado baile que, precedido de sessão cinematográfica, os alunos do Liceu Gil Vicente promoveram no ginásio daquele estabelecimento de ensino



SOCIÉDADÉ ELEGANTE

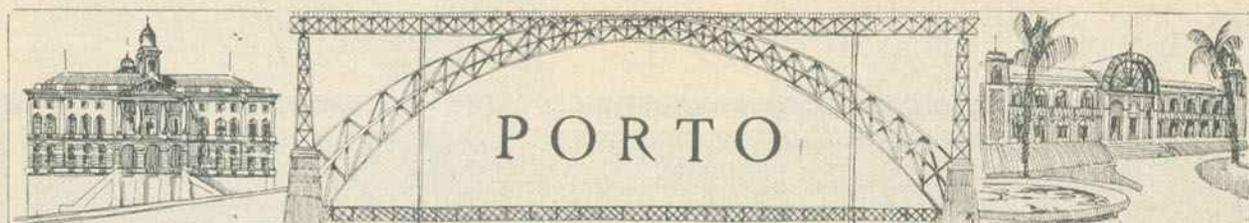
UM CASAMENTO
ARISTOCRÁTICO

O casamento da sr.^a D. Maria Francisca de Castelbranco Pinto Basto, gentil filha da sr.^a D. Constança de Castelbranco Ferreira Pinto Basto e do sr. João Teodoro Ferreira Pinto Basto, com o sr. Conde de Ebone (Carlos), filho mais velho dos srs. Conde de Bobone.

A cerimónia religiosa realizou-se em capela armada na aristocrática residência dos pais da noiva, sendo o acto celebrado pelo rev. Augusto Araújo, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Paraninfaram as sr.^{as} D. Izilda Ferreira Pinto Basto e D. Margarida Ferreira Basto de Almeida, respectivamente avó e irmã da noiva, e os srs. Fernando Testa e Alvaro de Lencastre de Araújo Bobone, irmão do noivo.

Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção.



O sr. Cunha Leal proferindo uma conferência no Ateneu Comercial do Porto, depois da formação, sob a sua chefia, do novo agrupamento político resultante da scisão do Partido Republicano Nacionalista.



Aspecto dos assistentes à referida conferência



O ministro da Marinha, sr. Comandante Pereira da Silva, a bordo do rebocador da Junta Autónoma do Porto, na baía de Leixões, apreciando os vários planos das obras a realizar ali

Um belo salto de parelhas dos ar.º tenentes Moraes Sarmento e Luís Retumba, na 3.ª poule hípica realizada no campo de obstáculos do Bessa, ponto de reunião da primeira sociedade portueuse



Carlos Carneiro, artista portueuse que realizou uma brilhante exposição de desenhos em Lisboa, obtendo grandes elogios da crítica e dos numerosos visitantes. As suas máscaras e a sua galeria da grande guerra foram alvo de calorosa admiração

SOCIEDADE

ELEGANTE

DO

PORTO



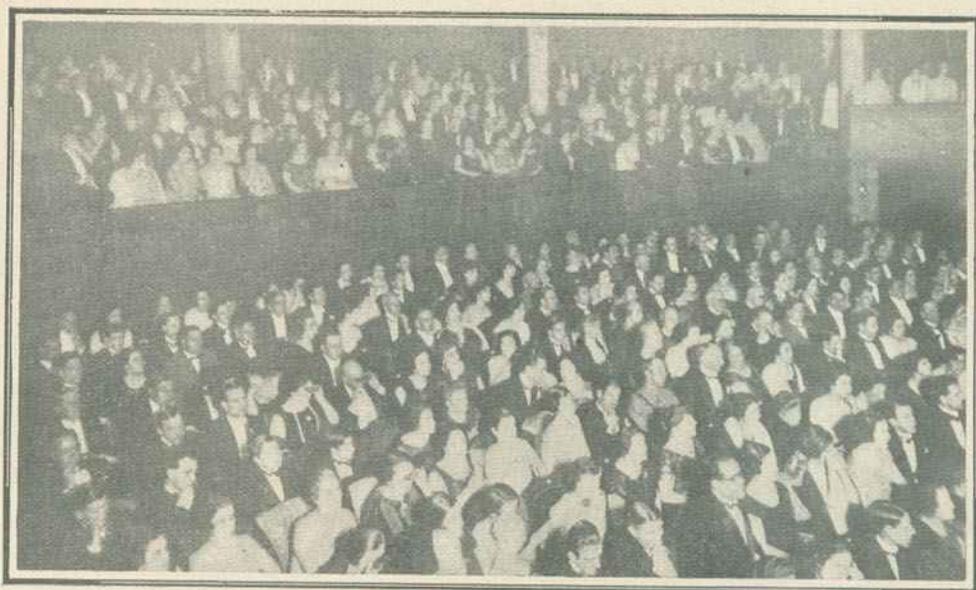
A comissão que levou à scena no Teatro de S. João na noite de 16 de março e para fins de beneficência, a peça *Sociedade onde a gente se aborrece*, acompanhada dos respectivos intérpretes, todos distintos amadores do melhor meio mundano do Porto, vendo-se ao centro do grupo a ilustre artista D. Lucilla Simões, que procedeu aos seus ensaios



Uma scena da representação da peça *Sociedade onde a gente se aborrece*



A scena final da revista *Port-Wine*, representada na *matinée* que no Teatro de S. João se realizou no dia 14 de março, a favor da Casa dos Jornalistas e do Grémio dos Artistas, havendo a nota curiosa de os papéis femininos serem interpretados por jornalistas daquela cidade



A assistência à referida recita de caridade no Teatro de S. João, apresentando a sala da linda casa de espetáculos um aspecto surpreendente

ESTRANGEIRO

LONDRES — Teoria de 14 raparigas eleitas, como as mais belas, num concurso efectuado na capital britânica. Leitor português, de enamorados olhos perante todo o palmelho de cara bonita, — que concluirás tu ao compará-las com as mulheres do nosso Portugal?

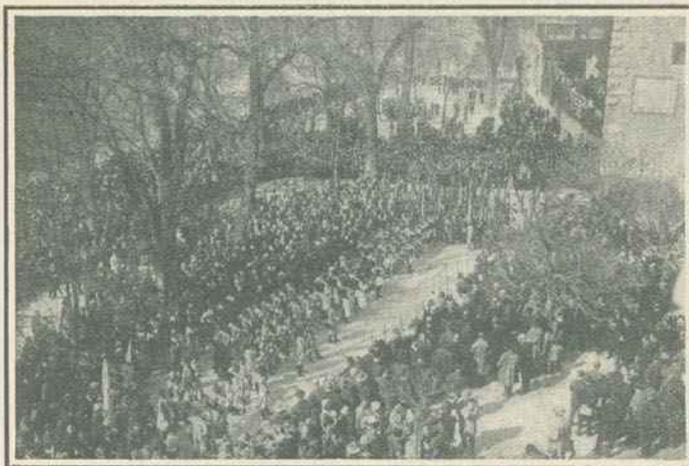


(Gliche ENIT)

ROMA — O dirigível «Norvegia», construído pelo engenheiro italiano Nobili e em que fará a sua viagem de exploração científica às regiões árticas a expedição Amundsen



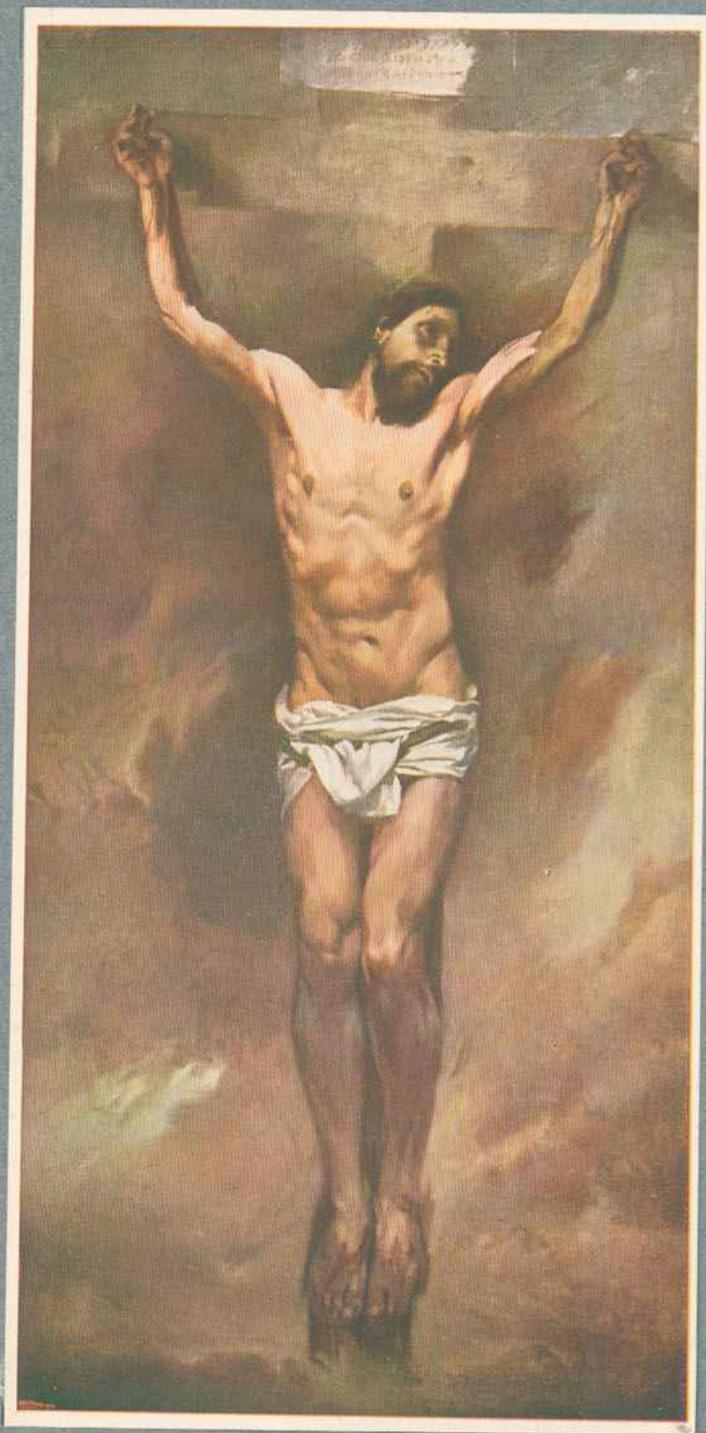
PARIS — Ecos da festa da *Mi-carême*. A rainha eleita com as suas damas de honor: três lindas flôres femininas d'esse jardim de galantaria e de prazer que será eternamente a cidade Mimi Pinson



GENEVA — A festa comemorativa da convenção assinada, há quatro séculos, entre os três cantões suíços de Friburgo, Genebra e Berna, pela qual nos respectivos cidadãos foram estabelecidas prerrogativas recíprocas



A multidão durante o discurso proferido na Câmara Municipal — Um grupo de populares com os seus trajes característicos



COLUMBANO — Cristo crucificado

A LIBERTANÇA

DORMIAM em quartos separados, havia muito tempo, desde que lhes nascera o último filho, um traquina que punha tudo fora dos seus lugares, como um ciclone... caseiro. Os dois quartos comunicavam por um porta com chave, que ela tinha o cuidado de fechar, todas as noites, antes de se meter na cama. Dormiam, assim, tão longe um do outro como o Gungunhana da sua favorita, prêsno no Castelo de Angra, rei deposto, sem côrte e sem vassallos, da sua grandeza antiga conservando apenas a memória e a saudade, e da sua própria família só conservando junto de si o pequenino Godide, herdeiro presuntivo... da palhota. Quasi sempre êle se erguia primeiro do que ela, e bem lavado, mal lavado, mandava que lhe servissem o almôço, e abalava de casa, todo o dia por fóra, gaudiando pela cidade, ouvindo aqui, escutando além, — nas lojas, nas tabacarias, nas boticas e nos cafés.

Fôra uma surpresa para toda a gente, aquele casamento, ela rica, êle pobre, ela esbelta, êle desageitado, ela sãdia, êle doente, irremediavelmente doente, na opinião dos médicos. — Fazem-se entre as pessoas, como entre as idéas, associações por contraste, segundo um mecanismo que a psicologia explica, naturalmente sem o rigor com que se fazem as demonstrações em geometria, mas por maneira satisfatória. A verdade é que ninguém compreendia aquele casamento, e como sucede, invariavelmente, perante um facto que não se compreende, cada qual o explicava a seu modo.

Aos vinte anos a Rosita, educada num colégio de Londres, fôra pedida em casamento por um rapaz de boa família, instruído como ela, bastante mais rico do que ela, moço galanteador que todas as mulheres desejavam, que todos os maridos temiam, embora êle não fosse, positivamente, um libertino como o famoso Casa Nova, um cavalheiro de Faublas, sem escrúlos que o detivessem na realização das suas conquistas amorosas. Ora succedeu que a Rosita, para fechar agradavelmente a sua vida de solteira, levando consigo uma velha amiga, que era uma amiga já velha, foi passar uns dias em Sevilha, por ocasião da Semana Santa, seguindo no mesmo comboio em que seguia o seu noivo, conforme o ajuste previamente estabelecido. Onde quer que apareciam, nas Ruas como nas Praças, nas Igrejas como nos Cafés, despertavam um grande movimento de curiosidade, que se traduzia em gestos de admiração e murmúrios de simpatia.

— Que guapa!
— Que hermoso!

Ser notada, em Sevilha, pela beleza e elegância; ver que todos os olhares, na capital andaluz, se prendiam à graça dos seus meneios, admirável escultura que faria o orgulho do mais afamado artista de todos os tempos, antigos e modernos, era para Rosita motivo duma satisfação íntima e trashbordante, porque lhe dava a consciência de ser digna do seu noivo, um admirável Antinus que todos os maridos temiam, que todas as mulheres desejavam.

No regresso, quasi em vespas das vespas, o noivo da Rosita adoeceu gravemente, com um ataque de gripe pneumónica, declarando os médicos, reunidos em conferência, que só por milagre êle poderia salvar-se.

O milagre não se fez, e logo a Moral pública, sempre gulosa de escândalos, entrou a comentar malevolamente o passeio de Rosita a Sevilha, chegando a afirmar que o enfermo, no delírio da febre, fizera revelações tremendas. Era falso; mas bastou que isto corresse, para que muita gente, na cidade, principalmente madamas, se pusesse em expectativa ansiosa, contando as semanas, contando os meses, inquirendo sollicitamente da saúde de Rosita — se estava mais gorda, ou mais magra, se comia de tudo com apetite ou tinha estravagâncias de paladar.

Durante um ano Rosita não pôs os pés na rua, ninguém a viu à janela e raras pessoas receberam em sua casa. Carregara-se de luto, como uma viúva, e passava horas esquecidas, todos os dias, a olhar o retrato do seu noivo, que lhe parecia agora mais belo, na refrangência das suas lágrimas.

Quando constou, um dia, que Rosita ia casar, volvidos cinco anos por sobre o seu passeio a Sevilha, a surpresa foi geral, tornando-se em pasmo ao saber-se que o noivo era aquele pobre Matias, feio e desengonçado, que desde pequeno sofria de ataques epiléticos, incapaz de reger a sua pessoa e bens, segundo a fórmula jurídica, sendo tristemente certo que êle nada tinha que reger.

Na botica do Pascoal, o mais bem frequentado centro de má lingua que havia na cidade, o ruído successo era comentado picarescamente, sem respeito e sem delicadeza, os comentários mais sangrentos obtendo o maior successo de gargalhada!

— Ora vejam como são as coisas! Toda a gente a dizer que o Matias não tem préstimo para coisa alguma, e êle, no fim de contas, até serve para tirar nodosas...

Casaram, e como se Deus abençoasse aquela união, conforme a linguagem bíblica, ainda não tinha quatro anos de casada e já a Rosita amantava o seu segundo filho, orgulhosa do seu casalinho de bebês, ambos fortes, ambos sãdios, ambos lindos como os amores — nem de longe parecidos com o pai.

Entretanto, a decadência física do pobre Matias fazia progressos notáveis, menores, todavia, que os da sua decadência moral. Ainda tinha vigor bastante para não parar em casa, todo o dia por fóra, gaudiando pela cidade, ouvindo aqui, escutando além, mas não se intrometendo nas conversas, não correspondendo aos cumprimentos que lhe faziam, nunca respondendo ao que acaso lhe preguntavam. Era um espírito doente num corpo aleijado, a caricatura dum homem envolucrando farrapos duma alma. Tinha agora ataques com mais frequência, e por mais duma vez, seguidamente ao ataque, manifestara propósitos de agressão, monologando injúrias e ameaças. Por isso ela, todas as noites, antes de se meter na cama, fechava a porta que punha em comunicação os quartos em que dormiam, ficando assim tão longe um do outro como o Gungunhana no Castelo de Angra e a sua favorita no Kraal de Manjacaze.

Casada e sem marido, aquela viuvez burlesca era uma tortura que a envergonhava. Na desolação do seu leito, pareciam-lhe intermináveis as noites, a evocar os tempos da sua mocidade florida, cheia de sonhos, a evocar, sobretudo, as delícias do seu primeiro noivado, e a pôr tudo isto em confronto com a sua vida presente, vazia e desolada. Ninguém a sustivera no resvalar àquele abismo, e ninguém podia agora descer à profundidade do seu martírio para lhe dar alento, para lhe insular coragem. Tinha ansias de amor, que lhe quebravam o coração, e tinha ao mesmo tempo revoltas de orgulho que tornavam ainda maior o seu tormento. Vislumbrava a felicidade fóra do dever convencional, e surpreendia-se, às vezes, a estender-lhe a mão cautelosamente, como quem procura colher uma rosa que está alta, e tem à roda, defendendo-a, milhares de picos acerados.

Mal a consolavam os filhos da inutilidade do marido, nova demais para não reconhecer os direitos da Natureza, que às vezes formulava as suas reivindicações em termos duma imperiosidade brutal. Surpreendeu, uma noite, manchando as suas tranças de êbano, um delgado fio de prata, e teve o horror duma velhice precoce, irremediavelmente perdida para as alegrias do amor, êsse grande amor que ela conservava dentro do coração, como um ávaro conserva dentro de um cofre um capital que lhe não rende nada. Chorou, chorou, chorou, e quando a luz da manhã lhe entrou no quarto, quebrada de não dormir, os olhos pisados de chorar, foi sentar-se à janela olhando os campos, muito

extensos, quasi intermináveis — como a sua dôr, como a sua desgraça.

Horas passadas, já muito pelo dia adiante, como não ouvisse rumor no quarto do marido, abriu cautelosamente a porta e foi andando nos bicos dos pés, a espreitar se dormia.

Estava morto.

Retirou-se cautelosamente, como tinha entrado, nos bicos dos pés, como se receasse acordá-lo do sono de que não se acordava, ou como se não acreditasse na morte que verificara com os seus próprios olhos, pondo-lhe quasi o ouvido sobre a boca ligeiramente aberta, a ver se respirava. — Quando se perdeu o hábito de ser feliz, não se acredita mais na felicidade.

Chamou a criada, e ordenou que servissem o almôço.

Já sentada à mesa, como lhe observassem que o Senhor ainda não almoçara:

— Passou um pouco incomodado esta noite, só almoçará mais tarde.

Havia muito tempo que não comia assim, com tanto apetite, achando tudo excelente e servindo-se de tudo à larga. Olhou-se no espelho que tinha em frente, e teve a impressão de que a sua face era uma placa de jardim, com molhos de cravos margeando-lhe a boca e ramos de violetas emoldurando-lhe os olhos. Teve o desvanecimento de ainda ser bonita, e certificou-se de que ainda não era velha. Mal lhe cabia o coração no peito, inquieto como uma avesinha encaiolada.

Terminado o almôço, deixando os filhos à mesa, foi ela própria acordar o marido, ainda na cama, aquela hora, tão tarde...

E se fosse um caso de morte aparente?

Tinha muitas vezes ouvido dizer ao médico da casa que os epiléticos, terminado o período convulsivo do ataque, podem estar horas sem respirar, numa suspensão de vida que dá a ilusão da morte real.

Abriu cautelosamente a porta, como da primeira vez, e foi andando nos bicos dos pés, no alvoroço mudo de quem taceia nas trevas um caminho perigoso.

Estava positivamente na posição em que o deixara — a cabeça quasi inteiramente fora do travesseiro, o braço direito pendendo fora da cama, a boca ligeiramente aberta, os olhos sólidamente fechados. Pôs-lhe a mão no peito — estava frio de neve. Abriu-lhe um pouco os olhos — estavam enviduçados. Quasi lhe colocou o ouvido sobre a boca — foi como se o colasse a uma pedra tumular.

Era lá possível a sombra duma dúvida!

Ficou suspensa, por instantes, numa espécie de sideração do cérebro, não sentindo e não pensando, os olhos presos ao cadáver, sem o ver, quêda e fria como a mulher da Bíblia convertida em estátua de sal.

Súbitamente ouviu-se um grito doloroso — ai que desgraça! ai que desgraça! — e logo todo o pessoal da casa acorreu, numa aflicção, precipitando-se em tropel no quarto mortuário.

Ajoelhada à borda do leito, afogada em pranto, Rosita segurava nas suas mãos a mão caída do morto, como se não quisesse deixá-lo partir sem ela para a viagem de que se não torna. E como tivesse passado a noite toda a chorar, na desolação do seu quarto, as pessoas que iam chegando notavam-lhe os olhos pisados de quem muito chorou e sofreu, sentindo-se tomadas de respeito e dô por aquela viúva inconsolável. O coração batia-lhe com muita força, cheio de amor reprimido, ansioso de gosar a liberdade que lhe vinha envolta em crepes, mas bela, ainda assim, a lembrar um ruborescer de aurora em manhã enevoada, durante o nevoeiro até explender o sol num ponto alto do horizonte.

Milagre foi que não desatasse a rir vendo os outros a chorar, ela que passara a vida a chorar quando todos os outros riam, insultando sem querer a sua burlesca viuvez de mulher casada.

DESPORTOS

REMO

O LANÇAMENTO À ÁGUA DE UM NOVO «IN-RIGGER»

O Ginásio Club do Sul, festejou há pouco o baptismo e lançamento à água de um novo «in-rigger», construído nos estaleiros de Cacilhas.

O distinto «sportsman» Augusto Salgado, que dirigiu a respectiva construção, procedeu à cerimónia do baptismo depois do presidente do conselho técnico do G. C. S. ter pronunciado um pequeno discurso alusivo ao acto.

Por fim o «Ninette», assim se chama o novo barco, foi levado para o cais de Cacilhas onde era aguardado por centenas de pessoas, e lançado à água entre vivas entusiásticos.



O acto da cerimónia do baptismo do «Ninette»

FOOT-BALL

O CAMPEONATO DE LISBOA

O Belenenses depois de ter triunfado do Sporting, ficou virtualmente Campeão de Lisboa.

A vitória foi bem merecida pelo popular Club de Belém pois que tendo ambos os adversários feito um jogo bastante mau, os novos titulares dominaram durante o decorrer do jogo.

Estamos certos que o Belenenses, nos representará condignamente na grande prova nacional.



Uma magnífica defezação do guarda-rêdes do Vitória—O novo barco depois de lançado à água

RUGBY

O campeonato de Rugby das 5 nações está prestes a finalizar não se podendo ainda prever qual das nações conquiste o título ambicionado.

A Inglaterra que venceu o ano passado esta importante prova sem uma única derrota, não tem este ano grandes probabilidades em repetir a façanha.

A Escócia é neste momento a nação que mais condições tem para vencer o torneio, do qual fazem parte também a Irlanda, o País de Gales e a França.

A classificação final do torneio depende do match Inglaterra-Escócia que se jogará brevemente.



O «team» representativo da Escócia

AUTOMOBILISMO

O CARRO «SUNBEAM» 12 CILINDROS DOS RECORDS

O célebre volante inglês, major Seagrave acaba de bater o record mundial da velocidade atingindo a média formidável de 249 quilómetros à hora.

Este carro foi especialmente construído para bater os records de velocidade, e calcula-se que em breve deva passar os 260 quilómetros.

O GRAND PRIX DA EUROPA

A inscrição para esta importante prova que se realiza este ano em Saint-Sébastien acaba de se encerrar.

O número de inscrições é elevado e compreende os carros das melhores marcas francesas, italianas e inglesas.



O piloto Courtney e o engenheiro La Cierva

AVIAÇÃO

O «AUTO-GIRO» DE LA CIERVA

O engenheiro espanhol sr. La Cierva, filho do conhecido estadista espanhol, fez várias exibições em França e Inglaterra do seu aparelho denominado «auto-giro».

Os resultados das experiências foram concludentes e deixaram a melhor impressão a todos que a elas assistiram.

O invento do hábil engenheiro espanhol está destinado a revolucionar a aviação do futuro e tanto os ingleses como os franceses mostraram o maior interesse pelo novo invento.

La Cierva regressou a Espanha muito satisfeito com os resultados da sua viagem, tencionando introduzir ainda vários aperfeiçoamentos no aparelho do seu invento, no qual ele confia plenamente, o que aliás é justificado.

O «auto-giro» antes da partida



E CALOU-SE A VOZ QUE O CHAMAVA...

CONTO DUM DIA DE PÁSCOA POR AQUILINO RIBEIRO

NAQUELA tarde ocupava-se Macário Pancadas, o mais cândido e dextro cinzelador das Espanhas, a burnir a cabeça dum serafim, quando viu aparecer na oficina aquela mulher singular: alta, loira, tez mais branda que as rosas, pupilas dum azul tão celeste que, no volver de olhos, banhavam de puro azul do céu as coisas em redondo.

No traje, posto que simples, era donairoza: sapato de tacão alto, maciço, que lhe imprimia ao torso uma quebradura de estranha graça, meia que uma aranha não teceria mais fina, dentro da qual a perna filtrava tons dourados de luar, casaco de alfaiate sôbre a saia curta, no chapéu duas mancheias de papoilas, flores de sol e de alegria.

Acompanhava-a uma senhora, nova também e de agradável presença; mas mocidade e beleza eram as suas que a outra escurecia.



naquela praçasinha, fechada por grave caixa-lharia — a Sé de frontaria composta e tórres mutiladas, a Biblioteca em granito de fortaleza, a que um portal Renascença imprimia um desenhado quasi jocundo de iluminura, a própria cadeia eclesiástica, de cornija de grande sombra e cantarias desconformes — ali os seus anos transcorreram viçosos e continentes como se o guardasse do mundo uma rodoma. Em verdade, só chegavam ali os relentos da cidade. A indústria de arte, numa terra que dos mais orgulhosos e fidalgos mestres resvalara à estagnante mediocridade dum comércio baíqueiro, equivalia, pouco menos, a uma exploração na lua. Cipriano, o proprietário, sabia-o de sobra, mas razão oculta levava-o a exercê-la: a tabuleta. Aquelle letrado, composto de altas e finas letras amarelas sôbre fundo verde, assim como lagartas na folha verde dum couve: «grava, fabrica, esmalta; especialidade em cinzeladura e galvanoplastia» dava-lhe a indispensável idoneidade comercial para praticar o bric-à-brac num meio mexeriqueiro e vasculhador. A sombra d'elle podia, dentro de muros, praticar comodamente a veniaga. A coberto podia, também, bater os mundos de Cristo, espreitando aqui o falecimento do cura para arreocando a livraria por uma tuta e meia, subornando além sacristães e mordomos, não perdendo de olho ermida ou convento onde curiosidade lhe cherrasse.

Emuralhada, naquele âmbito medieval, com andorinhas e guinchos no céu, mantilhas de beatas, garnachas pretas e meias escarlates dos cônegos por unicos transeantes da praça, estar-se-ia ali como em claustro se, por cima de hortejos e casas, em declive para a ribeira, se não abrisse uma entre-aberta de verdura, quintas, bosques e pomares, entre-aberta que ia galgando até serras longinquas a fechar muito azuis os horizontes.

Naquelle meio, propicio ao retardamento dos sentidos, decorria a adolescência de Macário. Adolescência tão alheia ao mundo como os santos de pedra que, de olhos extáticos, dormiam na frontaria da catedral. Um acidente e toda a retenção que a natureza fora sofrendo, o aqude inprofundável em que a seiva se reprimia abateu. Amava sem logica, sem lei; amava como só podiam amar monges, a quem um dia atravessou a alma desprevenida uma mirada de mulher.

Dissera ella o nome: Regina. Uma publicação local estampara-lhe o retrato sem outra referência que a de ser uma celebridade da ribalta, com a visita da qual se honrava o burgo. Se a razão lhe insinuava: está longe como as estrélas! uma voz interior respondia: deseja e alcançaras!

E tanto o seu pensamento se deixou possuir da longinqua que o Fradinho, amigo e companheiro, quando elle devaneava ou sonhava alto, lhe dizia:

— És tonto! É como se te pusses a amar Santa Maria Egíptiaca, ou Cleópatra. Tem juizo!

Como a rosa para as abelhas, assim era para os seus pensamentos a mulher que o enfeitava. Se erguiam vôo, voando, sôbre ella ficavam pairando; a poisar, sôbre ella poisavam; em abandono; a ella se abandonavam.

A imagem peregrina contrapunha-se a todas as suas imagens, como a todas as perspectivas se antepara um horizonte. Ella era a inefável substância do seu mundo sensível, e a forma, a forma especiosa em que se encaixilhavam todas as visões do seu espirito. As vezes, libertando-se da nevoenta e abstrata adoração, tentava divisá-la de olhos objectivos, qual lhe apparecera num dia de Páscoa. E toda a corporeidade da sedutora se desvanecia. Punha ferro em encon-

trá-la, e dela as próprias sombras se apagavam. Fechava os olhos e na penumbra irisada da noite ocular, ella reaparecia então, imprecisa primeiro, condensando-se depois, pouco a pouco, em volume, linha e côr. Em volta d'ella, esferas de fogo, infinitas e infinitesimais voavam numa ronda fantástica. E excelsa, dominiosa, mais fria que prometedora, menos provocante que dominiosa, destacava, como Nossa Senhora da Conceição no meio de estrélas, ou uma Salomé, coberta de joias. E nesta contemplação interior, sua alma, de gôso, entontecia.

Foi num desses devaneios com a longinqua, a perder de vista, a perder o juizo, que D. Alonso, cônego da Sé e seu confessor, o foi surprender em casa, uma tarde que um sol bendito iluminava a terra.

Macário ergueu-se da cama a tartamudear uma desculpa, enquanto monsenhor, cheio, anafado no seu casaquinho ruço, o fuzilava mais ainda com os olhos que com palavras:

— É uma vergonha que um moço na fôrça da idade se entregue a hábitos tão censuráveis. Macário, lembra-te do que os antigos puzeram na bôca de Minos: «a ociosidade é a mãe de todos os vícios».

— Sentia-me pesado da cabeça...
— Tinhas esses montes para a arejares. Deitado e com este dia erriador, é duplamente ofender a Deus. Esta janela não se abre...?

Monsenhor escancarou as portas e vidraças de par em par, e logo uma onda de luz, mais branca e alegre que revoadas de pombas brancas, varreu a alcova.

— Olha-me para este céu — exclamou monsenhor — e agradece à benignidade do Altissimo!

Depois de o haver increpado, passara o eclesiástico, já risonho, por movimento involuntário, a inventiar os cacarêus, os móveis, as imagens... a Nossa Senhora de Murilo, a cabeceira, mais ao lado...

— Isto é...? — interrogou, adiantando-se, olhos fitos para a estampa de Regina, recordada dum periódico.

O artista baixou os olhos, branco como a cal.
— Macário... Macário! — murmurou o cônego que o ouvira no confessorário daquela grande ância de amor — Não tens emenda!

E como elle continuasse mudo, de cabeça dobrada, monsenhor, num gesto sêco, safou a estampa do frontal. Mas logo Macário, as pupilas a fuzilar lume, deu um salto para o padre:

— Não rasgue!
Monsenhor, ante a attitude dementada, aproumou-se nos seus setenta anos, rubro de cólera.
— Miserável!

Submisso como um podengo à voz do dono, Macário retrocedeu, até ficar ao fundo de olhos desvairados e braços pendentes. Monsenhor conservou-se ante elle, hirto e de catadura severa, obra de minuto. E, porque o sentisse domado, foi à luz da janela observar a imagem diabólica. Um bom momento ali esteve, a estudá-la como um inquisidor, até que proferiu, meneiando a cabeça:

— Não há dúvida, é o demónio mais perfeito que tenho visto. Compreendo agora...

Lentamente, com a demora perversa, própria de quem exerce o mando e pratica um desfôrço, rasgou a estampa em quatro; ajuntou, depois, os bocados e tornou a rasgá-los; e, grandes ainda, distribuidos em pacotinhos, os despedaçou novamente. Feito o quê, peneirados na mão, com rasgo soberano, os lançou ao vento.

Como borboletas brancas e negras, os papelinhos esvoaçaram, encheram o ar. Pairando, adejando, tomaram uns o rumo dos telhados e lá foram. Requebrando-se, virando, e bailando, volveram outros para dentro nas asas da aragem, até que, numa doce curva, de vôo, poisaram no soalho, sôbre os móveis, roçaram a virgem de Murilo, voejaram sôbre a cabeça de

A que vinha? Ela dizia-lho, mas, ignorante d'ella, da lingua estrangeira, só percebendo a toada, doce como nunca nos seus ouvidos soara voz de mulher, canto de rouxinol, ou ária de violino, ficara de bôca aberta. Sorria ella daquelle enleio até que, com um desembaraço que traia dama de alta bizarría, rompendo pela loja dentro, correu os cantos todos, desarrumou prateleiras, revolveu sucatas, com atôitosa enterando no pó a mão enluvada à caça da antigualha.

Depois de muito mexer e remexer, apartadas as velharias para um monte, foi direita a Macário. Abriu o sacco, puxou de dinheiro. Mas tão fascinado se lhe devia representar o moço, tão cómico e estranho ao negócio que, não podendo manter o sério, torceu-se toda à banda num momo de jovialidade.

Côrou Macário até à raiz dos cabelos, mas a estrangeira prestes se recobrando, depois de manifestar por sinais que lhe mandasse conta e encomenda ao hotel, deu o enderêço e despediu-se. Ao retirar-se, o seu olhar que no comêço fôra de malícia, quasi de troça, derivou — galante, benigno, terno, até poisar com firmeza nos olhos d'elle, d'este modo se confessando prazenteira e reconhecida perante a alma deslumbrada. E para Macário esse olhar foi o filtro de alta e invencível feitiçaria que acabou por o enlouquecer.

Numa tarde de Quaresma, tão mansa que se ouviam riscando o ar as asas das andorinhas, o amor — primeiro amor — entrou assim na alma desprevenida de Macário, como ladrão em casa desamparada.

Desde essa hora, o mundo, o seu mundo interior e aquele em que se movia, todos e descompôs. A restaurar as alfaias nobres do culto, a dar vida nos metais maleáveis à patuleia dulcissima do Paraizo, roubado de quando em vez ao pio labor pela obrinha profana, — encomenda de requintados — ao seu entendimento alumiaara o fervor místico dum obreiro antigo de catedral. Ali

Macário e o casaquinho eclesiástico de monsenhor. E levou instantes a revoadada a serenar.

Monsenhor que, embora crente, professava que «morto o bicho, morta a peçonha», não prestou atenção ao enxame de papéis que, semelhantes a diabinhos, entravam na mansarda. Nas faces de Macário corriam lágrimas.

—Porque choras?

Como não respondesse, monsenhor tornou:

—Sossêga; está quebrado o encanto.

—Não está monsenhor, não está. Rasgada, lançada em mil pedaços ao vento ou reduzida a cinzas, nunca mais se desprega dos meus olhos. Não viu como vinham para mim os pedaços em que a rasgou? Está dentro de mim; é eterna, indestrutível. Monsenhor não soube o que fez.

—Talvez tenhas razão— respondeu o eclesiástico com doçura.—Está dentro de ti...! Eu creio, todavia, creio em nome de Deus Padre Todo Poderoso, que háis de matar, vencer esse diabo. O meu gesto foi insano... concordo: Perdôa-me!

E como o bom e velho sacerdote se lhe mostrasse de alma alanceada, Macário lançou-se nos seus braços a soluçar.

Essa noite passou-a em grande exaltação e transe. Cobrando-se sobre a madrugada dum sono leve, ouviu uma voz que dizia:

—Pega do bordão e vai ter com ela!

A meia modorra em que caíra quebrou-se e, esfregando os olhos, não fôsse joguete duma ilusão, ou não sonhasse, de novo a voz, mais doce do que quantas harmonias ouvira, sem direcção possível, repetiu:

—Pega do bordão e vai ter com ela!

Assentou-se na cama e acendeu a luz. No quarto permanecia tudo inalterável, com a sua soledade, arranjo ou desarranjo. Nem fantasmas nem intrusos. E, considerando um bom espaço sobre a voz misteriosa, acabou por capacitar-se que vinha do Alto, e era um mandato indeclinável. Mas onde procurar a longínqua, por que caminho, ignorante como era do mundo, desperdado da sorte? E atormentado com este pensamento, a cabeça em fogo, pela terceira vez, na alcova que o candeeiro iluminava, souou a voz sobrenatural:

—Pega do bordão e vai ter com ela!

Resoluto, saltou da cama e vestiu-se. E, sem mais exame, ordenou as suas coisas, o seu bragal, e partiu na peregrinação maravilhosa

um bandido dos quatro caminhos fugiria ao vê-lo. E breve ninguém reconhecia nêlo o aventureiro que palmilhara centenas de léguas, sujo, esfarrapado e esqualido. Tomara, antes, os ademanos próprios do artista que honra a sua arte tanto pelo garbo do porte, como pelo saber.

Ora na oficina havia uma operária que tinha um nome, breve como um beijo roubado ou dado a furto, Lu; só isto, a menina Lu. Era loira, casquilha mas sem excesso, gozozinha de corpo e de maneiras, como rosto um espelho de formosura. Tinham Macário e Lu assento par a par, pelo quê, com afabilidade, umas vezes, com graciosa zomba, outras, ela o corrigia e ensinava na linguagem, usos e costumes da terra estrangeira. E seus desvelos se tornaram tão instantes e repetidos que acabaram por ser notados. Quando êle entrava na oficina, voava o olhar dela a recebê-lo; à hora da saída, já acaso não parecia saírem sempre juntos. O sorriso dela era um perpétuo nascer do sol, e suas falas e seus modos revestiam aquela doçura tão singular das mulheres que albergam em seu peito a felicidade. Alguns camaradas cobraram sombras, mas perante o artista eximio, a ditosa e terna Lu, e, mórmente, perante a simpatia calorosa do patrão para com Macário, zelos e rancores emudeceram.

Um dia Macário e Lu se foram pelos caminhos adormecidos, à beira dos quais aloiravam as menses e as árvores vergavam de frutos a sazão. De braço dado, ômbro rente ao ômbro, andaram, andaram, falando êle do país distante, onde o céu era sempre azul, e ela do prazer que teria em habitá-lo, e de coisas e coisas, sempre engraçadas na bôca espontânea e voluptuosa duma rapariga. A sombra de velhas árvores, que paravam com sua copa cerrada os raios do sol, sobre a relva, se sentaram a repousar. Lu deitou-lhe a cabeça sobre os joelhos, tão doirada que nem brocados sacerdotais de lham de ouro, mais doirada que as résteas de sol, filtradas pela ramagem. Quedou êle interdito, deliciosamente afagado, de olhos ao largo, a scismar; e ela, imóvel, de pálpebras descidas, porventura a scismar também. E, subitamente, após enleado silêncio, Lu agarrou-lhe a cabeça e, dobrando-a até chegar-lhe com os lábios, beijou-o. Beijou-o e com o mesmo movimento nervoso e inesperado o sacudiu. Rendido àquela carícia de tanto engodo e espontaneidade, Macário debruçou-se para ela e lhe pagou com muitos beijos o beijo sófrego que recebera. E êle a sentia trepidar sob as suas carícias, feliz e gososa.

Depois, passado o jogo de aceitar e tornar beijos, Lu com voluptuária lentidão e alma rendida, Macário com fogo, embora não sem secreta amargura, mudos e presos de confuso enleio, retrocederam caminho para a cidade. Voltou ela ainda a falar do regalo em que teria de habitar no país do sol, e da sua meninice, safra de carinhos, pois que de tenra idade ficara orfã de mãe. Mas não tardou que sua branda tagarelice se calasse como de regatinho a que vedaram a corrente. E a êle lhe pareceu Lu contrafeita de coração e melancólica repentinamente de fisionomia; melancólico, encharcado de melancolia se sentia êle, mas não falho de ternura. Ao despedir, pela necessidade de repetir o gesto amorável se não pelo pendor de suas bôcas, se tornaram a beijar; mas os beijos de Macário pareceram a Lu sem o sabor primeiro; e a Macário pareceram os de Lu estranhos, receosos e, ao mesmo tempo, arrendidos de se dar.

No dia seguinte, à hora adormecida da alva, sem mais bagagem que um saquinho em que iam todos os seus haveres, Macário tomou o combóio da capital. Gratas recordações levava daquela cidade, que o agasalhara durante meses e onde viera achar, se não a paz do espirito, o bem-estar material. Mas não hesitou em partir. Uma satuidade muito fina, ininterruptamente mordente, o pungia: Lu. Mas a outra, a formosa das formosas chamava-o. À intersecção de seus destinos, com funda ou rápida tangente, para muito, pouco ou nenhum affecto, como se diz ao desfolhar os malmequeres, ia dar-se. A sua única vontade era jogar-se ao turbilhão dessas possibilidades.

gar na minha vida. Devo-lhe o grande, o supremo orgulho de ser eu a causa dessa aventura maravilhosa, comparável à dos Argonautas em busca do Velo de Ouro. A hora de embriaguez que eu tive quando a Julia, depois de o ver dias e dias parado diante da porta, o trouxe à minha presença! Sabe, nós as mulheres quando amamos ou quando gostamos, nunca saímos do nosso jardim interior. Amamos nos nossos amantes o nossa própria voluptuosidade, os nossos caprichos, as nossas ideias, as nossas tolices. Amar as coisas pelas coisas está fora da nossa natureza. Macário, com êsse amor, que se ergueu no seu seio só de ver-me, exalçou-me. Trouxe-me a admiração dos meus encantos, da minha mocidade, do meu poder de domínio, e por isso lhe estou muito e muito agradecida.

Macário encolheu os ombros, a significar, o scepticismo com que o ouvia.

—Pode crer— tornou ela —deixa-me imensas saudades. Mas embora, não o devo estorvar! Ofereci-lhe o que estava nas minhas posses... modesto agasalho e estima fraternal, sólida; ocupação... Quere largar... largue! Será mais feliz. De caminho poderá dar-se um intermezzo de amor com Lu, essa deliciosa rapariga que, pela descrição, me deu vontade de ser homem e estar no seu lugar. Há de esquecer-se de mim, bem o sei. Por ventura, com o contacto de todos os dias, a força da minha sedução quebrou-se em seus olhos. Vá! Vá!

Macário, que a meio da sala permanecera de cabeça baixa, dobrado ao pesadume da sua sorte, ergueu-se num assômo de energia. E dando um passo para ela, exclamou:

—Ami-a com loucura e com loucura a continuo a amar. Mas em vê-la não se satisfaz este amor. Oferece-me a felicidade de guarda dum harem. A tanto não desce a minha perversão. Ao menos, já que assim é, já que assim se mostra, dê-me partes iguais...! Não dá? Aceito o seu conselho, vou para quem me quere bem!

—Sim, senhor, o meu rei mago, o meu Cêladou despiu, afinal, a capa da inocência! Queria amar... amor integral, como dizem. Ah! ah! dêsse partilharem aqueles que me pagam na modista dívidas de cem e duzentos mil francos; que me dão automóveis e palacetes; que me oferecem joias dignas de rainhas! Esses e outros, aqueles que como eu se queimam na grande flama, os escritores de nomeada, os artistas de génio! Uma labareda que se acende no espirito e inflama a carne. Macário é isto? A sua arte quem a conhece? Quando entrou para minha casa era um bárbaro. A sua juventude não provoca em mim uma sombra de appetite sensual. Talvez por isto, por a sentir em torno de mim... arquejante... lastimosa a inculcar-se. Aceita-lhe como amante?! E algum Benevenuto Celini? É milionário? Saiba, por mim já um homem assassinou. Não lhe mintu. Outro queimou toda a fazenda e tinha mulher e filhos. O sacrificio de sonhar comigo meses a fio... de percorrer a pré duzentas léguas... de pedir esmola e ser péso e espancado como vadio...! Agradeça-me, o senhor veio matar o seu diabo. É uma fineza que me fica a dever...

Macário dobrou mais a cabeça e pôs-se a chorar, a chorar tão forte que o seu peito estalava.

—Macário!

—gritou, correndo

para êle e pondo-

lhe as mãos

nos ombros

—não se vá

e perdoe o

que lhe disse.

Serei



muito sua amiga.

—Vou, Regina, vou. Talvez torne um dia Adeus!

—Volta para o seu país...? Tenho pena, muita pena. Macário não foi um acidente vul-



TEATRO



OS MISTÉRIOS DA PAIXÃO

Chegada porém que foi a tarde daquele mesmo dia, que era o primeiro da semana, e estando fechadas as portas da casa, onde os discípulos se achavam juntos, por medo que tinham dos judeus, veio Jesus, e pôs-se em pé no meio deles e disse-lhes: Paz seja convosco.

E, dito isto, mostrou-lhe as mãos e o lado. Alegaram-se pois os discípulos, de terem visto o Senhor.

Assim remata S. João o grande drama místico que há cerca de dois mil anos se desenrolou obscuramente entre um magote de pescadores, alguns fariseus, e alguns soldados romanos numa remota provincia asiática do Império, e que há cerca de dois mil anos é festivamente celebrado sobre a face da Terra, quando toda a Terra, sob os beijos ardentes do Sol, explende refulgida e coberta de galas nupciais, como uma Euridice ressuscitada para os beijos do Bem-amado.

As almas piedosas que nesta quadra lutuosa memoram com fervor a paixão e o sacrificio do Filho de Deus, não se alarmem com esta sacrilega linguagem de bastidores.

O drama do Calvário foi veridicamente uma grande tragédia, representada num cenário humilde, com uma comparsaria ingénua, mas que em si continha o germen de toda a litteratura e criação teatral do Mundo Moderno. Há dois mil anos ela vem apaixonando a humanidade occidental, herdeira da velha e luminosa pátria do teatro antigo e desse outro redentor pagão que foi Dionysos Zagreus. Depois que uma voz nocturna, reinando o imperador Tibério, gritou plangentemente sobre as costas do Epiro, que o grande Pan era morto, e com elle a idade heroica do Olimpo, nenhum outro drama obscuro ou magnífico, encheu mais as almas e determinou mais coisas grandes no mundo que o drama desse fim de tarde, pelas vésperas da Páscoa sobre uma pequena colina, junto aos muros de Jerusalém.

Era então o tempo em que nos bairros sujos da Roma Imperial as grosseiras *attelanas* ou as degradadas imitações da clássica comédia aristofanesca, hisonjeavam o gosto depravado das turbas ignaras da Suburra ou do Esquilino. A nobre tradição helénica perdera-se já, desacreditada pela fãna abjecta dos descendentes de Aquiles, retóricos, pedantes, trapaceiros, ignobeis que enxameavam esmolando ou roubando pelos bairros miseráveis de Roma.

O Mundo antigo liquidava numa orgia grotesca e sanguinária, que se reflectia no teatro dilecto das turbas ou nos espectáculos de açougue dos Coliseus.

Dionysos, o deus das vinhas, animador dos frenesim sagrados em que havia liturgicamente incubado o teatro de Eschylo, de Sophocles e de Aristophanes, já nada tinha de comum com as mômices, as chocarrices e as pachuchadas dos actores. Como se diria hoje, uma grave crise afectava o teatro daquelas eras venerandas.

Culpa dos autores? Culpa dos actores? Culpa do publico? Culpa do Estado? Ninguem, como nos nossos dias, o poderia com assêrto dizer.

Os filósofos e os moralistas como Séneca (que era também poeta trágico) teriam porventura meditado e discorrido sobre o momentoso problema, consoante as nobres leis da dialéctica, com luminosa prudência. Recheados de

cultura clássica, orgulhosos de penetração critica, literatos de profissão como Horácio, ou simples dilettantes das letras, scépticos e blagueadores, como Petronio, teriam também invecivado amavelmente os deuses por aquela degradação do gosto publico. Mas o problema restava sem solução, porque o humus religioso das almas de há muito se achava ressequido e crestado, sedento desse orvalho celeste da piedade e do amor, que foi o suor d'agonia do divino Galileu.

A essa hora, porém, o milagre consumava-se, numa pequena colina junto aos muros de Jerusalém.

Um novo drama, so semelhante ao drama místico da morte e ressurreição dum divino Egipian, se desenrolava, para assombro e delirio do mundo futuro, entre uma comparsaria humilde e réproba de pescadores, de publicanos e de soldados.

O Procurador da Provincia tinha lavado as mãos desinteressado.

Os aduncos e odiosos doutores da Lei, libertos daquele pesadello, tinham esfregado as mãos, regalados.

A pedra que sobre o sepulcro caíra, parecia ter sido pedra posta sobre o assunto. E nunca mais ninguém pensou no louco visionário que durante meses correrá a velha Judea, blasfe-

pácoa, nunca mais se varreu das almas. Em verdade o Espirito vogou sobre as águas e foi alumiar os quatro cantos do mundo.

Depois, pouco a pouco, por toda a parte, as grandes corolas luminosas das rosáceas foram desabrochando, em vermelhos, azuis e amarelos de rosas místicas, as rosas místicas dum imenso vergel sagrado. As absides das basilicas e das catedrais, insensivelmente, como tocadas pelo sopro dum génio benfazejo, foram afectando a forma vaga dum hemiciclo.

O drama da Paixão, da Morte e Ressurreição dum deus, tinha já o seu palco e o seu cenário, armados.

E o milagre de beleza, dezenas de séculos antes florido sobre o solo sagrado da Grécia, no fundo dum bosque votivo, sob as ramarias verdecidas, dos loureiros e dos carvalhos, aí se renovou um dia, no seio da floresta de pedra, sob a benção transfiguradora das rosáceas.

O povo ingénuo e trigueiro que se acumulava nas naveas, deu-lhe o nome de *mistérios*. Eram os mistérios da Paixão; eram os *milagres*.

A mesma comparsaria humilde da tarde do Calvário voltou a refazer o drama. Simplesmente, o perfume agreste e subtil dos Evangelhos fôra varrido e substituído pelo odor acre de inferno e pelas fragrâncias mágicas do Céu, que a teologia havia manipulado, cabalisticamente, em retortas e cadinhos de alquimista.

Mas o milagre de beleza reffloria, que era o que importava.

Como outrora, do pranto orgiaco de homens e mulheres, desganhados, possessos de dôr mística, arrependendo-se furiosamente nas profundezas do bosque votivo, em celebração da paixão e morte do Inominável, saíra o côro ditirâmico que veio a dar a *Orestia* e o *Antigone*, assim também, por invios e opositos caminhos, da mesa eucarística do Genáculo, veio a sair a semente terrível que um dia seria a floresta de encantamento e de sonho dum *Hamlet*, dum *Fausto*, dum *Misantropo*, dum *Kosmerholm*, dum *Tristan und Isentl*, dum *Parísital*.

Ainda hoje, na Alemanha, na Flandres, na Suíça, corporações de artistas amadores representam, pela Semana Santa, em palcos improvisados e cenários ingénuos, como na Idade-média, velhos textos de mistérios da Paixão. A pompa litúrgica com que nas igrejas católicas o mesmo transcendente e milenário drama se representa, entre fumos de incenso a latins roucos de padres, é uma enfática ópera, já caduca e vasia de sentido, em confronto com a poesia cristã, a veia satírica e o fervor religioso desses espectáculos populares da velha Alemanha, da Suíça e da Flandres.

Lá o Judas Iskariote recorda ainda as mesmas sagradas cóleras dos bons tempos do Rei Clóvis.

E só lá, que não entre o fumo de incenso dos turibulos e os brocados e lhamas dos altares, o verdadeiro Jesus desce ainda, em cada ano dôcemente junto dos seus fiéis e lhes diz:

— «Paz seja convosco».

Assim como o Pai me enviou a mim, também eu vos envio a vós.

Recebei o Espirito Santo.

Bem aventurados os que não viram e creem...

Páscoa de 1906.

CARLOS SELVAGEM.

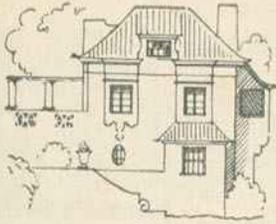


MARGARIDA XIRGU

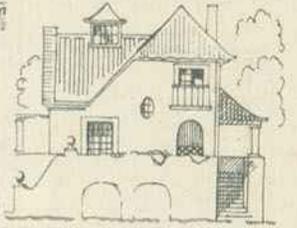
Ilustre actriz espanhola que pela primeira vez representou em Espanha a «Sainte Jeanne» de Bernard Shaw e que Lisboa muito brevemente terá ocasião de aplaudir

mando, revolucionando aldeias, alvortando as pobres genças, ameaçando o Templo.

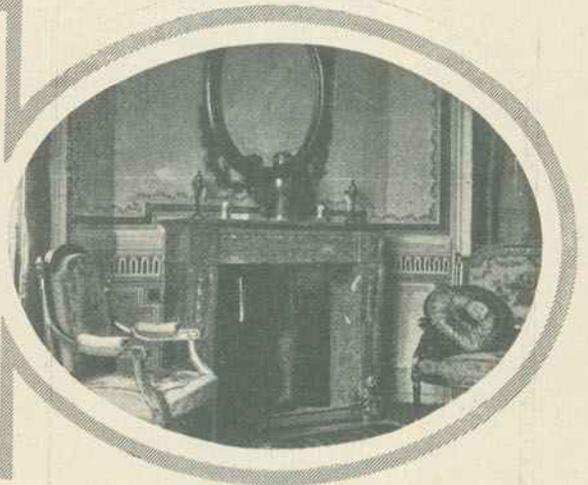
E anos, e séculos rolaram. E a memoria do drama obscuro dessa tarde de preparação da



A CASA PORTUGUESA



CONFORTÁVEL GABINETE DE TRABALHO, EM QUE O PRECIOSO MÁRMORE DE EXTREMOZ ARISTOCRATIZA A FORMA SIMPLES DO FOGÃO. CASA DO SR. DR. REYNALDO DOS SANTOS.



NOS ANTIGOS TEMPOS BÁRBAROS ERA O EQUINÓXIO DA PRIMAVERA FESTEJADO COM GRANDES FOGUEIRAS, SUBSISTINDO NAS CERIMÓNIAS CRISTÁS DA PÁScoa REMINISCÊNCIAS DESSE CULTO. É ESTA A QUADRA EM QUE NOS DESPEDIMOS — SENÃO COM SAUDADE, PELO MENOS COM TERNURA E GRATIDÃO — DOS FOGÕES E LAREIRAS QUE DURANTE TODO O INVERNO ALEGRA- RAM NOSSOS SERÕES.



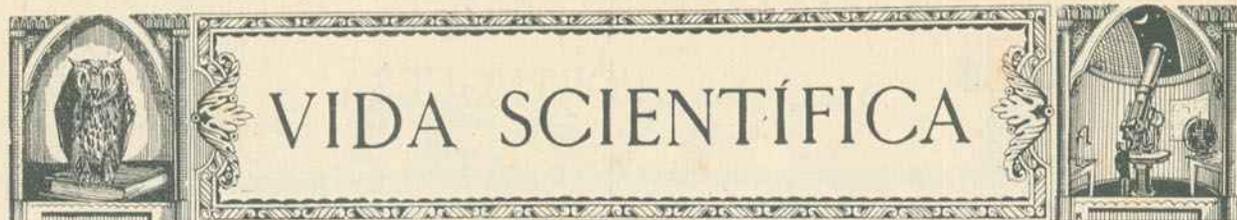
LAREIRA NO ESTILO VICENTINO, QUE ORNA A SALA DE JANTAR DO SR. DR. REYNALDO DOS SANTOS.



NO OVAL:
COMPOSIÇÃO QUE SE HARMONIZA COM AS BELAS TAPEÇARIAS DE AUBUSSON NO MOBILIÁRIO. CASA DO SR. AUGUSTO BERNEAUD ALVES.

LAREIRA QUASI MONUMENTAL CUJA SUGESTÃO BRITÁNICA SE JUSTIFICA POR SANGUE E TRADIÇÕES DO DONO DA CASA.

Arquitecto-decorador — R. L.

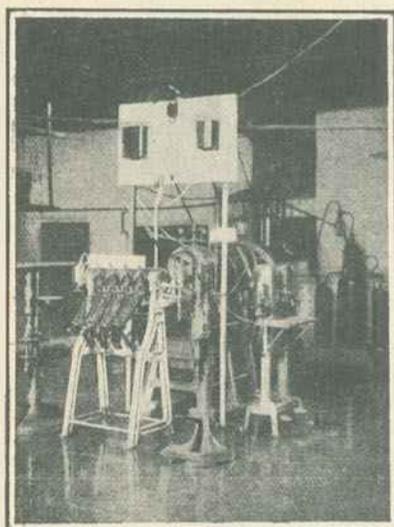


OS RAIOS ULTRA-VIOLETAS E A INDÚSTRIA

QUANDO a luz do Sol passa através um prisma decompõe-se, como é sabido, em raios luminosos de várias cores que vão do vermelho até o violeta. O nosso órgão visual dá-nos conta das radiações que produzem essas cores, mas não sabe revelar-nos outras radiações que prolongam, para um e outro lado, o espectro visível e que por isso se denominaram infra-vermelhas e ultra-violetas.

Tem assim a radiação solar uma parte que impressiona a nossa retina e uma outra que se revela pelo poder calorífico e por acções de ordem química e biológica. A princípio, os homens só utilizaram a luz das radiações; presentemente, porém, conseguem já empregar o seu poder químico nas indústrias, a ponto de se ter escrito que, se o século XVIII fôra o das máquinas de vapor e o XIX o das máquinas eléctricas, o século XX seria o das máquinas de luz.

A primeira utilização do poder químico das



Aparelho de esterilização de água pelos raios ultra-violetas

radiações realizou-se com a fotografia, mas ainda para conseguir imagens visuais. Com outros fins empregam-se os raios ultra-violetas com que se obtêm reacções poderosas como as que se realizam com os fornos de altas temperaturas ou com os processos de electrólise.

Para obter radiações ultra-violetas de aplicação industrial não podemos contar com a luz do Sol porque a atmosfera absorve essas radiações pela maior parte. Emprega-se, portanto, a luz duma lâmpada constituída por um tubo de quartzo levemente arqueado, contendo mercúrio nos seus dois extremos. Uma corrente eléctrica põe em carga esses dois electródios de mercúrio formando um arco de luz. A radiação desta é tanto mais forte quanto maior fôr o potencial eléctrico aplicado.

Os raios ultra-violetas são muito empregados em terapêutica: Tuberculosos de várias formas, doenças da circulação, da nutrição e das vias respiratórias, fistulas e feridas sem tendência a curar, queimaduras profundas, raquitismo, são doenças para que esse tratamento tem sido indicado e se tem revelado eficaz. Também é interessante lembrar que certas perturbações de desenvolvimento do organismo devidas a alimentação deficiente em vitaminas se curam por acção dos raios ultra-violetas, e ainda que estas radiações podem tornar suficientes aquelas dietas deficientes. Quer dizer: o toucinho, o azeite, que, por não terem vitaminas, dão lugar a que apareçam essas perturbações em animais submetidos a dieta que não contenha outras gorduras, criam, quando expostos aos raios ultra-violetas, as vitaminas que lhes faltam.

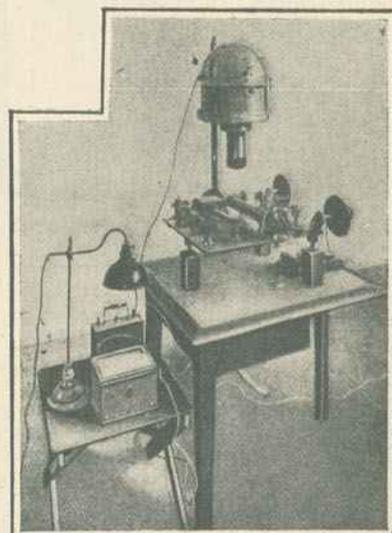
Como emprêgo da radiação ultra-violeta nas indústrias, podemos citar, por exemplo, a esterilização da água, constituindo um processo já empregado durante a guerra. Foi por essa forma que o exército francês tornou utilizáveis as águas da Meurthe, carregadas de micróbios. É, porém, necessário que a água seja límpida, livre de detritos vegetais, substâncias albuminosas, etc., enfim de matérias absorventes das radiações.

Ainda no capítulo das esterilizações deve citar-se a do leite, já empregada, e prever-se, para um futuro que torne de pequeno custo a a radiação ultra-violeta, o tratamento das vinhas contra o oídio e o mildio, até hoje tão trabalhoso, dispendioso e incerto.

Os raios ultra-violetas são destruidores de fermentos, mas, por outro lado, tem eles próprios acções análogas às dos fermentos. Essa propriedade utiliza-se para realizar a nitrificação das matérias azotadas em presença do ar; para obter coiros envernizados, porque o óleo de linhaça se oxida facilmente sob a acção das radiações; para vulcanizar o cautchú a frio;

para branquear os panos de linho ou de algodão, bem como os óleos e outros corpos gordos. Serviram também, durante a guerra, para a preparação de gases tóxicos, facilitando a combinação do cloro com o óxido de carbono.

Notou-se que algumas substâncias, de idên-

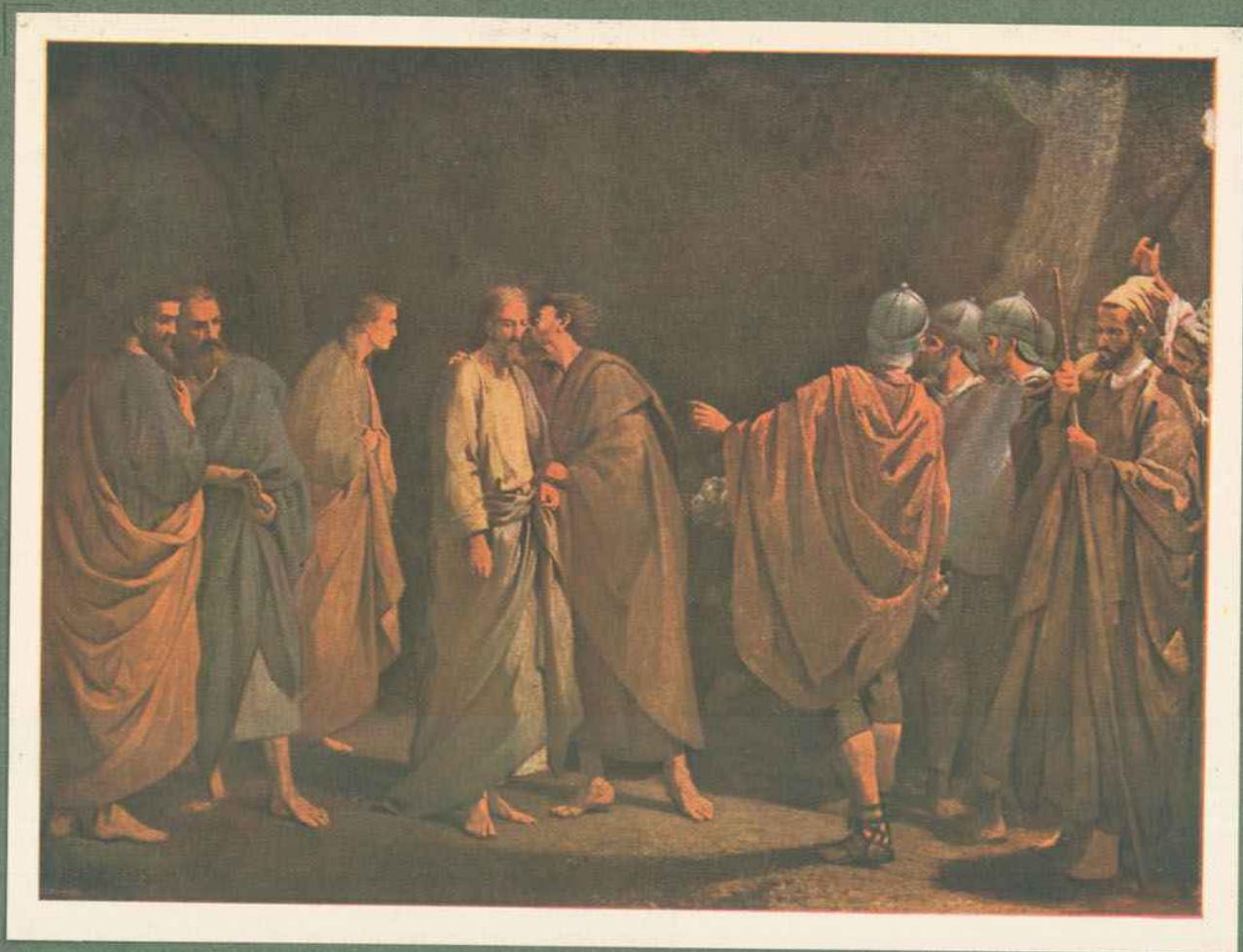


Aparelho para distinguir os objectos pela luz florescente que se forma sob a acção das radiações ultra-violetas

tico aspecto à luz ordinária, se distinguem pela fluorescência quando submetidas à acção dos raios ultra-violetas. Assim o azeite refinado tem, nessas condições, fluorescência verde; o azeite não refinado, fluorescência alaranjada. Por este processo se conhecem certas fraudes alimentícias e certas falsificações de notas de banco e outros papéis de valor.

É também notável a aceleração de desenvolvimento das plantas produzida pelos raios ultra-violetas, de emprêgo possível para culturas forçadas. E mais interessante é ainda saber-se que, por sua acção, podem combinar-se o gás carbónico e a água dando lugar à formação de aldeído fórmico. Ora esta reacção é a que produzem os vegetais verdes como início da fabricação das substâncias que nos alimentam. Com um pouco de imaginação pode, pois, prever-se que os homens consigam ainda viver independentemente das plantas, substituindo-as por lâmpadas produtoras de raios ultra-violetas, que fabriquem substâncias alimentícias à custa do ar atmosférico.

F. MIRA.



LUPI (MIGUEL ÂNGELO)—O beijo de Judas

(Escola portuguesa)

MUSEU DE ARTE CONTEMPORÂNEA

A P Á S C O A



um quarto, donde nós fugíamos, aterrados. Ouço ainda o ruído das suas botas cardadas no soalho, e vejo ainda o vulto enorme do seu capote montanhez e os seus grandes bigodes loiros a saírem da gola erguida e alfofrada de gotas de água. Vejo a cara da Rosa (nossa criada) muito triste; mas da sua tristeza é que eu verdadeiramente me recordo. O sentimento escuro que emanava do seu rosto, quasi sempre alegre, dir-se-há que aparece, mais vivo, na minha memória, que os seus traços fisionómicos esbatidos, quasi extintos... Vejo vultos de luto, na sala de visitas, uma desordem e um espanto na velha casa, uma aparência estranha nas cousas e nas pessoas, visagens lacrimosas, um padre, uma cruz de metal nas mãos dum homem que é uma sombra, e um caixão de veludo preto a sair o portal de ferro do terreiro.

Manchas sobressaltadas e negras, uma confusão de scenas e figuras e a caveira da morte, em mármore, a destacar-se do tumulto...

Outras vezes, vinham visitar-nos a D. Ana de Arnoia, que morava perto de Nossa Senhora da Graça, uma emidinha branca de cal, num alto pincaro serrano.

Acompanhava-a o Agostinho do convento (também de Arnoia, perto de Celorico de Basto), já velho e cego. Tinha uma voz de rabeça desafinada e uma cara, enorme e redonda, que me cheirava a queijo da Serra. Vi-o comer queijo uma vez; e nunca mais o bom do Agostinho perdeu aquele aroma silvestre e enjoativo.

Ainda hoje me cheira a queijo da Serra a sua imagem, coberta de brancas, como a lua, a surgir no fundo escuro do Passado.

Outras pessoas vinham, por esse tempo (1887) a nossa casa. Eram as primas de Pinheiro, os Falcões de Paredes, as senhoras de Meios, o José Albano, cavaleiro, ginasta, ciclista, o primeiro ciclista e a ultima elegância campestre, nessas eras felizes anteriores ao nascimento de Jesus; a Viscondessa de Tardinhade e a D. Balbina de Balmonte, velhinha e pequenina.

Só me lembro dela sentada numas andilhas, embrulhada numa capa enorme que lhe escondia o corpo e o da gerica, a mesma em que fugiu Nossa Senhora para o Egipto...

Vinham outras senhoras de aldeia, muito exóticas de figura e penteado.

Apareciam, cá fora, à luz do sol, como exumadas dum velho guarda vestidos ou duma arca antiga de castanho.

Dançavam danças de roda, cheiravam a m'lo, e o veu, que lhes velava a face antiquada, parecia tecido pelas aranhas, no recanto escuro duma sala deserta e poeirenta... Tinha sorrisos de outras eras, uns modos e maneiras dissecadas pelo tempo e uma idade indecisa, entre os dezoito e os cem anos. Chamavam-se D. Eufemia, D. Balbina, D. Eusebia, D. Rita, e abanavam-se, durante as horas de calor, com uns grandes leques de plumas, restos mortais de môchos e corujas e de todos os pássaros agoirentos da noite do meu Passado...

Dançavam danças de roda, na sala de visitas, enquanto meu tio Jacinto tocava a *Traviata*, no piano, com uma ingénua expressão sentimental nos olhos volvidos para o teto... Gordo, bigodes fartos, em chuveiro, uns trinta anos de idade e uma flôr ao peito, que elle salpicava de rapé, ao aspirar sofregamente uma pitada; — uma flôr que desabrochou na primavera de 1887 e não murchou ainda. Tem a haste mergulhada numa lágrima e o viço das suas pétalas é emarçhessível...

Estas figuras de outrora são como antigos quadros a óleo ou a crayon, já bastante deteriorados. Há personagens que mal se conhecem e várias scenas incompletas: — um tumulto nublado de vultos e pequenos incidentes deslocados do seu tempo; quebraram a ordem cronológica e flutuam entre a lembrança e o esquecimento, na indecisão longínqua.

Impossível restabelecê-los no seu verdadeiro lugar, reconstitui-los em todos os seus detalhes, avivar-lhes o desenho quasi extinto. Temos de os descrever conforme existem neste muzeu escuro da Memória, — um Louvre de fantasmas.

A Rosa, antiga criada de meus Pais, é uma nódoa apagada de mulher. Não há tinta que a retegue! Das velhas danças de roda, vejo certos movimentos, em que este e aquele personagem se fixou, para sempre, como apanhado numa chapa fotográfica. Vejo a Garminho de Meios passar um anel de mão em mão, e vejo meu avô, de joelhos, a rir e a bater as palmas, diante de alguém que se tornou invisível na memória. Daqueles dois corpos a valsar, apenas descobro um redopio ligeiro, quasi abstrato, levemente indicado por uma poeira aérea que se agita e desaparece. E o salão, com o piano ao fundo, um canapé de mogno, cadeiras e uma grande lâmpada de azeite suspensa do teto, é hoje um êrmo salão indefinido, aberto ao luar e a luz dos astros.

E aquele velhinho Entrudo e a sua máscara, ainda vermelha e a rir, por entre a névoa? A máscara do sol ou a da Rosa?

E a Semana Santa? Uma sombra de luto esparsa no céu de abril, aquecido e voluptuoso. Há um cheiro a rosmaninho, uma impressão de primavera dolorida, a sentir-se ainda duma tragédia divina, sobre a qual decorreram dois mil anos. Esta tristeza que obscurece os primeiros dias de abril se, porventura, se materialisasse e condensasse, tomaria a forma dum cadáver sobrenatural pendente dos braços duma cruz. A tragédia do Calvário e a Primavera!...

*A mão que ás plantas abre os olhos verdes
Poi a que abriu a campã de Jesus.*

E aquela Páscoa velhinha? Uma cruz de prata florescida, a entrar o portal de ferro do terreiro tapetado de rosmaninho. Vejo o Esturriminho, velhote, de suissas grisalhas, a tocar a campainha: dlim, dlim, dlim... o sr. abade, de batinha e alva, a benzer e a dar as bênçãos, homens de opas vermelhas, mãos calejadas e endurecidas, com bocados de pão de ló e uma caneca branca, de bôca em bôca, tôda pintada de alegria, a escorrer vinho... Quadros e quadros deteriorados, mas dum valor incalculável para mim.

Já estão, ao fundo do museu, numa escura e fantástica parede, onde a Eusebia e a Rosa, as criadas mais antigas de que me lembro, são dois fantásticos retratos: o da Rosa é uma nódoa alegre. Ouço-a rir; ou antes, vejo-a rir. E o seu riso parece esboçar o seu perfil; reprodu-lo, no ar, em luz, mas vagamente.

A Eusebia é um esfumo a carvão, numa tela côr de cinza. Veste de luto pela morte dum parente. É um lenço preto, uma blusa e umas saias pretas, a indicar um corpo de mulher.

Vejo sempre, no mais remoto do Passado, a Eusebia e a Rosa: um esfumo a carvão, um esboço a luz doirada.

(Das Memórias da Infância e Mocidade.)

TEIXEIRA DE PASCOAS.

De longe a longe, entrava no terreiro da nossa casa, a tia Emilia, irmã de meu Pai, montada numa gerica; e atrás dela, um criado, cheio de pó, a limpar o suor da testa, com a malinha às costas, enfiada num pau de lodum. Vinha da casa dos Ferreiros, dalém da serra da Abobreira, visitar-nos:

— A tia Emilinha! A tia Emilinha! gritávamos todos em alvoroço (eu e meus irmãos) correndo ao seu encontro.

Rodeávamo-la, encantados, a ouvir o que ela dizia. Ouço-a melhor do que a vejo. Carregava nos rr, e o som das suas palavras tinha uma altura cristalina que se abrazia de luz nos meus ouvidos. Resplandecia, falando. As suas narrativas e palestras deixaram-me, para sempre, um rasto de luz na alma.

Ouço-a melhor do que a vejo. É uma bôca pintada a luz e um sinal preto numa face trigueira, mal esboçada a crayon.

O meu desejo seria retocar estas figuras de outrora, mas imagino adulterá-las. Desanimado, poso o lapis ou o pincel. Aflijo-me nesta impotência de as roubar à morte, como um Deus já incapaz de fazer milagres.

Uma vez, entrou no terreiro, montada na mesma gerica, o mesmo criado Manuel, picado das hexigas, atrás dela, a pé, a enxugar o suor da testa.

Mas vinha outra. A voz enfraqueceira-lhe no rosto amarelado e emagrecido.

Abraçou-nos, silenciosa, (que silencio!) com um sorriso triste nos labios. Surpreendidos, olhávamos para ela, sem proferir uma palavra. Vejo-a subir a escadaria de pedra, parando a cada passo, queixando-se dos seus sofrimentos a meu Pai. Eu não podia acreditar naquela mudança!

Dias depois, morria duma angina no peito. Viera morrer a casa dos Pais.

Vejo ainda a fúnebre tragédia, feita de scenas incompletas e desligadas, como um desenho em farrapos.

Vejo meu tio Manuel (o marido) entrar, de noite, em nossa casa, (uma noite de inverno) muito apressado e aflito, e dirigir-se logo para



Colónias Portuguesas



MACAU

DESDE 1557 que os portugueses fundaram no Extremo-Oriente a minúscula colónia de Macau, num terreno cedido pelos chineses, em reconhecimento e apoio pelas devastações que os nossos capitanes faziam na pirataria que infectava os mares da China.

Apesar de pequena, tem esta colónia para nós um inestimável valor, não só por representar um glorioso padrão da nossa história colonial, como pela sua situação geográfica, pórt natural duma região populosíssima e riquíssima e ainda por constituir um forte ponto de apoio da influência que ainda exercemos no Extremo-Oriente, sobretudo através dessa grande e importantíssima força espiritual e material que constitui o Padroado do Oriente. Foi Macau o primeiro estabelecimento europeu que se fundou na China e só quasi três séculos depois, em 1842, é que a Inglaterra se apoderou do Hong-Kong

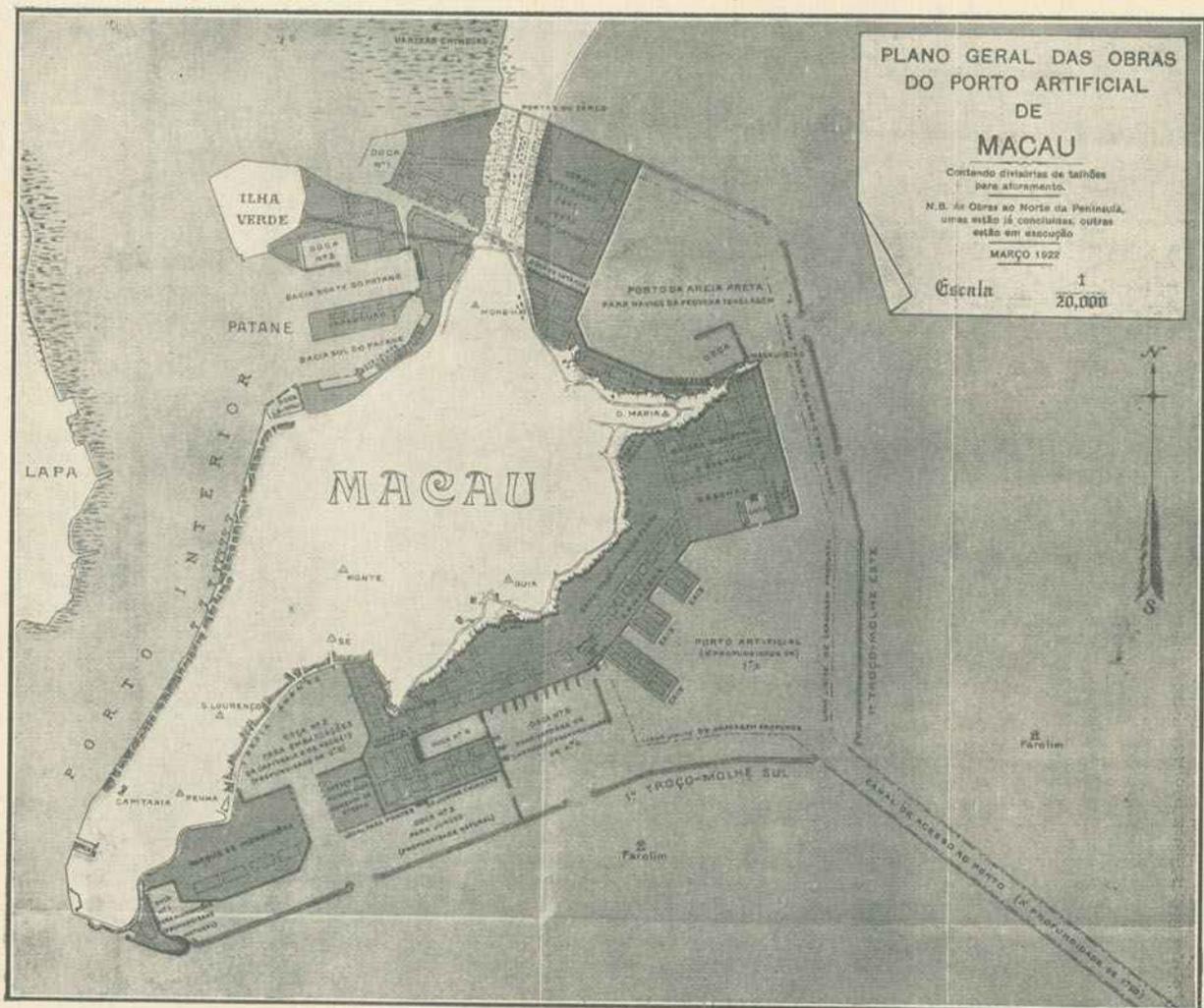
Situada no sul do Celeste Império, numa das embocaduras do grande rio Si-Kiang, em cuo delta se encontram também, a Oeste, Hong-Kong, e ao Norte a grande cidade chinesa de Cantão, Macau é constituída por uma pequena península da ilha de Hian-Chan e as ilhas da Taipa e Coloane, estando ainda em litigio com a China a nossa posse efectiva sobre as ilhas de D. João, da Tai-Vong-Cam (ou da montanha) e parte da ilha da Lapa. A posse efectiva de Macau e suas dependências só nos foi reconhecida pela China em virtude do tratado de 1887 que com ela celebramos; como não houve, porém, o cuidado de fixar os limites dessas dependências, tem desde então esse importante assunto estado por solucionar.

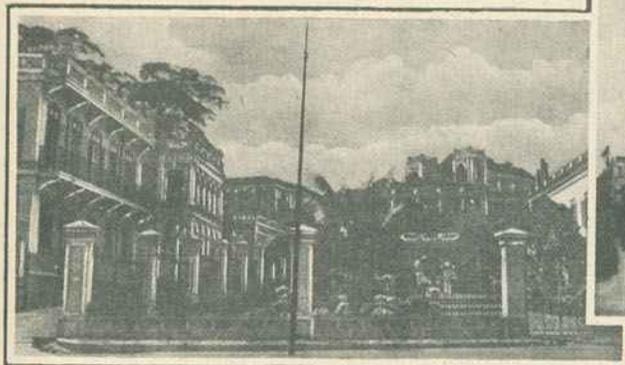
Em 1908 uma missão especial presidida por esse grande colonial e português que foi o falecido general Machado e de que, entre outros, também fazia parte o nosso actual embaixador em Londres, general Norton de Matos, reuniu-se em Hong-Kong com uma missão chinesa, para esse fim porém, ao cabo duma longa série

de sessões, quando parecia que ia assinar-se o acôrdo, o chefe da missão chinesa, usando uma absurda tática, tão vulgar na sua vagarosa, desconcertante e irritante diplomacia, pôs a questão pior do que no principio, lembrando-se de contestar os nossos direitos á posse de Macau, mesmo apesar do tratado de 1887. Os chineses!... O resultado é que a questão continua lamentavelmente por resolver.

A superficie de toda a nossa possessão de Macau é de cerca de 12 quilómetros quadrados, de terrenos graníticos, sendo a área da península occupada pela cidade de 323 hectares. Graças ás grandiosas obras que se estão fazendo no seu pórt, a área de Macau aumenta artificialmente de muitas dezenas de hectares de terrenos conquistados ao mar com aterros.

Este porto, em que já se gastaram cerca de 20 milhões de patacas, ou sejam 200.000 contos, ao câmbio médio de 10700, tem uma importância enorme para Macau, pois o seu objectivo principal consiste em enviar á colónia fontes receita que lhe permitam prescindir do ren-





Jardim junto do Palácio do Governo



O Largo do Senado

dimento que lhe dá a arrematação do ópio e do jôgo (Fan-tan). As obras estão quasi concluidas, mas a última hora surgiram complicações com assoreamentos não previstos, que a nossa engenharia, não sem dificuldade, grande despesa e apreensões, está procurando remediar. O porto deve dar desde já acesso a navios demandando 20 a 23 pés e mais tarde, possivelmente, aos que demandem 27 a 29 pés.

Embora situada sob o trópico de Cancas, Macau possui, graças ao regime das monções, um clima temperado excelente, em que as estações se sucedem pela mesma ordem que em Portugal, sendo a média anual das temperaturas máximas de 24°,3 e a das mínimas de 20°,1 e podendo considerar-se como uma estação climática de repouso.

A colônia, que em 1920 tinha uma população de 83.984 almas, conta hoje, graças às obras do porto e perturbações políticas da China, para cima de 150.000 habitantes.

Durante mais de 300 anos foi Macau o único estabelecimento estrangeiro na China; foi lá que se ergueu o primeiro farol dos mares da China, que existiu a primeira imprensa de tipo móvel, que se criou o primeiro hospital e pela primeira vez se praticou a vacinação no Oriente. Foi lá que, em 1552, faleceu S. Francisco Xavier, na ilha de San-Choan, na cabana de um português, que Luis de Camões, ao mesmo tempo que exercia o cargo de «Provedor dos Defuntos e Ausentes», de 1556 a 1558, escreveu uma grande parte dos Lusíadas, lá esteve, também, quando a Camões, Fernão Mendes Pinto, tendo também lá vivido durante algum tempo o poeta Manuel Maria Barbosa du Bocage.

Rica de belezas naturais, com bons edifícios, passeios e jardins, perfeitamente saneada e



O Club China de Macau

de magnífico clima, deve Macau, dentro em pouco e com a conclusão das obras do seu grandioso porto, aumentar extraordinariamente a sua importância e bem vincar, não só

pelo passado, mas agora também pelo presente, a capacidade e esforço colonizadores dos portugueses.

A. Z. C.



Vista exterior do Pagode de Mong-Há



A Gruta de Camões



O divino mistério cristão que há dois mil anos vive, imperecivelmente, na sensibilidade da alma humana, como o mito de mais alta beleza e mais profunda emoção, não podia deixar de ser um motivo de ins-piração e de tentação para os esforços dos maiores cinegrafistas sempre ávidos de realizar mais alto, mais belo e melhor do que o já realizado. No entanto, a tarefa era tão complexa, tão cheia de escolhos, havia uma tal responsabilidade em chamar para o ecran a figura espantosa de beleza do doce Nazareno, a teoria sublime de milagres e prodígios obrados pelas suas mãos divinas, que durante muito tempo se hesitou. No entanto, o negocio sorria prometedormente. Era um assunto da mais absoluta internacionalidade, que devia auferir seguras receitas de exploração em toda a parte e então, enquanto alguns rodeavam a dificuldade ensaiando pequenos filmes de assuntos bíblicos o criador do cinema, o enérgico Charles Pathé meteu ombros à empresa. Produziu-se assim a primeira «Vida de Cristo». A manufactura é duma ingenuidade que roça o ridículo. O ambiente é, como no

teatro, criado por scenários de lona, o horto das oliveiras é o bosque de Vincennes, por detrás do primitivo estúdio de Pathé Frères e o filho de Deus, que Deus me perdõe, parece um dos mais ferozes samarretas das capelas do Bussaco. Narrar os primitivos processos técnicos porque são executados os milagres, a estrêla que guia os magos pendurada por um cordel, os centuriões de camisola, etc., era introduzir nesta resenha um verdadeiro intermédio cómico. No entanto, no conjunto, ante o público ingênuo e simplista a que é especialmente destinado, este filme causa uma impressão de encanto infantil análoga à que, noutros tempos, pelas aldeias, causava o presepe ingênuo de ladeiras empinadas até ao céu de algodão em rama, em baixo o menino gordalhufo nas palhinhas, entre a burra



Poncio Pilatos



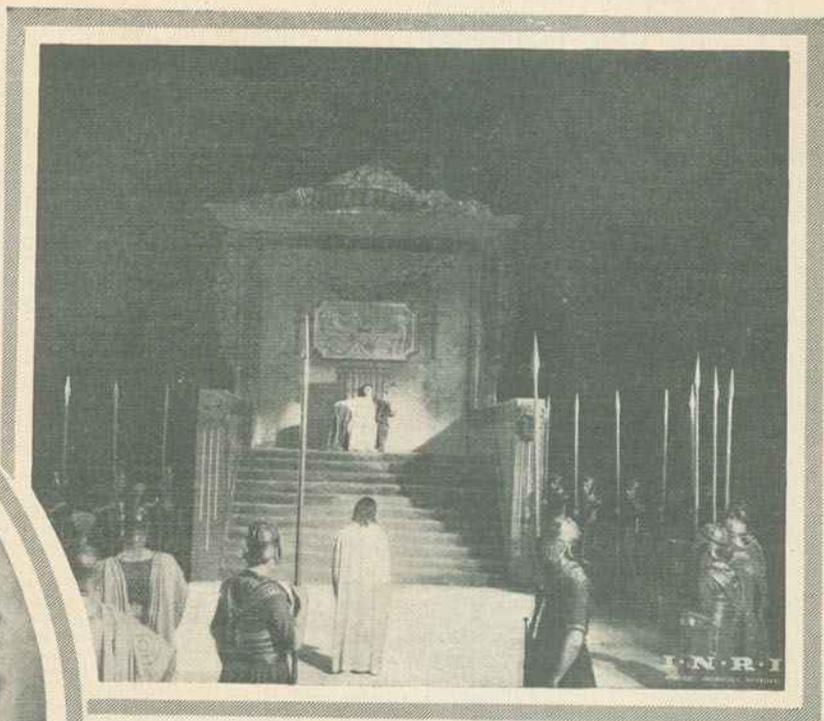
Jesus entre os fariseus



A Virgem

esquelética e a vaca de grande língua rubra pendente, os três reis de tamanhos dispare, o negro em camelo de corcovas ideais, numa anatomia fantástica de oleiro que ouviu contar a outro oleiro. Talvez por isto, a «Vida de Cristo» da Parbé, feita há mais de 15 anos é ainda hoje a única que o público distingue com o seu apreço nos países latinos e em especial no nosso.

Muitos anos se passaram depois da realização a que aludimos sem que alguém se atrevesse de novo a repetir a proeza, até que, na época de ouro da «Gines» de Roma, foi produzido o filme «Cristus» o mais equilibradamente formoso de todos que em Itália se produziram nessa época. Recordam-se ainda hoje com enlévo as reconstituições dos mais belos quadros de pintores italianos representativos de passos da Vida de Cristo e a empolgante interpretação de



Jesus ante Pilatos



Juás Iscariote



A Via Dolorosa



S. Pedro

Lêda Gys, na virgem aos pés da cruz.

Depois da voga de «Cristus», saltam-se alguns anos até que em 1924, Rober Wienne, o autor genial do «Gabinete do Doutor Galigari», tenta um filme expressionista com o eterno tema da Vida do Senhor.

Esse filme a que chamou «I. N. R. I.» que nunca conquistou popularidade nem aplauso, é contudo, a pesar da leve germanização dos efeitos simples, clássicos, puros, do argumento, uma forte maravilha técnica que, se não chega directamente à nossa alma latina de contemplativos, consegue uma dominadora impressão de largueza e de amplitude de factura que empolgam. São de «I. N. R. I.» as fotos que reproduzimos neste número.

E CALOU-SE A VOZ QUE O CHAMAVA...

(Continuação da pág. 21)

Macário, despegando-se, caminhou para a porta, enquanto ela ficava extática no meio da casa, de olhos desviados a vê-lo ir. Ao passar o limiar, voltou-se:

— Regina, deixe-me levar uma recordação!
— Pobresito! — exclamou ela, avançando para ele. — Uma recordação...! Sim! — e tomando-lhe a cabeça às mãos ambas, na boca descorada colou os lábios vermelhos, verteu o veneno da voluptuosidade que não mais perdêa.

Macário voltara ao burgo natal, à casa do Cipriano. Trabalhava pouco e sonhava muito. Uma noite acordou, ainda não tinham cantado os galos, com ela viva no pensamento. Em sonho a sedutora viera beijá-lo, beijá-lo como uma vez fizera com boca sôfrega e perfumosa, e sentia nos lábios o travor dos beijos e no sangue o rescaldo da luxúria. Como tantas outras noites, a néles pareciam brincar anjos do céu com demônios; o nariz petulante, de asas trêmulas, para bem rufar a pantomina do deléite; a garganta sem mácula, o sorriso de grande engodo. Como nos passes dum diorama, revia-a em tôdas as atitudes e em tôdas as horas: em passeio, afogada em pelés caras, alta, esbelta, de andar flexuoso; no estudado abandono de receber; ao deitar, quando a cambria da camisa lhe cobria de alvuras castas a carne viciosa. E, tendo-a assim presente por lôgro do espírito, o seu desespero desvairava.

Quando o prédio de todo mergulhou na paz morta do velho burgo, animosamente ergueu-se da cama. Espreitou, sondou, tornou a espreitar, e por um alçapão desceu ao subterrâneo da casa. Ai, munindo-se dum alavanca, forçou a porta do esconderijo, cavado na parede, onde

sabia ter Cipriano acumulado um tesouro sem par. Breve suas mãos tocaram cofres de Limoges, cibórios, pixides, calis de ouro lavrado, relicários com recamos de pedrarias, maravilhas dos tempos mortos, preciosas de valor e raridade. Um momento fechou os olhos, confundido. Batiam-lhe as meninges um rufo diabólico de mil tambores e o ar do mundo todo, entrando-lhe dum só hausto no peito, dilatava-lho a estoírar. Mas no meio da sua tortura, avistou Regina, a divinal Regina. E carregando-se de quanta riqueza pôde, pela calada da noite abalou, segunda vez se foi ao encontro da voz que o chamava.

— Muito se engana, Macário, se julga que foram as suas riquezas que me cativaram. Os seus presentes estão ali; valem pelo que valem, é certo; mas da mão que saíram, eles ou uma simples rosa teriam no meu apêço valor igual. A verdade é que Macário ainda me não compreendeu; a verdade é que continua a não compreender a mulher moderna — nervos, caprichos, contradição — a mulher que sou, por mal dos meus pecados. Porque me obedeceu naquela hora de manifesta maldade, de insofrido enervamento, quando o convidei a não me importar mais com as suas queixas de amor? Louquinho, não sabe que as mulheres, quando assim procedem, querem ser desobedecidas! Macário a largar e eu a correr atrás de si. As voltas que eu dei! Fui à partida de inúmeros comboios, bati à porta de quantos hotéis há daqui até a estação, telegrafei para a fronteira. Macário sumira-se como um trasto. Escrevi-lhe para a sua terra; as cartas foram-me devolvidas com a nota de «ausentes». O que eu sofri! A minha alma, que é um cochicho de alegria e de bom humor, desprendera-se de mim; batera asas não sei para onde; e não me achava; ninguém me reconhecia; em scena dei fiascos de arripiar. Creia, com a paixão que me tomou, cheguei a ter medo da morte e, muito mais do que

isso, a ter medo de envelhecer. Heide contar-lhe com mais vagar essa crise que durou meses, de remorso, desespero e saudades. Eu não vira no sucesso singular da sua vinda o dedo imperioso de Deus. Brinquei consigo, comigo, e paguei cara a levandade. Paguei, paguei caro, embora esteja em crêr que o amei desde o dia em que me apareceu; e, se não desde esse dia, isso lhe posso jurar, amei-o com tôdas as veras da minha alma a partir da negregada hora em que o afugentei para longe. Na minha escuridão, uma pequenina esperança me alumiaava: que não tivesse abandonado a capital e que, mais dia menos dia, daríamos de cara um com o outro, ou que, desvanecido o ressentimento, me viesse procurar. Foi uma doce ilusão, mas deixá-lo, voltou! Voltou e desta feita, como sucedeu consigo ao cometer a aventura de me buscar pelo imã do seu amor, pela fé cega do meu querer. Agora, sim, creio nessa força misteriosa, transcendente, q'ê mo restituiu. Mas diga-me Macário: anda a fugir de mim? Porque me não apareceu êstes três longos dias? Se se não julga bem vingado e se quer vingar, diga-o. Vejo-o mudo, insensível. Que tem? Acha pouco a confissão que acabo de lhe fazer? Macário, Macário, por Deus, esforce-se por me compreender! E tão simples! Olhe, já eu desejaria querer me ver conquistada, perseguida pelas seus olhos de moiro, adulada por suas queixas de amor. Queria vê-lo desesperado, amante, sofredor. Queria ceder vencida; queria batalha. Porque me obrigou a confessar-me? a ser sincera? a ser humilde? — coisas que deixam fezes na nossa alma!

— Regina, tudo o que acaba de me dizer eu o adivinhei desde o instante em que a tornei a ver, mas o seu amor veio tarde. O meu por si morreu... morreu desde essa hora, quando me foi possível mais não ter a desejar. Regina, perdêe, e adeus!

E, sem voltar a cabeça, deixando-a com o seu filtro entornado de feiteira, amarrada, mesquinha e inefável a soluçar, se foi dali para nunca mais.

AQUILINO RIBEIRO.

A LETRA ENCARNADA

Romance por NATHANIEL HAWTHORNE

Sensacional romance americano, cujo extraordinário êxito se avalia pela tiragem de 2.700.000 exemplares atingida nos Estados Unidos.

(Continuação do n.º 5)

Quão cedo — com que singular rapidez! — se tornou Pearl capaz de mais largo trato social que o sorriso sempre pronto da mãe e as suas palavras de brincadeira! E então, que felicidade seria a de Hester Prynne se pudesse ouvir a sua voz, clara como um canto de ave, misturar-se com o tumulto de outras vozes infantis, e distinguir e separar a fala da sua filha de entre a gritaria emmaranhada de um grupo de crianças a brincar! Mas isto nunca poderia dar-se. Pearl era, de nascença, uma desclassificada do mundo infantil. Filha do mal, emblema e fruto do pecado, não tinha direito a estar entre crianças baptizadas. Nada mais notável que o instinto — pois instinto se afigurava — com que Pearl compreendia o seu isolamento:

o destino que em torno dela tinha traçado um círculo inviolável; em suma, tudo quanto havia de peculiar em sua situação relativamente às outras crianças. Nunca, desde que saíra da cadeia, tinha Hester aparecido em público sem ela. Em todos os seus percursos pela cidade levava Pearl: nos primeiros tempos ao colo, depois, pequenina companheira da mãe, segurando-lhe o indicador com toda a mão e saltitando ao lado dela à razão de três ou quatro passos por cada um dos de Hester. Via a pequenina as crianças da colônia entregar-se, na berma enrelvada das ruas, ou à porta de casa, aos brinquedos sensorés que permitia a educação puritana: fingindo que iam para a igreja, ou que estavam a vergastar quacres, ou a apreender

pericrânios, em simulados combates com índios, ou a assustar-se umas às outras com sortilégios de bruxaria. Pearl via, reparava muito, mas nunca pretendia travar conhecimento com as crianças. Se lhe falavam, não respondia. E se se juntavam à roda dela, como às vezes faziam, Pearl tornava-se positivamente terrível em sua cólera infantil, apanhando pedras para lhes atirar, com exclamações estridentes, incompreensíveis, que faziam estremeecer a mãe, porque pareciam mesmo anátemas de bruxa, pronunciados em língua desconhecida.

A verdade era que os pequeninos puritanos, sendo da raça mais intolerante que tem existido no mundo, tinham uma ideia confusa de que, naquela mãe e naquela filha, havia qualquer

cousa que não era da terra d'elles, que não era d'este mundo, que discordava dos usos vulgares, e por isso as desprezavam no seu intimo, e muitas vezes as maltratavam de palavras. Pearl sentia esta aversão, e pagava-a com o ódio mais intenso que poderia apodrentar o coração de uma criança. Nessas explosões de um gênio violento encontrava a mãe certo valor, e até conforto; porque nelas se lhe revelava, ao menos, uma intensidade intelligivel de ânimo, em vez da variabilidade caprichosa que tantas vezes a desnortheastava nas manifestações da filha. Horroizava-a, contu'o, descobrir aqui, também, um reflexo sombrio do mal que nela mesma havia existido. Tôda esta inimizade, tôda esta violência, as herdara Pearl, por direito inalienável, do coração materno. Mãe e filha estavam juntas dentro do mesmo circulo de exclusão da sociedade humana; e na índole da criança pareciam perpetuar-se aqueles elementos irrequietos que tanto haviam affligido Hester antes do nascimento de Pearl, mas que depois entraram a acalmar-se pela suave influência da maternidade.

Em casa, dentro e em tôrno da cabana materna, não faltava a Pearl um circulo de conhecimentos largo e variado. Um mágico poder de vida emanava do seu espirito constantemente criador, e se comunicava a mil cousas, como facho que acende tudo em que toca. As matérias menos próprias — um pau, um monte de trapos, uma flor — eram os titeres dos bruxedos de Pearl, e, sem que soffessem qualquer mudança visivel, ella as adaptava espiritualmente ao drama, qualquer que fôsse, que occupava o palco do seu mundo interior. A sua única voz infantil servia a uma multidão de personagens imaginárias, velhas e jovens, para que falassem. Os pinheiros, velhos, escuros e solenes, que lançavam gemidos e outros sons melancólicos à brisa que passava, pequena transformação requiriam para figurarem os pais puritanos; as ervas mais feias do quintal eram os filhos d'elles, e Pearl as partia e arrancava sem piedade. Era maravilhosa a enorme variedade de formas em que ella projectava a sua intelligência, formas que, porém, não apresentavam continuidade, mas surgiam e dançavam, sempre num estado de sobrenatural actividade — logo abatendo-se, como se exaustas por tão rápida e febril maré de vida — succedendo-lhes outras figuras de não menos maravilhosa energia. Causa alguma poderia dar mais adequada imagem desta variadissima fertilidade que o brilho fantasmagórico de uma aurora boreal. No mero exercicio da fantasia, porém, e nos brinquedos de um espirito que se desenvolve, pouco mais haveria que o que se poderia notar em outras crianças de faculdades brilhantes; excepto que Pearl, como lhe faltavam companheiros de brinquedos, tinha que viver mais com a multidão visionária que criava. A singularidade estava no sentimento hostil com que a pequenita encarava estes productos do seu próprio espirito e coração. Não criava nunca um

ente amigo; parecia estar sempre semeando os dentes de dragão, donde saísse uma seara de inimigos armados, contra quem ella romperia a combater. Era indizivelmente triste — e quão triste para uma mãe que sentia a causa em seu próprio coração! — observar, naquella alma infantil, este constante reconhecimento de um mundo adverso, esta educação tão violenta das energias que haveriam de fazer valer a causa della no combate que a esperava na vida.

Ao olhar para Pearl, Hester deixava muitas vezes cair a costura sobre os joelhos, e exclamava com uma angustia que preferiria esconder, mas que por si mesma encontrava uma expressão entre fala e gemido: — Ó Pai que estás no Céu, — se ainda sois meu Pai — que ser é este que eu trouxe ao mundo? — E Pearl, ouvindo a exclamação, ou sentindo, de alguma forma mais subtil, essas pulsações de angustia, virava para a mãe o seu rostinho lindo e animado, sorria com intelligência maliciosa, e tornava a seus brinquedos.

Resta ainda contar uma peculiaridade da criança. A primeira cousa em que reparara em sua vida, fôra — o quê? — não o sorriso materno, correspondendo-lhe, como as outras crianças, com aquele vago esboço de sorriso da boca pequenina, que depois é lembrado com tanta dúvida, e que tão ternamente se discute se seria realmente um sorriso. Não, não fôra. O primeiro objecto em que Pearl pareceu reparar foi — deveremos dizê-lo? — a letra encarnada no peito de Hester! Um dia, quando a mãe se debruçava sobre o berço, os olhos da pequenina foram atraídos pelo brilho do bordado de ouro que contornava a letra; e, erguendo o bracinho, a criança deitou-lhe a mão, sorrindo, não vagamente, mas com um sorriso definido, que lhe deu ao rosto o ar de muito mais velha. Então, sufoçada, deitou Hester a mão ao simbolo fatal, tentando instintivamente arrancá-lo, tão infinita era a tortura que lhe causara o toque intelligente da mãozinha de Pearl. E de novo, como se o gesto affirmativo da mãe fôra para brincar com ella, Pearl olhou-lhe para os olhos, e sorriu. Desde esse momento, a não ser quando a filha dormia, não se sentiu Hester segura nem mais um instante: nunca mais teve um instante de sossego. Passavam-se, é verdade, semanas em que o olhar de Pearl nem uma única vez pousava na letra encarnada; mas de repente voltava, como assalto de morte súbita, e a fixava, sempre com aquella estranha expressão e com aquele sorriso peculiar.

Uma vez, esta singular e maliciosa expressão assomou aos olhos da criança quando Hester neles estava vendo a sua própria imagem, como as mães gostam de ver; e de repente — porque as mulheres que vivem sós, e com o coração angustiado, são presa de illusões inexplicáveis — afigurou-se-lhe que não era o seu próprio retrato em miniatura, mas um outro rosto, que ella estava vendo no pequeno espelho negro dos olhos de Pearl. Era um semblante de demónio,

com um sorriso de maldade, mas em que havia semelhança de feições que ella muito bem conhecera, posto que nelas raras vezes divisara um sorriso, e nunca tinha descortinado maldade. Era como se um espirito maligno estivesse de posse da criança, e naquelle momento se tivesse pôsto a espreitar, por zombaria, dos seus olhos. Muitas vezes depois fôra Hester torturada, ainda que menos intensamente, pela mesma illusão.

Uma tarde de verão, quando Pearl já tinha idade para andar a correr, entreteve-se a colher mancheias de flores silvestres e a atirá-las, uma a uma, ao peito da mãe, dançando como um elfo de cada vez que acertava na letra encarnada.



O primeiro impulso de Hester fôra cobrir o peito com as mãos apertadas. Mas, ou por efeito de orgulho, ou de resignação, ou porque entendesse que a sua penitência ficaria talvez mais bem cumprida com esta inexprimível dor, resistiu a esse impulso, e ficou virada, pallida como a morte, a fitar tristemente os olhos estranhos de Pearl. Continuou o bombardeamento de flores, quasi sempre acertando no alvo, e cobrindo o peito da mãe de feridas para que ella não poderia encontrar bálsamo neste mundo, nem sabia como procurá-lo em outro. Por fim, gasta tôda a metralha, a criança ficou parada a olhar para a mãe, com aquella imagem escarmentada de um demónio a espreitar — ou, quer espreitasse quer não, assim parecia a mãe — do abismo insondável dos seus olhos negros.

— Pequena, que és tu? — exclamou a mãe.

— Ha, eu sou a tua Pearl pequenina! — respondeu a criança.

Mas, ao dizê-lo, Pearl riu-se, e pôs-se a dançar de um lado para o outro com a gesticulação travessa de um pequeno diabrete, cuja primeira veneta poderia ser a de se sumir pela chaminé acima.

— Mas tu és deveras minha filha? — perguntou Hester.

E não fez a pergunta ociosamente, mas, naquelle instante, até certo ponto a sério; pois tão maravilhosa era a intelligência de Pearl, que a mãe viera a pensar se ella conheceria o secreto encantamento da sua existência, e iria agora revelar-se.

(Continúa.)



Livros e Escritores



A feição mais impressionante e mais cativante do verbo poético de Virginia Vitorino reside, quanto a nós, na singularidade extrema da sua forma e na enternecedora feminilidade dos seus temas. Vascularmente lírica, a poesia é para ela aquilo que, na verdade e de hem exclusivo modo, deve ser — a nóbrega e privativa linguagem da alma. Nem de leve sequer, em qualquer das páginas dos seus formosos livros até hoje dados a lume, se encontra mancha do intelectualismo *à outrance*, que, na nossa época dolorida, tende a estiolar o mais precioso atributo dos seres humanos — a sensibilidade.

Poetisa do amor, no exacto sentido do termo e das de mais delicada inspiração que as nossas letras tem visto surgir nas suas alamedas floridas e perfumadas, Virginia Vitorino com a *Renúncia*, o seu último livro, encerra o ciclo primeiro do seu sentimento traduzido na arte das rimas. Nos *Namorados*, convertendo-lhe o coração em lâmpada votiva, a chama amorosa

desde a festiva hora da sua revelação nas letras, se mostrou assim, como fiel intérprete dos estados emotivos da alma portuguesa, é que Virginia Vitorino tão prontamente obteve a bênção da crítica e do público e pode hoje ufanar-se de ser a mais amimada das poetisas da nova geração.

A *Renúncia* compõe-se de muitos sonetos dum perfeito recorte e doutra poesia, que a autora desenvolveu em oito quadras e uma quintilha, poesia essa, intitulada *Versos à minha mãe*, que não hesitamos em salientar entre todas as peças do volume, pela sua comunicativa ternura e pela grande sinceridade que impregna os seus versos. Tornando a ler o livro, vamos marcando os pontos eleitos pelo nosso gosto: essa série de aquarelas em que a autora evoca um tanto a maneira de Cesário Verde e parece procurar distrair-se da funda queixa da sua alma — *A Rosa da Fruta, Sevilla, Procição*; e, depois, já dentro do seu drama — *Ignorância, Esperar, Ambição, Ressurreição, Dia de Sol, Serenidade*. Mas, basta. E para que se não vá julgar que há favor nos nossos elogios, transcrevamos o belo soneto *Renúncia*, com que o livro termina e, que, sendo a síntese do seu teor, lhe empresta o título:

*Fui nova, mas fui triste; só eu sei
como passou por mim a mocidade!
Cantar era o dever da minha idade...
Devia ter cantado, e não cantei!*

*Fui bela. Fui amada. E desprezei...
Não quis beber o filtro da ansiedade.
Amar era o destino, a claridade...
Devia ter amado, e não ame!*

*Ái de mim! Nem saudades, nem desejos;
nem cinzas mortas, nem calor de beijos...
— Eu nada soube, nada quis prender!*

*E que me resta? Uma amargura infanda:
ver que é, para morrer, tão cedo ainda,
e que é tão tarde já para viver!*

Com a leitura destes versos Virginia Vitorino trouxe-nos ao espírito uma daquelas alegrias *para sempre*, que são privilégio da Beleza, como dizia Keats.

Albino Forjaz de Sampaio, dos nossos autores talvez o mais hafejado pelas áuricas populares, popularidade obtida com as *Palavras Cínicas*, que estão por completo fora da nossa simpatia, acrescentou agora a sua bagagem com o *Porque me orgulho de ser português*.

Ao lermos as páginas deste magro volume de cem páginas, apraz-nos imaginar o autor (tal como os herejes da moirama que antigamente se convertiam ao cristianismo), batendo com a mão direita no peito, em atitude contrita e renegando os grandes pecados de inteligência e de sensibilidade outrora cometidos por ele contra Portugal e os portugueses.

Desprovido de poder criador mas dispoído de farta erudição e, acima de tudo, tendo bem aguçado o sentido da oportunidade, Albino Forjaz de Sampaio quis servir o movimento de ressurreição nacionalista que agita a nossa época e para isso resolveu adaptar à biografia do nosso povo o que, com respeito à nacionalidade brasileira, havia efectuado o ilustre homem de letras daquele povo irmão, sr. Conde Afonso Celso, num livro de muita voga denominado *Porque me ufano do meu país*.

Esta origem imitativa, honestamente Albino Forjaz de Sampaio a denuncia no preâmbulo do seu trabalho, que, como vulgarizador das riquezas do nosso solo e das virtudes da nossa grei, tem indubitavelmente préstimo. São nove os seus capítulos, tratando respectivamente destes assuntos: A nossa história; Os portugueses e o mundo; O nosso domínio colonial; Portugal — belezas e riquezas do seu território; A nossa língua; O que fizemos no Brasil; Portugal — os seus habitantes; A mulher portuguesa; Portugal maior.

Oxalá este livro último de Forjaz de Sampaio consiga substituir no gosto do público a estima,



Virginia Vitorino

alvorecera, tímida e confiada. No *Apixonadamente*, a chama tomára alento e ímpeto e, feita labareda num instante, ninguém saberia então dizer se ela anunciava a inebriada alegria de viver ou se continha um princípio de destruição. Finalmente, na *Renúncia* essa língua de fogo amodorra, perde cor e ardência e deixa-se penetrar de tristura e de desesperança. Mas já mais a poetisa tem um grito, um só que seja, de revolta. Humilde, extraindo do sofrimento a sua glória, é da saúde que espera o consolo para o desencantamento que lhe crucia o espírito.

Esta nota, persistente nas poesias do livro, faz dele um flagrante retrato da tradicional sentimentalidade da nossa gente: doce e triste, sofredora e meditativa. E porque sempre,



António Patrício

unicamente de efeitos deletérios, que a sua espectacular obra de estreia lhe conquistou há já uma boa porção de anos!

António Patrício, o exímio vitalista do *Denis e Isabel* e do *D. João e a Máscara*, obras que



INTERIOR — Estilos Luis XV e Luis XVI

Ihe asseguraram uma reputação de artista superior, possui ainda outro livro, *Pedro o Cru*, talvez mais belo que qualquer daqueles dois. Esse livro, ausente já há tempos do mercado, reapareceu agora nele, numa segunda edição, para a qual Alberto Sousa, o consagrado aguarelhista, desenhou uma capa que é um dos seus mais felizes trabalhos no género.

Da alta *vis* patética deste drama em quatro actos foi dito tudo quanto era justo dizer-se quando elle surgiu na sua primitiva estampa. Mas, desde que tivemos agora o prazer de percorrer, com a alma de novo perturbada pelo sôpro de humanissima comoção que por tôdas



Alfredo Pinto (Sacavém)

elas perpassa, essas scenas de arrebatada paixão, de misteriosa satidade e de justiceira vingança, não nos sofre o ânimo deixar de apontá-las como pertencentes à obra que, entre as muitas vezes que penas antigas e modernas tem procurado interpretar o estranho e fascinante assunto, — o Tristão e Isolda da poesia nacional, como lhe chamou Afonso Lopes Vieira — mais alto soube elevar o seu expoente de beleza.

D. Pedro «monteiro e bailador», aquele a quem razões politicas arrebataram a sua amada Inês, é neste drama de António Patricio uma figura formidável. Vazada nos moldes teatraes a obra, — que poder histriónico, por mais vibrátil e possante que fôsse, seria capaz de dar vida scênica a tão ingente vulto? Por isso este drama, por sua grandesa inviável em qualquer palco, não pode aspirar senão à consagração da leitura e essa, pela certa, ser-lhe-há agora tão efusivamente concedida como no momento em que pela vez primeira appareceu em livro.

Poucos publicistas entre nós se evidenciam com tão perfeita noção da síntese e da sua instantaneidade nos nossos apressados dias como o sr. Mário de Campos, coronel do Estado Maior, professor da Escola Militar e também um dos mais distintos escritores da Grande Guerra. Já na *Nova Europa* essa sua preocupação de encerrar a maior quantidade de noções no menor número possível de palavras tinha sido verificado com aplauso, sendo verdadeira-

mente admirável a maneira como elle ordenou ali matéria tão vasta, que poderia encher grossos volumes e elle teve artes de meter, sem uma omissão sequer, dentro de meia dúzia de páginas. O seu último trabalho é *A Nova Rússia*, que constitui o complemento daquele. Subordinado o seu teor ao mesmo método sintético, o conhecimento da organização territorial das Repúblicas Soviéticas, com a menção das suas características administrativas e geográficas, número de habitantes, etc., é-nos transmitido através de um quadro, organizado de maneira a cobrir apenas as duas páginas interiores duma folha de papel!

Agora que a Rússia está, mais do que nunca, na ordem do dia, e não é já possível a nenhum povo do mundo persistir na atitude de voluntária ignorância perante as transformações da sua politica interna, este trabalho do sr. coronel Mário de Campos afigura-se-nos de muita utilidade, tanto mais que num simples relance de olhos se pode fazer a sua consulta.

Haverá, em nossos dias, pena de publicista mais afervorada no culto da arte musical que a de Alfredo Pinto (Sacavém)? Firmando artigos de exigente critica e de prestável exegese em jornais e revistas e possuindo a autoria de muitos volumes, em cujas páginas, como naquella produção dispersa, o tema medular é sempre a arte de Mozart e de Beethoven, elle conquistou neste terreno uma situação de brilho e de domínio.

A sua bibliografia abundante foi ultimamente ampliada com o bem elaborado e extenso estudo *Camilo na Música*. O novelista glorioso, de cuja comemoração centenária, realizada no ano findo, nos chegam ainda insistentes ecos, não tivera até hoje, que o saibamos, ninguém a focá-lo sob este aspecto, embora houvesse motivo para supôr, dada a multidão de livros e opúsculos já escritos sobre elle, que nada mais de inédito a tal respeito poderia ser encontrado. No vasto e feraz mundo camiliano — chamemos-lhe assim — permanecia, apesar de tudo, ainda ignoto este ponto, assás curioso, que Alfredo Pinto (Sacavém), apetrechado da sua especial erudição na matéria, teve a fortuna de descobrir agora.

Camilo Castelo Branco, já nas fases da sua existência humana, já nos episódios e nas figuras das obras que elle formidavelmente criou, tomado como fonte de inspiração musical é o assunto destas páginas. Tudo quanto com este carácter existe apparece aqui recenseado e commentado com amplitude e escrupulo de investigação. Um capitulo, sobretudo, nos interessou: aquelle que se refere à ópera *Amor de Perdição*, dêsse grande e esquecido artista João Arroyo. Ai nos é revelada a intriga paca de que essa bela obra lirica foi objecto.

Este estudo enriqueceu-se com a reprodução, em *fac-simile*, de vários autógrafos de artistas musicais de renome, como Francisco de Lacerda, Tomás Borba, Tomás de Lima, Armando

Leça, João Arroyo e outros. A obra contém um prefácio, que lhe concedeu o illustre jornalista portuense sr. Bento Carqueja.

O sr. Assis Esperança, autor de dois prometedores romances *A Vertigem* e *Viver!*, depois de deixar durante alguns anos em repouso a sua pena, trouxe-nos nestes últimos dias um livro novo: *Funâmbulos*. São quatro novelas, *O Rebanho*, *Ruínas*, *A Inimiga*, *O Vencido*, que occupam as suas duas centenas de páginas, escritas com muito vigor, — vigor talvez excessivo, consinta o autor que lho digamos. As notas delicadas, de que a existência do homem, não obstante a sua luta cotidiana, não é inteiramente desprovida, contra o que se esforcem por nos convencer muitos escritores de ensombrado espirito, não as pôde, assim, deixar aflorar nas suas narrativas o sr. Assis Esperança. Digamos a coisa por outras palavras, decerto mais claras: o novelista dos *Funâmbulos* transmite pouca simpatia, ou mesmo nenhuma, ás figuras a que dá corpo nas suas efabulações. Donde, evidentemente, nenhuma delas conseguir uma réstea sequer do carinho do leitor.

Um vento frio de amargura e de scépticismo faz redemoinhar todos esses vultos, que dir-se-iam fundidos em bronze pelas mãos convulsas dum artista supremamente desgraçado, criando arte agónica, à imagem e semelhança da sua própria vida.

Parece-nos, portanto, que o sr. Assis Esperança ganharia muito em moderar a sua visão pessimista da vida, onde nem tudo, acredite, é sensualismo e impiedade, ambição e vilipêndio. Tão arriscados andam a caluniá-la os que nela só descobrem aspectos de inferno e de monturo como aqueles que, românticamente, só a queiram ver como um paraíso de supremas venturas.

CÉSAR DE FRIAS.

À MARGEM DOS LIVROS

Que a memória do homem moderno se vai enfraquecendo — é corrente ouvir dizer. O nosso fotografado traz a este lugar comum, por sua parte, o mais formal desmentido. Com a idade de onze anos, aluno distinto do primeiro ano do liceu, Messias Fuschini, que pertence a uma familia onde abundam as tradições de arte, sabe de cor, paguella de ponta a ponta o Romance da Raposa, que para as crianças escreveu Aquilino Ribeiro e illustrou expressamente o cèlebre desenhador francês Benjamin Rabier. Agraç-nos registar este facto curioso, tanto mais que se pretende justificar com o abaixamento de nível mental a falência dum regime de instrução, em que os métodos e os programas de ensino estão abaixo de toda a critica.



O QUE ANTERO DE QUENTAL, HÁ 40 ANOS, PENSAVA DE OLIVEIRA MARTINS, E DO FUTURO POLÍTICO, SOCIAL E MORAL DA NOSSA TERRA

(CARTA INÉDITA A CARLOS CIRILO MACHADO)

Villa do Conde, 15 de Dez -

Meu jovem Amigo

Li com prazer a sua cartinha. Creio que é meu amigo, e, pela minha parte, d'entre os rapa-

tambem como lembrança minha. Agora publicou elle mais dois volumes As Raças e a Civilização Primitiva, que eu considero obra magistral, especialmente o 2.º vol., onde escreve não só como sabio e pensador profundo e original, mas como moralista eloquente. Recommendo-lhe aquella obra, como aliás lhe recommendo tudo quanto sae d'aquella pena, que, de dia p.º dia, ganha mais força e authoridade. Se Portugal de hoje, assim como produziu um homem d'aquel-



Visconde de Santo Thyrsó

les, tivesse produzido 8 ou 10, ainda se salvava. Verdade é que, se Portugal, n'esta geração, tivesse tido força p.º produzir 8 ou 10 homens como Oliveira Martins, não precisava de quem o salvasse, porque esse facto só por si era o indicio da força e fecundidade do espirito nacional, da sua vitalidade e saude perfeita. Infelizmente não é assim, e o futuro politico, social e moral d'esta terra parece-me comprometido, q.º o futuro d'um povo o pode estar. O abaixamento do nivel do espirito publico é espantosamente rapido. Invade e arrasta tudo. É um triste conselho p.º se dar a um rapaz, que mal entra agora na vida, dizer-lhe «abstem-te!». E todavia é o unico que lhe posso dar. N'esta cheia de miserias, que, transbordando, leva consigo q.º encontra, só ha escapar illeso quem refugir p.º os pontos mais altos, onde naturalmente se está isolado. Aprenda, meu jovem amigo, a viver de si, porque a vida social tornou-se um perigo p.º quem quer conservar a elevação da sua intelligencia e a pureza da sua consciencia. Creia que, de resto, ainda n'uma posição solitaria, se pode, d'um modo ou d'outro, fazer muito bem. E não é isso o essencial? Tudo o mais é só instrumento p.º tal fim. Que importa pois que o instrumento varie, se o fim é sempre o mesmo?

Adems. Do c.

ANTHERO DE Q.

A carta que damos hoje foi escrita por Antero de Quental, em 1885, a Carlos Cirilo Machado, então á roda dos 20 annos, funcionário do Ministério dos Estrangeiros, em vésperas de ir ocupar um pósto na Legação de Roma, e mais tarde, fô Visconde de Santo Thyrsó — a par de diplomata distinguissimo —, um dos espiritos literários mais brilhantes e cultos das letras portuguezas de todos os tempos, prematuramente desaparecido.

Antero de Quental, recolhido em Villa do Conde, contava então 13 annos; já tinha sido publicada a sua primeira colleção de sonetos (1881) compilada por Joaquim de Araújo, e estava Oliveira Martins, que lá para os 51 annos, preparando a segunda e mais ampla colleção de sonetos, que prefaciou (1886). Dois annos depois desta carta, o autor do Portugal Contemporâneo, que, 16 annos antes, com Quental, Eça, Arruaga, Teófilo, Seromenho, Fuschini, Batalha Reis, e outros, assinara o programa das famosas conferências do Casino — entrava na politica...

A carta de Antero de Quental a Carlos Cirilo Machado é um documento curiosissimo, e nêle se reflectem o espirito pessimista, mas profético, a alma bondosissima e altaneira do grande Poeta.



Antero de Quental

d'uma hora pelo caminho de ferro. De resto, é facilimo que nos vejamos no Porto onde vou com frequencia a casa do Oliveira Martins. Folguei com a impressão que lhe causou a leitura do Portugal Contemporaneo d'aquelle nosso escriptor, q. se está tornando verdadeiramente grande. Uma vez que gostou, e como é livro para se re-ler, em vez do m'o devolver, guarde-o, e ficará



Oliveira Martins

Villa do Conde, 15 de Dez -

Meu jovem Amigo

Li com prazer a sua cartinha. Creio que é meu amigo, e, pela minha parte, d'entre os rapazes da ultima geração, está o Carlos no numero limitado d'aquelles que eu estimo e de quem espero alguma coisa sã. Concebo que lhe tenha feito alguma falta: as nossas conversas não eram vans, e o Carlos não é d'aquelles, que, por terem talento, se cuidam dispensados de ouvir e attender. Eu não penso voltar tão cedo a Lisboa. Mas tenho idea de que vem ás vezes ao Porto, no verão. Pois q.º isso succeda, venha aqui passar um dia comigo, que é apenas jornada

versa da sua consciencia. Creia que, de resto, ainda n'uma posição solitaria, se pode, d'um modo ou d'outro, fazer muito bem. E não é isso o essencial? Tudo o mais é só instrumento p.º tal fim. Que importa pois que o instrumento varie, se o fim é sempre o mesmo?

“MILAGRES” MODERNOS

Não me refiro a Lourdes, nem a Fátima, nem a Santa Terezinha do Menino Jesus, nem aos milagres, iguais aos de todos os tempos, com que Deus misericordiosamente convida a humanidade a erguer a vista e a alma para o Céu.

Há também no mundo milagres explicáveis; e desses, sem exclusão dos primeiros, é realmente fértil o nosso tempo.

Tudo, porém, já está dito. A telegrafia e a telefonia sem fios, o Rádium, os submarinos, a aviação e as novíssimas conquistas terapêuticas, exgotaram já todos os panegíricos, e pouca originalidade teria quem deles pretendesse dar notícia às multidões saturadas de maravilhoso e anestesiadas para qualquer assombro perante as descobertas da Ciência.

Alguns milagres de hoje, porém, pela sua natureza especial e pelo campo relativamente



O professor Cruz Filipe ensinando o filho do Ex.^{mo} Sr. Delfino Maya ao seu filho Francisco José Maya, filho do Ex.^{mo} Sr. Delfino Maya

restrito em que se exercem, estariam destinados a um desconhecimento injusto e prejudicial, se os devotos da sua especialidade os não apregoassem reiteradamente, salvando-os da ingratitude e da ignorância.

Estão neste caso muitas modalidades de Assistência e muitas dedicações humanitárias obscuras, de comovedora caridade.

De uma sei eu, que há muitos anos me consola e me interessa, e que, tendo o maior alcance humanitário no ramo a que pertence, não é ainda entre nós bastante conhecida: refiro-me ao milagre de fazer falar os mudos e dar compreensão ntida da palavra aos surdos.

Chama-se este milagre *Desmutação*, num caso; neutro, *Leitura Labial*.

É um milagre de Ressurreição: restitui à vida consciente, à vida inteligente e útil, aqueles que uma cruel inferioridade física condenara. Abre janelas e portas amplas por onde esses pobres *enclausurados* que são os surdos-mudos, podem enfim entrar no mundo dos seres pensantes e falantes, para com eles colaborar e conviver.

Só quem não avale o que seja a tragédia da surdez e da mudez totais, — tragédia considerada por muitos pedagogos mais pungente ainda do que a própria cegueira, deixará de ponderar a importância d'este ramo da pedagogia, que é até certo ponto também um ramo da medicina.

Coube a um ilustre português a glória de ser um dos maiores propulsores do ensino dos surdos-mudos, em França, no século XVIII.

Esse português, cujo nome é Jacob Rodrigues Pereira, foi o primeiro a aplicar no ensino dos surdos-mudos, em França, a palavra e a dactilologia executadas conjuntamente com a leitura labial, — isto é, o método que hoje em dia, já sem a dactilologia, e devidamente aperfeiçoado por anos sucessivos de experiência, triunfa em toda a linha.

O caso é que, a pouco e pouco, num labor beneditino, a linguagem humana foi submetida a uma verdadeira observação *microscópica*, — cha-

memos-lhe assim; foi escalpelizada e dissecada, e os seus componentes, (para o efeito denominados *fonemas*), foram classificados por uma ordem fisiológica interessante.

Fonema é um neologismo, indispensável, que à falta de melhor parecer, definirei assim: — cada um dos fenômenos parciais da linguagem, composto simultaneamente do som e do movimento.

Os *fonemas* são ensinados com toda a meticolosidade, quanto às suas posições, quanto ao movimento e jôgo dos órgãos do aparelho da fala, e ainda quanto à sua exteriorização, para que a leitura labial ou — arte de ler a palavra falada nos lábios doutrem, seja um facto, pois é com ela que o surdo-falante pode até certo ponto suprir a enorme falta que lhe faz a audição.

Classificada a linguagem scientificamente por *fonemas*, é relativamente fácil a quem se tenha especializado no ensino dos surdos-mudos, transmiti-la — por assim dizer — átomo a átomo, a qualquer aluno que possua o sentido da vista.

Antes porém de conseguir que um surdo-mudo articule um *fonema*, pela imitação e pelo tacto, que lhe faz perceber a vibração dos sons, colocando a mão no peito e na garganta do professor, quantas conseqüências, que longa preparação, começada na primeira infância e seguida em anos sucessivos de persistência inabalável, e como são dignos de admiração os apóstolos que a tal missão se dedicam, pondo ao serviço dos deserdados a alma, o saber, o coração e muitas vezes a própria vida, pelo cansaço exgotante a que diariamente se obrigam!

— Porque não é só dar ao mudo a voz e a articulação de todos os *fonemas*; é necessário criar-lhe a linguagem; linguagem que ele entenda, e que lhe sirva para exprimir os seus pensamentos e os seus desejos...

E, que porhãda luta, que dificuldades a transpôr para conseguir patentear, a quem nunca ouviu um som, a significação das palavras, primeiro; — depois e progressivamente, a ligação das frases entre si, e, finalmente, o mundo das ideias, desde as mais simples até às mais abstractas!

«The facts of life are the impossibilities of fiction», disse eloquentemente e com rara felicidade o grande escritor inglês.

Em Portugal a *ressurreição* dos mudos é uma daquelas realidades inverosímeis que a Provi-



Observando as vibrações laringeas

dência de voz em quando nos dispensa, para nos reconciliar connosco próprios, com os mais, e com certos aspectos da existência.

Desacompanhada quasi do apoio oficial, pelo pouco ou nenhum cuidado que os governantes dedicam a este ensino, a Casa Pia de Lisboa mantém briosamente o seu *Instituto Jacob Rodrigues Pereira*, onde salva da indigência moral e material dezenas de alunos de ambos os sexos. Não se apagaram ainda naquela prestimosa instituição os nomes beneméritos de Jaime

Artur da Costa Pinto e do Dr. Aurélio da Costa Ferreira, para só estes citar, que tanto se salientaram na defeza e na propagação do ensino dos surdos-mudos.

Pena é que o Estado tão pouco se preocupe com as centenas de desgraçados que por esse país fora esperam inutilmente umas migalhas do ensino especial, que poderia transformá-los — de párias, que são, em homens úteis e felizes. Na Casa Pia, além da fala, da moral, da leitura da escrita, da ginástica e doutrinas disciplinares, os surdos-mudos aprendem vários officios, que, uma vez atingida a idade da emancipação, lhes garantem o pão de cada dia.

Tem-se notado que o operário surdo-mudo, em geral, pela forçada concentração da atenção a que a natureza o votou, compete vantajosamente com os seus colegas em muitos ramos da actividade industrial.

É muito notável, e digno dos maiores elogios, sob todos os aspectos, o grupo de professores de surdos-mudos, de ambos os sexos, que tanto dignifica a antiga Casa Pia de Lisboa.

José da Cruz Filipe, que especialmente menciono pelo conhecimento que me foi dado adquirir da sua competência, não é só um professor admirável, que em qualquer meio culto seria uma notabilidade, no ramo a que se dedicou; não é só um sabio, na plena posse de todos os segredos da sua especialidade, e sempre em dia com os seus progressos; não é só um verdadeiro artista da palavra falada e exteriorizada; é também um *apóstolo* da salvação dos surdos-mudos.

O seu zelo só pôde comparar-se à sua actividade, que é enorme, e à sua abnegação, que é extraordinária.

Se todos nós cumpríssemos as nossas obrigações como Cruz Filipe cultiva as devoções do seu *apostolado*, Portugal seria feliz.

Não se limita a dirigir superiormente o ensino dos surdos-mudos da Casa Pia, onde o já mencionado *Instituto Jacob Rodrigues Pereira* tão relevantes serviços presta, apesar do abandono a que o votam os poderes constituídos; — ensina e trata também na sua clinica pedagógica particular todos os infelizes que recorrem ao seu saber, dando fala a muitos mudos e percepção da palavra a muitos surdos, além dos trabalhos de *Ortografia* com que corrige os defeitos da fala em muitos anormais da linguagem, que, sem a sua providencial intervenção, ficariam sempre condenados a fazer rir os seus descazoáveis semelhantes. *Homo homini lupus...*

Já hoje não há o direito de abandonar os surdos-mudos à sua indigência.

O Estado devia protegê-los eficazmente, seguindo sempre os progressos d'este *milagre moderno*, que tanto exalta a inteligência humana. Quanto às famílias, que poderiam pensar daquelas que, por negligência ou desamor, deixassem permanecer numa escura prisão uma criança, muitas vezes singularmente dotada, quando tão fácil é dar-lhe a liberdade e a luz, sem as quais a vida não pode ter valor, nem significação?

Até os cegos surdos-mudos se educam, hoje em dia; e a célebre escritora americana Helen Keller, cega, surda e muda de nascença, é com razão considerada uma das maravilhas da moderna pedagogia. A palavra é indispensável.

Contaram-me dum casal que tinha — entre outros filhos normais — um filho surdo-mudo, cuja desgraça lhe ensombrou o lar.

Aos dez anos, já um pouco tarde, entregaram-no à terapêutica pedagógica do professor Cruz Filipe.

Passou-se algum tempo. Um dia, durante o jantar, num daqueles silêncios que se fazem às vezes, como diz o povo, *quando passa um anjo*, ouviu-se uma palavra destacada: — PAI!...

O pequenito surdo-mudo começara a falar... com a primeira palavra que aprendera.

E aquele pai, que durante dez anos sofrera a mágoa imensa de ver o seu pobre filho privado da fala, sentiu todo o valor que pode ter uma simples sílaba, quando, proferida consciente e voluntariamente, estabelece a comunicação afectuosa entre duas almas...



Feminina



CAPRICHOS DA MODA

EXPIRADO, no interior dos templos povoados de emoção e afervorada fé, o último acorde das evocativas harmonias religiosas, epilgado, com a consoladora nota de luz da Ressurreição, a comemoração do drama espantoso que teve por teatro um retalho do Gólgota e por espectadores a Humanidade inteira, espargidas as flores da Páscoa sobre a Cruz redentora, as almas despem-se do seu pesadelo de dor e remorso e voltam a aturdir-se com as frivolidades e os prazeres mundanos, capa dourada e voejante das duras realidades da Vida.

Recomeçam os bailes, as reuniões brilhantes, os chás espirituosos, os *firts*, enquanto não se encetam os preparativos para as vilegiaturas já próximas.



No bal de coutûre: — elegante capa de lamê oiro e rosa



Evocação de tempos idos: — toilette de lamê gouflé vieux rose e rendas de prata

E para tudo isso são necessárias as toilettes que impressionem e conquistem para a mulher um seguro pedestal de bom gosto e elegância.

No *Bal de coutûre*, certame de imprevistas fantasias, que as grandes modistas parisienses realisam todos os anos, foram ultimamente apresentadas as mais recentes criações artísticas do vestuário, lançadas pelas grandes casas de Paris.

Para todos aqueles que cultivam a ordem, a imposição exclusiva de um determinado estilo ou género de silhueta, quanta desorientação ofereceu o liberalismo eclético da moda vigente!

A grande toilette, é facto incontestado, não obedece actualmente a nenhuma linha definida e exclusiva de forma.

Tudo se usa, tudo se aceita, tudo se vê, desde a mais inesperada fantasia à mais ousada originalidade, contanto que o bom gosto e o sentimento estético presidam às composições da toilette.

Ali, no perpassar estonteante de mil sumptuosidades fascinadoras, vimos desenharem-se as silhuetas esguias e flexuosas modeladas pelos *fourreaux lamés*; esbatida, é certo, a crua



Toilette de georgette branco perle ao cristal. Manteau de setim bordado. Fantasia de plumas no penteado

pos, não resta dúvida que será esta a silhueta preferida pelo bom senso feminino, porque nela se conjugam todos os elementos de vantagem plástica afirmados num e noutro extremo.

A toilette de baile é actualmente caracterizada pelo ajustado dos corpos, que assim fazem valer discretamente o modelado do busto, a graça das formas, e pelo rodado das saias que ondulam, levemente, suavemente, ao ritmo dos movimentos, velando os desequilíbrios desagradáveis das atitudes impulsivas.

Como tecidos e cores, a moda adopta para a realisação das toilettes de cerimónia, tudo quanto de



Toilette de crepe georgette pailleté Manteau de veludo verde jade

nitidez das linhas, sob a poalha nevoenta das gazes e dos tules artisticamente franzidos, espargindo, na leveza da ondulação, as scintilações das minúsculas pedrarias dos bordados, — a contrastarem com a amplidão das toilettes inspiradas na elegância lendária, impregnada de mistério, das grandes damas venezianas. A par da nota viva tracejada com audácia pela moda do presente, a romântica evocação da hesitante elegância do passado.

Entre esses dois marcos de antagonismo estético da elegância, porém, os nossos olhos sedentos de equilíbrio lá descobriram, impondo-se ao bom gosto, a silhueta criada pelo sensato sentimento artístico, o meio termo entre os dois extremos, a conciliação razoável e agradável das duas conceptividades rivais. E, mau grado a propensão para a excentricidade, de que o espírito da moda tem dado sobejas provas em todos os tem-



Toilette de georgette bordada com contas de varias cores

mais brilhante e sumptuoso a moderna indústria textil nos oferece.

Os lamés, gaufrés, os setins cirés, as mil e uma combinações dos tecidos de seda metalizados, as perlayes, as pailletages, as feérias dos bordados de cristal, de pedrarias refulgentes do ouro, da prata, enfim, aliadas com a diaphaneidade dos tules, das mousselines, e dos georgettes, são os componentes maravilhosos desses primores de elegância que tanto contribuem para o realce da beleza feminina, ninbandando-a de brilho, de riqueza, de refulgências estonteantes.

E se não fôsse o ousado encurtamento das saias, o imprudente rasgado de alguns decotes — nas costas, apenas, porque na frente são já discretos, — e um imprudente alongado das cavas, — como a moda teria descoberto, enfim, o segredo de embelezar a mulher moldando a sua graça natural na suave e harmónica linha da toilette!

BIBLIOGRAFIA ESTRANGEIRA

LITERATURA INGLESA TRADUZIDA EM FRANCÊS

(Continuado do número 3)

SAMUEL BUTLER (1825-1902)

Erewhon, trad. prefaciada por Valery Larbaud, Librairie Gallimard.*Ainsi va toute chair*, tradução de Valery Larbaud, 2 vols. Gallimard ed.*La vie et l'Habitude*, trad. Valery Larbaud, Gallimard ed.*Nouveaux voyages en Erewhon*, trad. Valery Larbaud, Gallimard ed.

WALTER PATER (1839-1894)

Portraits imaginaires, trad. Georges Khnopff, Intr. par Arthur Symons.*La Renaissance*, trad. de F. Roger Cornaz.*Platon et le Platonisme*, trad. Dr. Jankélovitch.*Marius l'Épicurien*, trad. de E. Coppinger.

GEORGE ELIOT (1819-1880)

Les Amours de M. Gilfil, trad. E. Pasquet.*Adam Bede*, trad. Albert Durand, 2 vols.*Silas Marner*, trad. Morel.*Pages choisies*, Intr. de Hovelacque.

GEORGE R. GISSING (1857-1903)

Demos, trad. Hephell, 1890.*La Raçon d'Ève*, trad. G. Art, 1898.*La Rue des Meurt-de-Faim*, trad. 1902.

LORD ALFRED DOUGLAS

Poems, texto inglês e francês, 1896.*Oscar Wilde et moi*, trad. de William Claude, 1917 (6,75 frs.).

ANDREW LANG (1844)

Les Mystères de l'Histoire, trad. Wyzewa (7 frs.).*La Pucelle de France*, trad. Dr Louis Boucher et Clarke (4,50 frs.).*La Jeanne d'Arc d'Anatole France* (4 frs.).

ROBERT LOUIS STEVENSON (1850-1894)

L'Île au Trésor, trad. Théo Varlet, (6 frs.).*Suicide-Club*, trad. Desprésaux, 1885.*Les Cas Étrange du Dr. Jekyll*, varias traduccões.*La Flèche noire*, trad. La Chesnais (6,75 frs.).*Le Mort Vivant*, trad. Wyzewa (7 frs.).*Le Reflux*, trad. Wyzewa (7 frs.).*Hermiston le Juge Pendeur*, trad. Wyzewa.*Les Gais Lurons*, trad. Théo Varlet (7,50 frs.).*Les Marquises et les Paumotus*, trad. Théo Varlet (6 frs.).*Les Gilberts*, trad. Varlet (6 frs.).*Le Maître de Ballantrae*, trad. Varlet (7,50 frs.).*Dans les Mers du Sud*, trad. des Garets (7,50 frs.).*Les Nuits des Îles*, trad. Fred Cause-Mael (5 frs.).*Les Mémoires de John Nicholson*, trad. Savine (5 frs.).*Les Hommes Joyeux*, trad. Savine (5 frs.).

RUSKIN (1819-1900)

Les Lys du Jardin de la Reine, 1896*La Bible d'Amiens*, trad. de Marcel Proust, 1904 (7,50 frs.).*Sésame et les Lys*, trad. de Marcel Proust, 1906, (7,50 frs.).*Les Pierres de Venise*, trad. de M.^{me} Grémieux (18 frs.).*Les Matins à Florence*, trad. de M.^{me} Nypels (12 frs.).*Le Val d'Arno*, trad. de E. Cammaerts (12 frs.).*Conférences sur l'Architecture et la Peinture*, trad. E. Cammaerts.*Les Peintres modernes*, trad. E. Cammaerts.*Les Sept Lampes de l'Architecture*, precedido de *La Couronne d'Olivier Sauvage*, trad. de G. Elwall.*Souvenirs de Jeunesse*, trad. de M.^{me} Gaston Paris (5,75 frs.).*Le Repos de Saint-Marc*, trad. K. Johuston*Pages Choisies*, Intr. R. de La Sizeranne (8 frs.).

THACKERAY (1811-1863)

Le Nain de Sunderwald, adaptación 1892.*La Foire aux Vanités*, varias edições, a preferida é a G. Guiffrey.*Le Livre des Snobs*, trad. Guiffrey.*Les Quatre Georges*, trad. Le Foyer 1860.*Histoire de Pendennis*, trad. Scheffler, 3 vols.*Extraits*, trad. Léon Morel.

CARLYLE (1795-1881)

Les Héros, trad. Izoulet, (7 frs.).*Sartor Resartus*, trad. Barthélemy, 1904 (7,50 frs.).*Pamphlets du dernier jour* trad. Barthélemy (6,75 frs.).*Essais et Nouveaux Essais choisis de critique et de Morale* (6,75 frs.).*Letres à sa mère*, trad. E. Masson (6,75 frs.).*Correspondance avec Emerson*, trad. Lepourte (5,75 frs.).*Letres d'amour de Jane Welsh et de Thomas Carlyle*, 2 vols. 1910.*Carlyle intime — Jane Welsh Carlyle «Reminiscences»*, trad. Masson (6,75 frs.).*Olivier Cromwell. So Correspondance. Ses Discours*, trad. Barthélemy 3 vols. (7,50 frs. cada volume).*Pages choisies*, trad. Masson (5,75 frs.).

DICKENS (1812-1870)

Contes pour le Jour des Rois, trad. A. Pichot (2 frs.).*Contes de Noël*, trad. A. Pichot (2 frs.).*Historiettes et récits du foyer*, trad. A. Pichot (2 frs.).*Maison à louer*, trad. A. Pichot (2 frs.).*Le Neveu de ma Tante* (David Copperfield) (2 vols. 14 frs.).*Monsieur Pickwick*, trad. Georges Duval, edição ilustrada (60 frs.).*Les Aventures de Pickwick*, ed. Nelson, 3 vols. (13 frs. os 3 vols.).*David Copperfield*, trad. de Marion Gilbert e Madeleine Devivier 2 vols. (2 vols.).

TRADUÇÕES PUBLICADAS SOB A DIRECÇÃO DE

P. LORAIN

Aventures de M. Pickwick, 2 vol. (7 frs. os 2 vols.).*Contes de Noël*, (3,50 frs.).*David Copperfield*, 2 vol. (7 frs. os 2 vols.).*Le Magasin des Antiquités*, 2 vols. (7 frs. os 2 vols.).*Les temps difficiles*, (3,50 frs.).*Nicolas Nickleby*, 2 vols. (7 frs. os 2 vols.).*Oliver Twist*, (3,50 frs.).*Le Mystère d'Edwin Drood*, (3,50 frs.).*Pages choisies*, trad. B. H. Gausseron (7,50 frs.).

H.-G. WELLS (1866)

Traduções de Henry-D. Davray:

La Machine à explorer le temps, 1899 (7,50 frs.).*La Guerre des Mondes*, 1900 (7,50 frs.).*Une Histoire des temps à venir*, (7,50 frs.).*L'Île du Docteur Moreau*, (7,50 frs.).*Les premiers Hommes dans la lune*, (7,50 frs.).*Les Pirates de la Mer*, (7,50 frs.).*La Découverte de l'Avenir et le Grand État*, (7,50 frs.).

Traduções de Henrz-D. Davray et B. Konzakiewicz:

L'Amour et M. Lewisham, (7,50 frs.).*Place aux Géants*, (7,50 frs.).*Quand le Démon s'éveillera*, (6,50 frs.).*Miss Waters*, (7,50 frs.).*La burlesque Equipe du Cycliste*, (7,50 frs.).*Douze Histoires et un Rêve*, (7,50 frs.).*Au temps de la Comète*, (7,50 frs.).*La Guerre dans les airs*, (7,50 frs.).*Effrois et Fantasmagories*, (7,50 frs.).*L'Histoire de M. Polly*, (7,50 frs.).*Anne Veronique*, (7,50 frs.).*Le Pays des Aveugles*, (7,50 frs.).*Anticipations*, (7,50 frs.).*Une Utopie moderne*, (7,50 frs.).

TRADUÇÕES DIVERSAS

L'Homme invisible, trad. par Achille Laurent, (7,50 frs.).*L'Île de l'Épyornis*, trad. par Achille Laurent, (7,50 frs.).*M. 'Biriting commence à voir clair*, trad. (6 frs.).*La Guerre et l'Avenir*, trad. por Cecil Georges Bazile, (6,75 frs.).*La Flamme immortelle*, trad. par M. Butts (6 frs.).*Dieu l'Invisible Roi*, trad. par M. Butts (6 frs.).*La Russie telle que je viens de la voir*, préf. par Maxime Leroy, (6 frs.).*Jeanne et Pierre*, trad., 2 vol. (15 frs.).*Kipps*, trad. par L. Wolff, (10 frs.).*Les Coins secrets du cœur*, trad. par A. Savine et Michel Georges-Michel, (6,50 frs.).*Le Trésor dans la forêt*, trad. par A. Savine et Michel Georges-Michel, (6,75 frs.).*Un grand Éducateur moderne: Sanderson*, trad. par M^{lle} M. Butts (10 frs.).*Le Nouveau Machiavel*, trad. par Madeleine Rolland, 2 vol. (15 frs.).*Esquisse de l'Histoire universelle*, trad. par Édouard Guyot (40 frs.).

ARNOLD BENNETT (1867)

Le Matador des Cinq Villes, trad. de Valery Larbaud (Nouvelle Revue Française, 1912).*Clayhanger*, trad. de M. Lanoire (Revue de Paris, 1915).*Le Ménage Clayhanger*, trad. de M. Lanoire (Revue de Paris, 1920).*Amour profane, Amour sacré*, trad. de M. Lanoire, 1921 (6,75 frs.).

ANTHOLOGIAS

(Victorians e Contemporaneos)

Anthologie de la Littérature anglaise, por A. Koszul, tomo II (7,50 frs.).*Anthologie des Humoristes anglais et américains*, par Michel Epyu (7,50 frs.).*Anthologie de la Littérature Irlandaise*, por Hovelacque (7,50 frs.).*Les Poètes Anglais*, por Paul Géraudy (6 frs.).

REGISTO BIBLIOGRÁFICO

A. — SECCÃO FRANCÊSA

1 — Literatura

a) Romances, contos e novelas:

Marcel Arian — *Monique*, précède de *Terres étrangères*, 9 frs. (Nouv. Revue Française).Pierre Benoit — *Alberte*, 9 frs. (A. Michel).André Corthis — *La Belle et la Bête*, 9 frs. (A. Michel).André Lichtenberger — *Sang Basque*, 7,50 frs. (Nouv. Revue Critique).Bienstock et Curnonsky — *T. S. V. P.*, 10 frs. (Crès).Florence Barclay — *L'Auréole Brisée*, 9 frs. (Plon).

c) Essais e estudos criticos:

Ossendowski — *De la Présidence à la Prison*, 12 frs. (Plon).Adolphe Boschot — *chez les Musiciens*, 10 frs. (Plon).François Mauriac — *Jeune Homme*, 5 frs. (Hachette).Deltail — *Les Poilus*, 10 frs. (Grasset).Obey — *L'Apprenti Sorcier*, 10 frs. (Grasset).Maurice Donnay — *La Vie Amoureuse d'Alfred de Musset* (Flammarion).Guy de Pourtales — *La vie de Franz Listz*, 9 frs. (Nouv. Revue Française).Louis Barthou — *La Vie Amoureuse de Richard Wagner* (Flammarion).Léon Daudet — *Le Rêve Eveillé*, 10 frs. (Grasset).Jean Cocteau — *Le Rappel à l'Ordre*, 9 frs. (Stock).Mario Meunier — *La Légende Dorée des Dieux et des Héros*, 10 frs. (Lib. de France).Georges Duhamel — *Essai sur le Roman*, (Marcel Lesage éd.).Elie Faure — *Montaigne et ses trois premiers* (Crès).J. J. Tharaud — *Notre Cher Péguy*, 18 frs. (Plon).

O PARA-QUEDAS IRVING

ARROJADAS EXPERIÊNCIAS NO CAMPO DA AMADORA, FEITAS PELO AVIADOR AMERICANO FORD

O pára-quadras é o mais importante elemento de defesa dos aviadores. Muitos desastres se evitariam se elle fosse constantemente utilizado nos vôos. Isto é muito bem compreendido pelos Governos Americano, Inglês e Brasileiro, que adoptam há muito o pára-quadras Irving e que o tornaram obrigatório, sendo certo que nunca foram vítimas de desastres aqueles que tiveram ocasião de o utilizar. Elle não prejudica em nada os movimentos dos aviadores, que não sofrem o mínimo incômodo com o seu emprêgo, pois o aparelho é transportado como se fosse uma almofada, sentando-se o piloto sobre elle.

Funciona admiravelmente e a prova evidente d'este facto está nos resultados atingidos.

A seda japonesa de que é feito tem um poder de resistência tão grande, que o pára-quadras Irving pode trazer suspenso um peso de 250 quilos no instante da descida e sem que haja ruptura.

Averiguou-se, em experiências interessantíssimas, que elle, suportando um peso de 100 quilos, pode abrir quando a velocidade de queda já atinge 640 quilómetros á hora, o que é de veras surpreendente.

Na recente e notável experiência que se fez com esse pára-quadras no Campo da Amadora, o aviador americano Lyman Foid, que é dum arrôjo e sangue frio pouco vulgares, mostrou por duas vezes a alta utilidade d'esse belo aparelho, subindo num avião pilotado pelo aviador Jorge de Ávila, e lançando-se depois da altura de 300 e 600 metros, munido do Irving.

O aviador americano, lançado no espaço a

500 metros de altura, veio cair suavemente no Campo da Amadora.

Assistiram aos vôos o sr. Ministro das Colónias, generais srs. Luis Dominguez e Roberto Baptista, adidos militares da França e Espanha, officiaes do Gabinete do sr. Ministro da Guerra, tenente coronel Malheiros, Comandante Cisneiros de Faria e muitos officiaes da aviação marítima e militar, assim como o aviador civil, sr. Carlos Eduardo Black, e representantes da Imprensa, etc.

É digno de todo o elogio quem teve a iniciativa dessas experiências, por ellas tendo havido ensêjo de se verificar também a sua efficácia em desastres succedidos a menos de 50 metros de altura. Claramente o aparelho Irving mostrou que pode evitar os desastres do género dos que entre nós se têm registado.

Há 5 annos que é usado

este aparelho sem que uma única falha no seu funcionamento se tenha dado e sendo já muito numerosas as vidas salvas.



O aviador americano Ford, preparando-se para subir

É extraordinário que o nosso Governo o não tenha ainda tornado obrigatório, á semelhança do que se faz lá fora. No caso do piloto ter uma síncope, o observador estando munido do pára-quadras pode salvar-se, não se perdendo assim as duas vidas, como succede quasi sempre que se dá um desastre. Por outro lado, se o aparelho se incendia, ou se se dá o cruzamento de comandos, ou se uma asa se quebra, os aviadores podem salvar-se facilmente desde que tenham o referido aparelho, que devia, assim, não nos cansamos de o repetir, tornar-se obrigatório em quaisquer vôos que os nossos arrojados aviadores executem. Ao Governo Português lembramos pois a necessidade que há de tomar as medidas convenientes a esse respeito, tanto mais que já no Parlamento foi apresentado um projecto nesse sentido, iniciativa que encerra muito mais valor do que os costumados e platónicos votos de sentimento.



Ford entre a officialidade que assistiu ás suas experiências

JOALHARIA DO CARMO

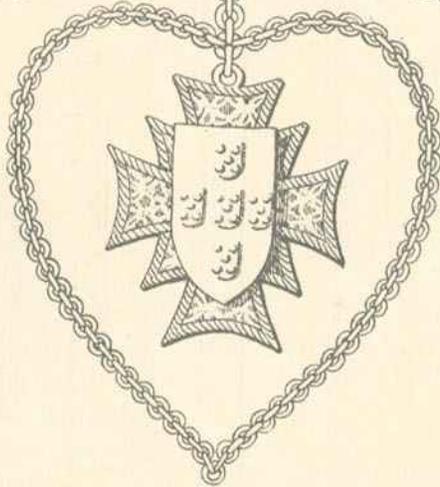


JOIAS

E

P R A T A S

ARTISTICAS



PRESENTES

PARA

ANIVERSARIOS

E

CASAMENTOS

SEDE NO PORTO

RUA 31 DE JANEIRO, 53

FILIAL EM LISBOA

RUA DO CARMO, 87-B

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: 1160

TELE { GRAMAS: AUREARTE
FONE: N. 1360



Maquina de Barbear
"VALET"
Auto Strop

Evita contínuas
 despesas de lâminas novas

PRINCIPAIS VANTAGENS

- 1.º Dispositivo suavizador que permite dar à lâmina em dez segundos um fio finissimo, sem haver necessidade de retirar a lâmina da máquina e sem necessitar de nenhum aparelho especial e custoso.
- 2.º Graças à qualidade do aço as lâminas podem servir 50 vezes ou mais evitando contínuas despesas de lâminas novas.
- 3.º A limpeza é extremamente fácil, não havendo necessidade de retirar a lâmina, nem de desaparafusar ou desmontar peça alguma.

AGÊNCIA: LACHAUD & C.^A
 44, RUA DOS FANQUEIROS — LISBOA

Waterman

Exigi sempre a

**Caneta
 Ideal
 Waterman**



A caneta que goza de maior
 reputação no mundo inteiro

Agencia. 44 Rua dos Fanqueiros, Lisboa

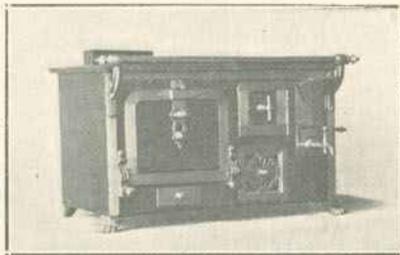
Waterman

ALBERTO DA SILVA

Fabricante de Colchões de arame, Fogões em todos os géneros, tamanhos e sistemas, com aquecimento para casas de banho, Cofres e Casas fortes à prova de fogo garantidas.

PROJECTOS E ORÇAMENTOS PARA TODOS OS TRABALHOS DE SERRALHERIA

Telef.: Central 24



Telef.: Central 24

Colunas e vigamentos em tôdas as dimensões. — Portas onduladas, ferros para alfaiate, torradores, etc.

O melhor fabrico e o melhor depósito de Lisboa

Officinas gerais: { RUA DO SOL (a Chelas) 38
 ESCADAS DO MONTE, 9

Escritório e Oficina: R. ARCO BANDEIRA, 129 e 131

NINGUEM COMPRE SEM CONSULTAR OS NOSSOS PREÇOS

Pó d'arroz
MARÇA

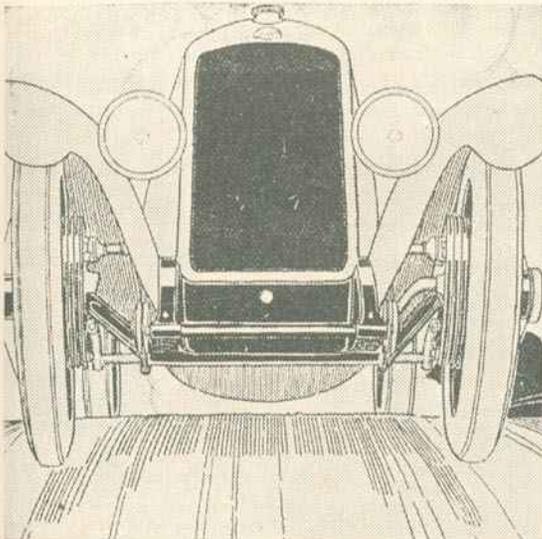
Cold Crème
MARÇA

**ADERENTE
FINISSIMO
A MARÇA
MAIS PO-
PULAR DE
PORTUGAL**

**O MELHOR
PARA BRAN-
QUEAR E
AVELUDAR
A PELE**

Produtos de beleza conhecidos e preferidos pelas senhoras em todo o paiz, Ilhas, Africa e India. — Creações da
PERFUMARIA DA MODA — 5, Rua do Carmo, 7 — LISBOA

AUTOMOVEIS PEUGEOT



A marca mais vitoriosa, mais antiga e de maior fama.
Pioneiro de automobilismo, ha 35 anos que construiu o primeiro carro. A primeira corrida de automoveis (1894) foi ganha por PEUGEOT. Em 1903 ganhava em Inglaterra o primeiro premio contra 130 marcas concorrentes (Feability Trials). Depois uma serie ininterrupta de vitórias marca a venda da mais gloriosa das marcas de automoveis, orgulho da Franca e da Industria Francesa.
Os seus formosissimos motores sem válvulas de 12 e 18 cavalos são a quinta essencia da construção no genero.
Obtiveram 4 vezes a «TARGA FLORIO» na Italia, e ganharam definitivamente a «COUPE FLORIO» disputada durante 20 anos na mais dura prova do Mundo (4.500 viragens). Além destas ganharam o GRAND PRIX DE TOURISMO em 1923, 1924 e 1925 e o «TOUR DE FRANCE» dos mesmos anos (este com os 5 e 10 cavalos).
Ha poucos meses UM SO CARRO DE 18 CAVALOS com o pequeno motor 95x135, igual ao que se vende ao publico, batou na Suissa mais de CEM CONCORRENTES numa prova de 21 kilometros de ingreme rampa. Entre os concorrentes contavam-se 4 carros MER-EDES do dobro da capacidade e com injeccão forçada, considerados como os principais favoritos da prova.
Comprei pois um PEUGEOT e tereis adquirido o automovel que melhor vos servirá, porque são os mais sólidos, mais veloces e mais economicos.

R. E. O. (RIO)

Marca Americana das mais acreditadas e já bem conhecida em Portugal onde o primeiro carro está prestando serviço ha 15 anos!
Referências notaveis dos seus possuidores.
Fabricado completamente na grande Companhia R. E. O. com aços perfeitamente iguais aos que emprega a famosa fabrica ROLLS ROYCE.

CAMIONETTES «SPEED WAGON» — R. E. O.

(Nome registado em todo o Mundo)

PELOS SEUS MARAVILHOSOS RESULTADOS, podem fazer competencia ás tarifas dos Caminhões de Ferro mesmo com as estradas como estão.
As últimas 7 remessas foram vendidas sem nunca conseguirmos poder ter uma em exposiçào.
São os possuidores que fazem as vendas.
A Inglaterra importa mais de mil camionettes por ano.
Dentro em pouco hão de dominar por completo o mercado Português.
Para as Minas de S. Domingos (Alentejo) para onde foi a primeira para experiencia já foram 3, duas delas para o mesmo comprador.
A VACUUM OIL COMPANY também se adquiriu para serviço tanto em Lisboa como para a sua sucursal de Palma de Mallorca.

AGENTES GERAIS:
A. CONTRERAS, L.^{DA}
AVENIDA DA LIBERDADE, 119
LISBOA

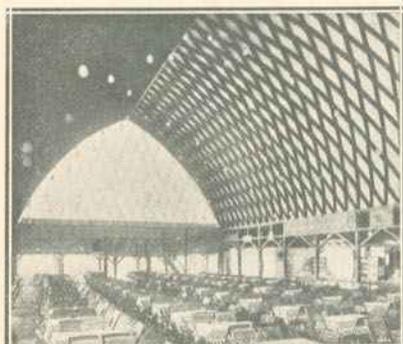
C. DUPIN & C.^A

Praça Duque da Terceira, 24

LISBOA

GRANDE SUCESSO DA ACTUALIDADE

CASAS DESMONTÁVEIS



Hangares para Aviação. Depósitos. Alfandegas. Cinemas. Restaurantes, etc., permitindo vãos até 35 metros sem necessidade de pregar pilar ou apoio central.

MOVEIS

COMPRAM
E VENDEM
NOVOS E
USADOS

José Epifanio Real & Filho

31 - 33

RUA DO NORTE

LISBOA

Perfumaria Universal, L.^{da} ROCIO, 101

Abriu este estabelecimento «chic» com um sortido de produtos dos melhores perfumistas do mundo, tais como: Caron, Houbigant, Coty, Dorsay, Lubin, Piver, ED., Pinand, Roger & Callet, Gélé Frères, Godet, J. Grossmith & Son, Crow, Colgate, etc.

Tem o mais completo sortido de escôvas de tôdas as qualidades e para todos os fins

Os proprietários agradecem a gentileza da sua visita a este novo estabelecimento.



PETRÓLEO
HAHN

M. d. F.

PARA O CABELO
De Fr. Vülbert à Lyon

LOÇÃO FORTIFICANTE
E REGENERADORA



indispensável para limpeza, aformoseamento, conservação e desenvolvimento da cabeleira

CADA FRASCO 20\$00

VENDA POR GROSSO

J. DELIGANT

15, RUA DOS SAPATEIROS — LISBOA



PREFERI SEMPRE A ESCÓVA DE DENTES DO DR. LENIEF POR SER
 A mais Elegante | A mais prática
 A mais higiénica | E a mais económica
 VENDAS POR GROSSO

Agencia: LACHAUD & C.^A — 44, Rua dos Fanqueiros, LISBOA

V. EX.^A QUER TER
 AS PERNAS ELEGANTES?

USE SEM HESITAÇÃO AS

BANDES L. DE CLARKS



*em caoutchouc muito fino de
 côr rosea e muito macio,
 INVISIVEL DEBAIXO
 DA MEIA MAIS TRANS-
 PARENTE.*

*Pela suave massagem que elas
 ocasionam durante o anda-
 mento, facilitam a circulação
 e tornam a vossa perna ele-
 gante e escultural.*

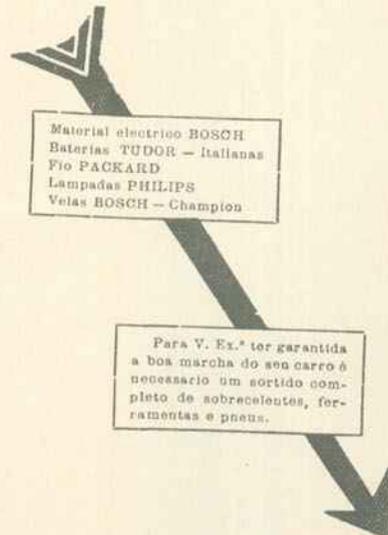
Preço esc. 35\$00 — Porte gratis

VICTOR C. CORDIER

Rua da Prata, 275 — LISBOA

C. Marquez de Abrantes, 1 a 5 — LISBOA

Rua das Flôres, 136 — PORTO



Material electrico BOSCH
 Baterias TUDOR — Italianas
 Fio PACKARD
 Lampadas PHILIPS
 Velas BOSCH — Champion

Para V. Ex.^a ter garantida
 a boa marcha do seu carro é
 necessario um sortido com-
 plete de sobreceletes, for-
 ramentas e pneus.

O que V. Ex.^a encontrará
 á venda na casa **P. G. L.**
 Avenida da Liberdade, 25 a 24
 LISBOA

Tele fones 3750 N.
 Gramas 401MA Lisboa

AUTOMOVEIS SALMSON

Torpedo SALMSON 7 H. P. de 4 logares, com travões ás 4 rodas, chassis de pontas reforçado de quadro fechado, com mollas inteiras á frente e meia-cantélever atraz.

Motor monobloco de 4 cilindros, com $62 \frac{m}{m}$ de alesage e $90 \frac{m}{m}$ de course, cilindrada 1086^{cmc.} e valvulas colocadas na parte superior comandadas por colbuteurs.

5 RODAS, CALÇADAS COM PNEUS CONFORT 715×115

CONTA-QUILOMETROS, RELOGIO, AMORTISSEURS, MI-SE-EN-MARCHE E ILUMINAÇÃO ELECTRICA.

SALMSON 7 H. P. O carro mais economico.

6 LITROS DE GAZOLINA E 100 GRAMAS D'OLEO AOS 100 QUILOMETROS.

SALMSON 7 H. P. o carro mais rapido do mundo na sua categoria.

ARPAJON em 11 de Outubro de 1925, Record do mundo do quilometro lançado, a 182 QUILOMETROS 232 METROS Á HORA.

S. SEBASTIAN em Setembro de 1925 — Primeiro premio do Circuito em estrada de 531 quilometros, com a media fantastica de 100 quilometros á hora.

Unicos concessionários para Portugal e Colómas

ARMANDO CRESPO & C.^A

Rua do Crucifixo, 118 a 124

LISBOA

POMPADOUR

Esta série de perfumarias constitui o
: : nosso orgulho de fabricantes : :

TOMÁS MENDONÇA, FILHOS, L.^{DA}



PERFUMARIA MENDONÇA

Telefone: Trindade 105

CALÇADA DO COMBRO, 47—LISBOA

AUTOMOVEIS

CAMIONS

MORRIS

MORRIS-COWLEY

MORRIS-OXFORD

MORRIS-LEON BOLLEE

O MAIOR SUCESSO DA FABRICAÇÃO INGLEZA

Maravilhosas provas de resistencia nas nossas estradas. Todos os aperfeiçoamentos modernos.

A CHEGAR MODELOS DE 1926

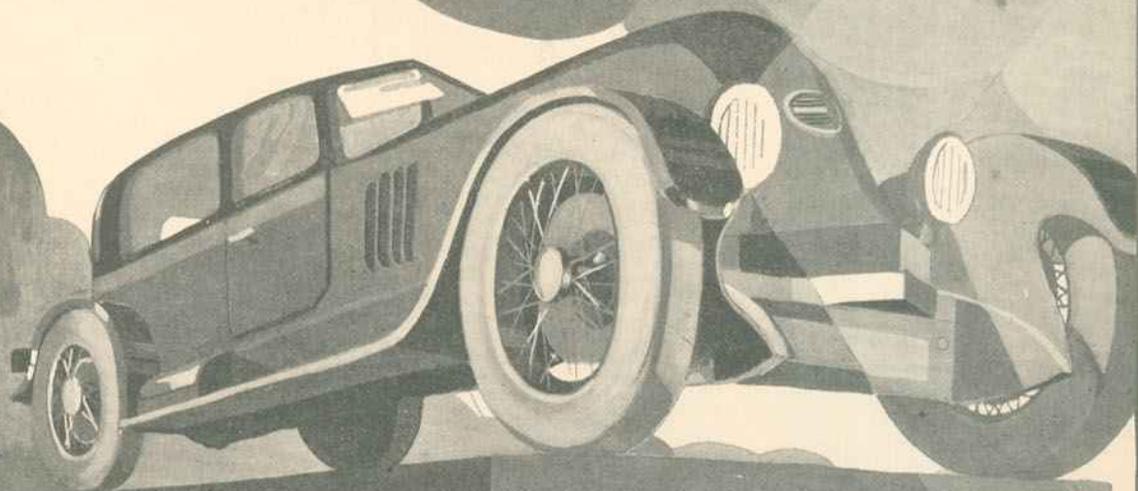
Carro pequeno com as qualidades e aperfeiçoamentos do carro grande. — Todos os accessorios dos melhores fabricantes inglezes. — Instalação electrica Lucas (usada pelo Rolls-Royce). — 4 tipos de chassis — 11 tipos de carroserie.

AGENTES EXCLUSIVOS
PARA
PORTUGAL E COLONIAS

A. M. ALMEIDA LIMITADA

Rua da Escola Politecnica, 37-A, 37-B — LISBOA

Renault



SOCIEDADE PORTUGUESA DE AUTOMOVEIS, L.^{DA}
A U T O - P A L A C E

GARAGE: Rua Alexandre Herculano

Agentes exclusivos:
RENAULT, DE DION BOUTON, ISOTTA FRASCHINI,
HUDSON e ESSEX

O maior paquete a motor do Mundo

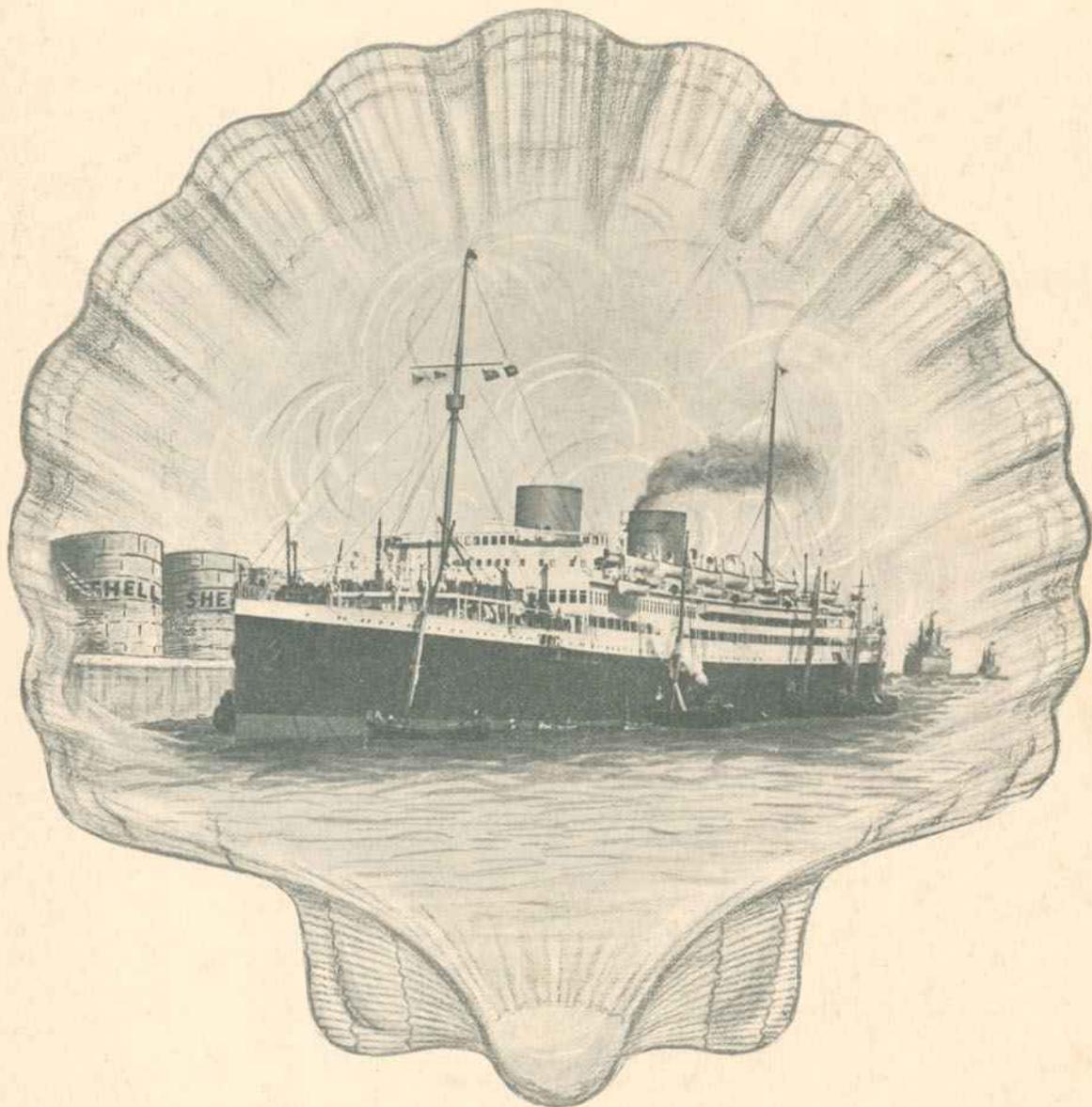
R. M. S. P. "ASTURIAS"

22.500 Toneladas

20.000—H. P

Alimentado exclusivamente
com o COMBUSTIVEL

SHELL



OLEOS Lubrificantes e Combustiveis **SHELL**

THE LISBON COAL OIL & FUEL CO. LTD.

NÃO COMPREM SEM NOS CONSULTAR

Rua do Crucifixo, 49—LISBOA

PORTO, FIGUEIRA DA FOZ, VIANA DO CASTELO, FARO